

A COMPANHIA DE AVALON

UM ESTUDO SOBRE O MANUSCRITO DO IRMÃO SIMÃO

Frederick Bligh Bond
Tradução: Amadeu Ant3no

FREDERICK BLIGH BOND, F.R.I.B.A.

Autor de *O Portal da Memória, A Colina da Visão, etc.*

Director das Escavações na Abadia de Glastonbury para a Sociedade Arqueológica de Somerset, 1908–1921

Prefácio do Autor

Este volume pode ser considerado um suplemento a *O Portal da Memória*, pois prossegue – ou, melhor dizendo, recua – na narrativa da construção e dos construtores do grande mosteiro, transportando-nos a outros tempos. Mais uma vez, oferece-nos material para compor um retrato da perpetuação das memórias e ideais humanos numa esfera de consciência mais harmoniosa e feliz do que a nossa, onde a lembrança individual, já não isolada, se eleva acima das limitações opacas da Terra, abrangendo num escopo mais vasto o pensamento, a vida e a experiência de uma grande irmandade com fins espirituais e conhecimento.

A GRANDE MEMÓRIA DA IRMANDADE

Será anticientífico aceitar, como hipótese de trabalho, a ideia de que com a expansão do conhecimento humano para além dos limites actualmente considerados normais, possa surgir uma ampliação da consciência que, de certo modo, dissolva a rígida linha de separação entre o Eu e o Outro? Conceda-se sempre, desde o início até ao fim, que a lei da evolução mental e espiritual do homem exige o aperfeiçoamento do carácter individual por vias de crescente diferenciação – raças, tribos, grupos e indivíduos, todos avançando continuamente rumo à expressão mais plena de um carácter predestinado, à realização de uma entre infinitas ideias arquetípicas. Concedido isso, devemos ainda reconhecer que essa mesma lei exigirá, para a sua realização sã e racional, que uma grande simetria e perfeição de ordem regulasse a inter-relação dessas unidades infinitamente diferenciadas, se quiserem expressar o Pensamento Cósmico. Na figura do Templo da Humanidade Perfeita, até a mais humilde porção tem a sua forma e lugar próprios, o seu uso e função adequados, e o carácter exacto que lhe compete para o seu propósito específico. Cada parte, então, está relacionada com as demais e com o todo, e a Mente capaz de compreender e apreciar esse todo será consciente – ou intuitivamente ciente – de cada uma das partes. Assim também parece ser o crescimento da Mente individual: caminha, desde já, para o nascimento de uma Unidade Maior. Contemplar o avanço de uma civilização em que as unidades humanas se desenvolvem em linhas de crescente separação, como personalidades auto-suficientes agindo segundo uma única lei dominante – a do interesse próprio de ordem pessoal – é contemplar o inferno e o caos. Levada ao extremo, tal visão faria de toda a associação um mero agregado, e a união de esforços e objectivos entre os homens com vista à melhoria conjunta das condições não conduziria à criação de qualquer estrutura permanente de beleza e valor na civilização. Assim seria porque, na raiz de tudo, estaria sempre o interesse exclusivo e exigente do eu pessoal.

Felizmente, porém, há um limite para a actuação deste aspecto da grande lei, que é dual na sua natureza e rítmica na sua manifestação de impulsos alternados de crescimento. Nenhuma alma pode suportar o isolamento completo; mesmo ao mais autocentrado, chega mais cedo ou mais tarde a dor que rasga e liberta – a revelação da nudez e irrealidade da alma. Assim, cedo ou tarde, mesmo na sociedade mais egoísta, os indivíduos em que o impulso autocêntrico tenha atingido o seu limite experimentarão a grande reversão e, na sua angústia

extrema, rasgarão os muros escuros da sua prisão solitária e renascerão para a vida mais ampla da simpatia comunitária, como participantes da consciência da Raça.

Ora, é suficientemente claro que a vasta maioria da humanidade ainda não atingiu o ponto que assinala a prontidão para o Grande Regresso. Um instintivo egocentrismo pervade os pensamentos e acções dos homens, e isto é tão marcante nos círculos da religião organizada como na arena do comércio ou da vida política e civil. A renúncia aos direitos individuais e pessoais é por toda a parte intensamente contestada, e qualquer tentativa de os restringir é amargamente ressentida. Propriedade, posição, influência, vantagens ou comodidades sociais são tão zeladas pelo dignitário eclesiástico como pelo homem de negócios, e a renúncia aos direitos mais subtis da Personalidade é ainda mais ferozmente combatida do que a dos direitos e posses materiais. O orgulho intelectual é uma das posses mais difíceis de abandonar. E, no entanto, antes que o Grande Regresso possa acontecer, ele também deve ser posto de lado.

Avancemos mais um passo no argumento. Partimos do pressuposto de que o leitor está disposto a admitir a hipótese da sobrevivência da personalidade humana. E aqui pergunto de novo: será anticientífico – ou mesmo antirracional – supor que a grande lei evolutiva que, neste plano, opera para a diferenciação dos indivíduos, deva também naturalmente operar para a perpetuação dessas diferenças alcançadas através do processo da encarnação? Admitindo a sobrevivência, qual poderá ser o estado imediato após a morte da vasta maioria das almas? Estas, como dissemos, ainda não estão prontas para o Grande Regresso, e é nesse estado que a morte as alcança. Lógica e naturalmente, irão para a região daqueles que não estão prontos para uma união espiritual com a sua Raça, e resistirão ou ainda serão incapazes de tal união. Entrarão, assim, em esferas de isolamento relativo e autocentrimento comparativo. A Igreja Católica sempre reconheceu esta realidade e deu-lhe o nome de Purgatório. Aqueles, por outro lado, que estão prontos para o Grande Regresso, não encontram na morte qualquer barreira que os impeça de entrar nessa esfera mais ampla de simpatia espiritual e Vida que nasce da união empática – a esfera e vida do Paraíso.

Segundo esta hipótese, haveria uma diferença fundamental entre uma possível comunhão com almas no Purgatório e com as do Paraíso. As primeiras – de onde provém a maior parte dos factos a que chamamos Espiritismo – demonstrariam limitações notórias de conhecimento e simpatia, e uma tendência a valorizar os sinais mais humanos e exteriores da personalidade. O propósito dominante do buscador deste lado seria a perpetuação dos vínculos perdidos de afecto humano, e, do lado da alma desencarnada, o desejo de reviver os confortos do contacto físico.

Em contraste, consideremos as possibilidades de comunhão com as almas daquelas consciências que romperam a casca da limitação pessoal e se tornaram parte, integral e simétrica, de maiores Unidades espirituais coordenadas numa Inteligência e Simpatia superiores. O carácter individual, os objectivos e propósitos específicos, todos os valores essenciais e acarinhados da Mente e da Alma coexistiriam num meio de inteligência sensível e actividade empática, e cada unidade reflectiria os poderes e atributos do Todo. Transcendidas as limitações físicas de Tempo e Espaço, haveria uma ligação da consciência do Passado e do Presente, e, sendo assim revelada à visão espiritual a cadeia de Causa e Efeito, também o Futuro se daria a conhecer, numa medida proporcional ao grau desse conhecimento. Esse grau seria medido pela simpatia mental e espiritual possuída pela alma do observador, e não teria a natureza da inteligência ou do intelecto físico essencialmente, mas antes da natureza de uma Intuição racionalizada – um reconhecimento instantâneo derivado da união entre Sujeito e Objecto na apreensão mútua de uma relação de VERDADE.

No manuscrito de J. A., publicado sob o título *O Regresso de Johannes*, ocorrem as seguintes passagens significativas. Depois de declarar que, para a "Companhia" dos irmãos cujas memórias são comunicadas, a Abadia permanece ainda intacta, como era no seu apogeu — ou melhor, como era na mente daqueles que conceberam o seu projecto —, somos levados a inferir que a memória unida desses irmãos pode reproduzir toda a sua história. Ao revestirem-se com o manto da recordação terrena, conseguem rememorar a sua história como um todo contínuo.

“Cada um, na sua lembrança, é o elo que compõe para todos nós a bela história de Glaston como um todo contínuo. Assim, eu, estando ligado em espírito com Eawulf, que vem dos antigos Danos, vejo com os seus olhos, ouço com os seus ouvidos, e vivo, na minha própria vida espiritual, a vida que ele viveu no seu tempo... Eawulf — e também o Abade Kent, que amava o Lago e ali se deleitava — acompanham-me e vivem em mim, e eu neles, para ver o pôr-do-sol reflectido nas águas e ouvir a maré a subir entre os juncos do Lago Cock antes de chegar até mim sobre o querido Lago. Assim, estando unidos e ainda assim separados — unidos em simpatia, mas distintos no facto de ele ser ele e eu, Johannes — assim, digo eu, vivemos e possuímos cem vidas onde outrora tivemos apenas uma. Assim somos nós. Não será este o Paraíso dos Santos, e não o Purgatório dos Pecadores, onde todos habitamos, louvamos e nos alegramos como um só?”

Num aditamento ao mesmo manuscrito, que se lê como uma espécie de comentário ao conteúdo previamente escrito, afirma-se que as escolas de pensamento filosófico que outrora influenciaram os maiores pensadores da Terra ainda têm influência sobre os espíritos dos seus devotos nos céus, mesmo tendo desaparecido entre nós enquanto unidades visíveis, e que continuam a operar segundo os seus respectivos ideais, influenciando os que, na Terra, tenham mentes suficientemente sintonizadas com tais ideais para sentir o seu poder. Assim acontece, dizem-nos, com a Companhia de Avalon, um grupo de almas impregnadas do Ideal devocional que outrora foi traduzido em símbolo arquitectónico pelos antigos irmãos beneditinos. Estes, os “Eleitos de Avalon”, combinam-se como uma força espiritual unida num esforço que é, na verdade, uma resposta àqueles de entre nós que, por vontade própria, se tenham sintonizado com as suas “vibrações”. Mas, estando eles próprios, na sua maioria, tão distantes das formas físicas de expressão das verdades que procuram transmitir, escolhem como porta-vozes alguns que, embora libertos em espírito e membros da sua Companhia, tenham conservado tal simpatia pela Terra e pelos que nela habitam que, através dessa simpatia mútua, conseguem atravessar para nós a “ponte do Amor”, entrando na nossa atmosfera e condições de consciência, falando-nos através da mediunidade de alguém cujo organismo esteja sintonizado para a receptividade psíquica.

Pontos de contraste nas condições da mediunidade

A presente colecção de manuscritos foi obtida em condições muito diferentes daquelas que presidiram à produção dos primeiros escritos de Glastonbury. Estes, como se recordará, surgiram pela mão de um homem já versado em praticamente tudo o que podia ser conhecido através de documentos existentes acerca dos edifícios e da história da Abadia. Foi, de facto, um ponto na minha teoria de trabalho sobre a produção de manuscritos úteis que tanto o Sr. Alleyne como eu devêssemos primeiro reforçar a nossa memória latente e equipar-nos mentalmente com todo o conhecimento factual possível. Nunca duvidei de que esse factor contribuiu para o sucesso e, na medida em que as sugestões do manuscrito se revelaram baseadas numa leitura intuitivamente correcta dos dados diversos armazenados no nosso subconsciente, não há necessidade de procurar outra explicação. Desta forma, a história da

capela de 90 pés sempre me pareceu ter surgido de uma faculdade subconsciente de interpretação de dados que o cérebro, funcionando no estado normal de vigília, não conseguiria correlacionar com sucesso. Mas quando nos foi dito, por exemplo, que o Abade Bere havia originalmente projectado a sua capela com 72 pés de comprimento e que o seu sucessor acrescentou paredes em ângulo — presumivelmente um ábside poligonal — para completar os 90 pés, então entrávamos noutra domínio, pois não existia qualquer documento do qual tal conhecimento pudesse ser inferido, nem se tratava de algo passível de ser pura adivinhação.

Necessidade da cooperação de dois na produção do manuscrito de J. A.

Outro ponto a assinalar em relação ao manuscrito de *O Portal da Memória* é que a escrita parecia depender da presença e da intenção conjunta de duas pessoas envolvidas — uma como amanuense e a outra como colaborador animado por um propósito ou desejo consistente de obter o tipo de conhecimento contido nos escritos. O Sr. Alleyne, segundo creio, tentou por diversas vezes obter manuscritos semelhantes, quer sozinho, quer com outros, mas, conforme me disse, os escritos assim obtidos, embora por vezes interessantes, revelaram-se, na sua maioria, de natureza completamente diferente.

Condições contrastantes na produção do manuscrito do Irmão Simão

Quão diferentes são as condições que rodeiam a produção do presente corpo de manuscritos! Para começar, a médium — uma senhora — nunca foi movida por desejo ou intenção de obter tais escritos, nem jamais foi incitada por qualquer outra pessoa nesse sentido. Nada sabendo sobre Glastonbury ou a sua história, e não tendo assim qualquer interesse especial pelo ponto de vista histórico, este elemento desaparece da nossa análise das causas em jogo. O que possui ela, então, em termos de preparação ou predisposição para a obtenção de tais escritos? Primeiro, um interesse geral, como admite, pela história, com certa predilecção por tudo o que se relaciona com a vida monástica; e segundo, uma consciência, presente desde tenra idade, da realidade dos contactos interiores com o mundo espiritual, e a convicção — muito real, no seu caso — de uma mulher de fé de que o artigo da Igreja sobre a Comunhão dos Santos e dos fiéis defuntos é algo mais do que uma confissão verbal, sendo, na verdade, um factor vital na vida de quem acredita nas verdades do ensinamento cristão. Mais ainda, no seu caso, os escritos são produzidos quando está sozinha. A presença física de qualquer outra pessoa seria, sente ela, uma influência inibidora, e apenas em duas ou três ocasiões muito especiais conseguiu obter escritos na presença de outrem. Contudo, sente frequentemente uma espécie de reforço ou auxílio “telepático” que parece colaborar espontaneamente na produção, facto que me tem apontado diversas vezes nas suas cartas. No conjunto, as condições são tão diferentes quanto possível das do outro caso. Há, no entanto, um ponto a assinalar como possível sugestão inicial que pode ter tido algum papel na direcção dos acontecimentos subsequentes. Em 1918, ela leu, algo apressadamente, *O Portal da Memória*, mas sem receber qualquer impressão marcante da parte arquitectónica da obra, já que, segundo afirma, foi o elemento “psíquico” que cativou a sua atenção. Mas, tanto quanto compreendo, nada resultou disso na altura, e o que mais tarde lhe veio espontaneamente em forma de manuscrito dizia respeito à catedral e ao mosteiro de Winchester, bem como à Abadia de Shaftesbury, enquanto outros escritos referem-se à história de um célebre solar em Surrey.

Elementos selectivos no período histórico retratado nos manuscritos

É bastante notável, se reflectirmos sobre isso, que os escritos obtidos por esta senhora retratem a vida e a actividade do mosteiro num período relativamente restrito no tempo, e não particularmente bem documentado ou ilustrado por restos arquitectónicos, visto tratar-se

de uma época imediatamente anterior ao grande incêndio de 1184. Assim é, pelo menos, quanto ao grosso dos seus manuscritos; mas deve acrescentar-se que há bastante mais material que se refere aos tempos mais remotos e à chegada dos missionários apostólicos sob São José de Arimateia. Os seus manuscritos mais recentes preenchem o longo intervalo entre os séculos I e XII com alusões fragmentárias às obras dos grandes abades e construtores que se sucederam, havendo numerosos esforços para colmatar as lacunas da história. Multiplicam-se as tentativas de transmitir uma ideia do progresso e desenvolvimento dos projectos construtivos sob abades sucessivos. Estes parecem frequentemente experimentais, e os comunicadores mostram-se insatisfeitos com os seus esforços, tentando novamente. Parece haver dificuldades na memória, na visualização, ou talvez na distinção de datas das sucessivas alterações. Admitindo, contudo, que estamos a receber as impressões de diversos observadores do “outro lado”, e sabendo quão falhos costumam ser os relatos da pessoa comum no que toca à arquitectura, e quão débil é o poder médio de representar graficamente aquilo que se viu, talvez seja razoável não alimentar grandes expectativas quanto à exactidão do desenho, e não há motivo para assumir que a capacidade de representar objectos materiais se torne mais fácil pelo facto de se ter de usar o cérebro e a mão de outro indivíduo no processo. Seja como for, os desenhos que acompanham com tanta frequência estes manuscritos devem ser considerados notáveis e, embora muitos tenham de ser eliminados por inconsistência, penso que há um conjunto remanescente que poderá bem constituir impressões fiéis e, a partir deles, juntamente com as medidas tão precisamente fornecidas, poderá ser possível traçar um plano bastante detalhado dos edifícios de Ina, Dunstan, Herlewin, Henri de Blois e Robert, bem como seguir as modificações da antiga igreja de madeira, a *Ecclesia Vetusta*, desde a fundação inicial por São José até à obra de protecção final do Abade Herlewin.

A escolha deste período inicial para a narrativa é tanto mais notável quanto a médium — sem dúvida por efeito das impressões que derivara da leitura de *O Portal da Memória* — possuía uma ideia fixa de que o meu interesse arqueológico se centrava nas construções medievais mais tardias. Por conseguinte, quando a recepção dos manuscritos começou a sério (o que ocorreu no início do verão de 1921), ela confessa que sentiu grande relutância em mos enviar, crendo-os inúteis por se referirem às obras de construção mais antigas e, portanto, de pouco interesse ou valor para mim. Os manuscritos têm continuado a chegar, intermitentemente, desde então, e já formam um volume considerável. Nem metade deles pode ser incluída neste volume, mesmo após cuidadosa selecção, pelo que muito material interessante permanece reservado para uma eventual publicação posterior. Entre os manuscritos actualmente retidos encontram-se alguns que dizem respeito à vinda dos primeiros missionários. Uma série paralela de manuscritos sobre o mesmo tema também me foi enviada, provinda de uma fonte totalmente independente. São de origem americana. Trata-se dos manuscritos de Philip Lloyd, cuja primeira parte foi já publicada na revista trimestral *Psychic Science* de Julho de 1923 (n.º 6), e que merecem atenção não apenas pela grande qualidade literária do estilo e composição, mas pela abundância de elementos verificáveis. O manuscrito está repleto de referências a documentos raros e obscuros, pontos históricos pouco conhecidos, etc., e a inteligência comunicante parece dominar todas as línguas, a julgar pelo facto de, na colecção confiada ao meu cuidado pelo Sr. Lloyd, existirem escritos em latim, gaélico, persa clássico e muito anglo-saxónico.

O manuscrito de Philip Lloyd comparado com o do Irmão Simão

A prova de autenticidade e total veracidade de todas as alegações e circunstâncias que rodeiam a produção do manuscrito de Philip Lloyd é absolutamente irrepreensível. Tendo sido

obtido por duas pessoas totalmente ignorantes da história, ou mesmo da existência, das figuras notáveis com as quais ele trata, e quase na mesma medida ignorantes dos lugares mencionados, ele constitui um exemplo clássico do que se passou a chamar “metagnose” — ou seja, “conhecimento supranormal” — complementar aos resultados experimentais do Dr. Eugène Osty, que estabeleceu como facto científico a faculdade de cognição supranormal, que ele denomina “metagnomia”. As experiências do Dr. Osty são com aquela classe de sensíveis a que habitualmente chamamos “psicometras” — termo cientificamente discutível, mas que implica a capacidade de ler, através do manuseio de objectos, a sua história e associações e, a partir destas, muitas vezes, circunstâncias da vida das pessoas que, em tempos, tocaram o objecto examinado. O livro do Dr. Osty foi agora publicado em tradução inglesa, e os seus resultados deveriam ser comparados, pelos estudiosos, com as evidências de conhecimento supranormal fornecidas pela escrita automática e pelas chamadas “provas de livros”. Com estas observações, podemos agora prosseguir com a narrativa de Glastonbury tal como relatada no manuscrito do Irmão Simão, pedindo ao leitor que preste, antes de mais, atenção a um resumo das datas e acontecimentos, com notas biográficas das figuras mencionadas, algumas conhecidas e outras desconhecidas — e provavelmente destinadas a permanecer obscuras.

O manuscrito de Hester Travers Smith

Desde que este volume chegou às mãos do editor, obtive, por intermédio da mesma senhora que serviu de intermediária na produção das agora célebres comunicações de “Oscar Wilde”, um novo conjunto de manuscritos referentes à missão cristã mais antiga em Glastonbury. A convite da Sra. Travers Smith, sentei-me com ela, meramente como experiência, para observar possíveis novos efeitos na alteração da associação entre “médium” e interlocutor. O resultado foi surpreendente. Desde o início, uma nova influência, exclusivamente relacionada com Glastonbury, manifestou-se. Após uma série de comunicações monásticas relativas a relíquias enterradas, salvas dos Danos pela sua ocultação no ano 980 d.C., surgiu uma narrativa completa das viagens missionárias de Filipe, o Evangelista, que afirmava ter sido um dos companheiros de José de Arimateia. A história é perfeitamente coerente e, enquanto narrativa, extremamente cativante. Segue-se a ela outra, que se apresenta como um relato do próprio São José sobre a fundação da Casa religiosa de Glaston. Uma nota sobre o manuscrito de “Filipe” pode ser encontrada no *Guardian* de 14 de Março de 1924. Transcrevo um excerto do manuscrito de José referente à Igreja circular e às Celas:

“Meu irmão, finalmente desembarcámos na Bretanha. Chegámos a um porto do qual nunca mais embarcaremos. Alegrai-vos por termos chegado à vossa própria terra, pois a ela trouxemos esperança e o fim do domínio daqueles que não eram apenas pagãos, mas tiranos. Assim, meu irmão, lembra-te, ao leres a minha história, que éramos doze homens perante uma nação inteira.

Quando deixámos aquela miserável embarcação, sentámo-nos no chão e orámos em uníssono ao Senhor. O meu Pai sentou-se bem no centro, e todos os irmãos se dispuseram à sua volta. E disse ele na sua oração: ‘Aqui estamos sentados, eu, o Pai, no meio dos meus filhos; e assim como desembarcámos, assim nos ofereceremos a Cristo naquela grande Igreja que havemos de construir. Pois humilde será ela no início. A minha Casa, onde será pronunciado o Santo Rito, estará no centro, como eu estou neste momento, e todas as habitações dos meus filhos estarão à minha volta, formando um círculo; pois’, disse o meu Pai, ‘um Círculo não tem fim: e assim também não terá fim a Igreja que construiremos na Bretanha.’

Se dissesdes que representávamos Cristo e os Seus doze apóstolos, então, sim, dissestes a verdade. Mas, no nosso tempo, tal não era tanto símbolo dessas coisas como da Eternidade; é por isso que colocámos a nossa Igreja dentro de um Círculo. Quando primeiro desembarcámos na Ilha da Bretanha, assim nos sentámos e falámos sobre o caminho que tínhamos pela frente e sobre a Igreja que pretendíamos construir sobre uma Rocha de Fé. E resolvemos que, ao chegarmos à construção da nossa Igreja, assim ela seria: no centro, a Igreja ou Santuário, e à sua volta, encerrando-a num círculo sem princípio nem fim. Mas o que dissestes sobre as medidas é verdade, pois muitos dos irmãos eram versados nesse saber, e assim o nosso círculo foi traçado com um triplo propósito: Primeiro, que devêssemos continuar como começámos (o Pai sentado no meio dos irmãos); Segundo, que, sendo nós doze, preservássemos este Sinal sagrado como o era nos Apóstolos do Nosso Senhor; e Terceiro, que o Santuário fosse colocado dentro de um Círculo que o protegesse de todos os perigos.”

Declaração da automatista

Em resposta a um pedido do autor deste livro para uma declaração por parte de S., a automatista, quanto à sua total ausência de conhecimento prévio sobre Glastonbury, foi recebida a seguinte carta, datada de 13 de Setembro de 1921:

“Pergunta-me sobre qualquer conhecimento que eu possa ter tido previamente à minha visita ao local, em Agosto passado, de documentos ou livros existentes sobre Glastonbury.

Não vi quaisquer livros ou plantas relativos a Glastonbury e nunca tive acesso a qualquer manuscrito ou documento sobre o assunto. A minha irmã trouxe dois livros da Biblioteca de Londres no dia 30 de Julho. Um era um velho *Murray of Somersetshire*; o outro, a obra do Sr. Greswell sobre a História. Lamentei não ter tido tempo para os ler antes de partir. A única outra coisa que consultei foi um pequeno folheto — uma espécie de Guia de Glastonbury — mas isso foi muito depois de ter começado a receber os primeiros manuscritos. Li *O Portal da Memória* em 1919. Um amigo emprestou-mo por poucos dias. Li-o com pressa e, sabendo praticamente nada sobre Glastonbury, interessei-me apenas pelo ponto de vista psíquico. Guardei uma vaga lembrança de algumas das suas teorias, do amor de Johannes pela Natureza e da imagem dos alicerces da Capela de Edgar.

TODA A INFORMAÇÃO CONSTANTE NOS MANUSCRITOS ERA PERFEITAMENTE NOVA PARA A MINHA MENTE CONSCIENTE, E NÃO POSSO TRAÇAR QUALQUER FUNDAMENTO PARA ELA EM ESTUDOS ANTERIORES. (Maiúsculas do original. – F. B. B.)

“Quando visitei as ruínas a 18 de Agosto, pareceram-me completamente diferentes de tudo o que imaginara, com excepção da igreja de Santa Maria, da qual tinha visto uma fotografia.”

No final desta carta, encontra-se uma nota redigida pela irmã da automatista, assinada por ela da seguinte forma:

“Posso testemunhar a absoluta veracidade desta declaração.”

CRÓNICA DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS RELACIONADOS COM OS MANUSCRITOS

(*) Indica assuntos, datas ou personagens desconhecidas em documentos existentes, sendo mencionadas nos manuscritos ou, no caso das datas, inferidas a partir deles.

- **47–48 d.C.** — Chegada de **José de Arimateia**, segundo o manuscrito de H. Travers Smith.
Constrói uma igreja circular com doze pequenas cabanas circulares ou cubiculi à volta, todas encerradas por uma parede circular.
- **63 d.C.** — A mesma data segundo Malmesbury e o manuscrito de Simão.
- **108–109 d.C.** — Morte de **Josephes**, filho de José e último dos doze, após 61 anos de residência em Avalon.
Diz-se que enterrou o Santo Cálice num local secreto, descrito nos manuscritos.
- **440 d.C.** — **São Patrício** chega a Glastonbury, 377 anos após José de Arimateia, fazendo coincidir o evento com o ano 63 d.C. A data anterior, 47–48, é preferida (ver acima).
Terá construído uma igreja de madeira (a primeira “ecclesia major”) a leste da Capela de São José, encerrando esta última num edifício rectangular de madeira.
- **c. 460** — **Benignus**, abade.
- **c. 535** — Mencionado no manuscrito de Philip Lloyd (Busca de ARCES).
Abade **Ederyn**.
- **546** — Morte de **São David**, Bispo de Menevia.
*Terá construído uma segunda igreja a leste da *Ecclesia Vetusta*.
- **601** — **Worgret**, Abade de Glaston.
*O rei **Gwrgant**, da Damnonia, doa a terra de Ynyswitrin à *Ecclesia Vetusta*.
- **625–644** — **Paulino**, Bispo de Iorque e mais tarde de Rochester.
*Repara e amplia a igreja de madeira.
- **670** — **Berthwald**, Abade de Glastonbury.
*Torna-se Arcebispo da Cantuária.
- **708** — **Ina**, rei dos Saxões do Oeste, benfeitor do mosteiro.
Constrói uma igreja de pedra; a carta de doação subsiste e foi assinada na igreja de madeira (lignea basilica) em 725.
Abade Elfwyn, guardião do mosteiro antes da nomeação do primeiro abade por Ina. Sepultado no canto noroeste da Ecclesia Major. Governou durante seis anos.
- **719** — **Aethfrid**, Abade.
Recebe terras e direitos de pesca no rio Axe de parte do rei Ina. A grande Igreja dos SS. Pedro e Paulo foi fundada durante o seu mandato.
- **729** — **Gengille**, Abade.
- **744** — **Cuthred**, Rei dos Saxões do Oeste.
Confirma as doações de Ina.
- **754–760** — **Tica (ou Tican)**, Abade.
- **760** — **Cuban**, Abade.
- **772** — **Waldun**, Abade.

- **794 — Bebdulf**, Abade.
Doação de dez hides de terra por parte de Offa, rei da Mércia, à Igreja dos SS. Pedro e Paulo.
- **800 — Cuman**, Abade.
Recebe doações de terras do rei Egberto.
- **824–851 — Cuthlac**, Abade.
- **851 — Ealmund**, Abade.
- **852 — São Swithun**, Bispo de Winchester.
- **857 — Hereforth**, Abade.
- **946 — São Dunstano**, Abade de Glastonbury.
Introduz a regra monástica regular; diz-se que reconstruiu ou ampliou a igreja de Ina em estilo nativo.
- **956 — Elsius**, nomeado abade pelo rei Edwy após o exílio de Dunstano.
- **962 — Aelward**, Abade.
Recebe importantes doações do rei Edgar.
- **972 — Sigegeiro (ou Sicgar)**, Abade e também Bispo de Wells.
Recebe doações de terras do rei Ethelbald e uma relíquia de Alfredo.
- **975** — Morte do rei Edgar, cognominado “o Pacificador”.
*Grande benfeitor da Abadia, sempre comemorado. Sepultado na *Ecclesia Major*.
- **980** — Enterro dos tesouros da Abadia para os salvar dos Danos (segundo manuscrito de H. T. S.).
- **1034** — Morte do abade **Brihtwin**, também Bispo de Wells em 1027.
- **c. 1053 — Aethelwold**, quinto abade após São Dunstano.
*Reconstrói a igreja de Dunstano.
- **1063** — Nascimento de **Ambrosius**, monge.
- **1070–1098 — Walchelin**, Bispo de Winchester.
Primeiro bispo normando: reconstrói a catedral desde os alicerces.
- **1078 — Aylnoth**, último abade saxão, deposto por Lanfranc.
Exilado na Normandia, por desagrado de Guilherme I.
- **c. 1078–82 — Tatwyn**, Prior de Glastonbury.
- **1082–1101 — Turstin (ou Thurstan)**, Abade de Glastonbury.
Continua as obras de reconstrução.
- **1083** — Nascimento de **Simão de Tournai**, mais tarde subprior de Winchester, sob o prior Robert.
- **1086 — Robert de Jumieges**, o mais velho, é trazido por Turstin.
Subprior e Mestre de Noviços na Abadia de Glastonbury.

- **c. 1087** — Nascimento de **Rainaldus**, soldado e monge de Glastonbury.
Turstin terá desmontado o átrio da igreja de Ina e outras partes danificadas pelos Danos.
- **1087** — **Ambrosius** vai como arquitecto para Winchester.
Cedido por Turstin ao Bispo Walkelin.
- **1098** — Morte do Bispo **Walkelin**.
*Sem sucessor durante vários anos. **Gualtérius** é mencionado como continuador da sua obra em Winchester.*
- **1100** — *Simão é levado para Winchester a pedido do Prior Godfrey.*
- **1101–1120** — **Herlewin**, Abade de Glastonbury.
Substitui Turstin e lança um novo e mais ambicioso plano de construção. Constrói em pedra sobre a Ecclesia Vetusta.
- **1107** — Morte do Prior **Godfrey** de Winchester.
- **c. 1110–1120** — **Galfridus**, mestre-de-obras de Herlewin.
Autor de muitos esboços das obras construídas na sua época.
- **1110–1129** — **William Giffard**, Bispo de Winchester (não mencionado nos manuscritos).
- **1120** — **Sigfrid**, Abade de Glastonbury.
Mais tarde Bispo de Chichester.
- **1126–1171** — **Henrique de Blois**, Abade de Glastonbury e Bispo de Winchester (1130–1171).
Constrói a torre noroeste da Ecclesia Major (registos referem-se a ela como torre de sinos). Constrói também o refeitório, dormitório, claustro e sala capitular (vide Adam de Domerham). Sepultado em Winchester.
- **1140** — Nascimento de **Romualdus**, monge de Glastonbury.
Deu-nos muitos esboços e plantas das antigas igrejas.
- **1153** — Morte de **Robert de Jumieges**, o mais velho, então subabade de Glaston.
Tio do segundo Robert e, provavelmente, da mesma família de Robert de Jumieges, Bispo de Londres na época de Guilherme I. Simão e Ambrose fazem peregrinação a Glastonbury.
- **1161** — **Robert de Jumieges (2)**.

Torna-se Prior de Winchester, onde realiza algumas obras de construção.

1171–1178 d.C. — **Robert de Jumièges (2)**, Abade de Glastonbury.
Constrói a torre de sinos sudoeste, as capelas de São Maclou e de Santa Maria Madalena, bem como a torre central baixa, e embeleza toda a igreja com delicado trabalho ornamental em pedra.

1172 d.C. — Morte de **Simão** em Winchester. **Henrique de Souilly (de Soliaco)**, Abade.
Descoberta dos ossos do Rei Artur. Conflitos com o Bispo Savaric de Wells.

1174–1191 d.C. — Reginald Fitz-Joceline, Bispo de Wells.
Nave da Catedral de Wells iniciada por volta de 1180.

1175–1186 d.C. — Hugo de Avallon, Prior de Witham.
Inspirou o novo desenho da Capela de Santa Maria em Glastonbury.

1178 d.C. — Morte do Abade **Robert** aos 55* anos.

1184 d.C. — O Grande Incêndio.
Consumiu todos os edifícios antigos de Glastonbury, com excepção da torre de Henrique (bispo), de uma câmara mortuária e da Capela de Santa Maria Madalena, situada do lado sul do coro.

1184–1189 d.C. — Sem Abade.
Os assuntos do mosteiro são confiados pelo rei a Pedro de Marci, monge de Cluny. Constrói a Capela de Santa Maria segundo as instruções de Hugo.

1184–1189 d.C. — Ralph FitzStephen, nomeado intendente.

1186–1200 d.C. — Hugo, Bispo de Lincoln.
*A Catedral de Lincoln é construída.

PERSONAGENS (DRAMATIS PERSONAE)

AMBROSIUS — Ingressou no noviciado sob o Abade Aylnoth, último dos abades saxões de Glastonbury, e permaneceu como monge durante algum tempo sob Turstin, primeiro abade normando. Actuou como arquitecto em diversas obras deste último e foi enviado para Winchester ainda jovem, provavelmente por volta de 1085, como se depreende dos manuscritos. A antiga catedral de Athelwold em Winchester foi demolida em 1093, restando apenas a cripta e o poço, e Ambrosius refere-se a ela como coisa do passado quando chegou lá, o que indica que a sua chegada foi posterior a essa data. Permaneceu muitos anos em Winchester, e parte da obra oriental de Walkelin poderá ter sido executada sob sua supervisão. Contudo, na sua época, ainda não existia a Capela da Senhora. Mais tarde, diz ter trabalhado ali sob Gualtérius (q.v.), talvez Prior durante um interregno de abades, já que Ambrosius o chama “Abbas”. Regressou a Glastonbury depois de muitos anos, certamente após 1129, tornando-se Prior. Teria então cerca de 66 anos, dado que terá nascido por volta de 1063. Mas terá voltado ainda a Winchester durante o priorado de Robert, já que a sua segunda peregrinação a Glastonbury está registada.

AYLNOTH (ou AGELNOTH) — Último Abade saxão de Glastonbury, homem de grandes capacidades. É apenas brevemente referido nos manuscritos do Irmão Simão, mas figura como personagem central num ensaio simpático nos de Philip Lloyd, onde o seu carácter é defendido contra as acusações de Malmesbury, que demonstra o viés normando ao tratar de figuras de origem estrangeira. Aylnoth foi deposto por Lanfranc em 1078. (Ver “Crónicas Anglo-Saxónicas” na colecção Bohn.)

HERLEWIN (ou HERLUIN) — Segundo abade sob domínio normando. Nomeado em 1101, substituindo Turstin, que fora removido pelo seu tratamento severo aos monges. Não há dúvida de que este abade foi responsável por significativas obras de construção, mas é nos manuscritos que surgem pela primeira vez detalhes das suas realizações. Segundo Galfridus (comunicação de 30 de Agosto de 1927), Herlewin não era normando de sangue, o que é plausível, embora se deva lembrar que havia grande consanguinidade entre famílias influentes da Inglaterra e da Normandia antes da Conquista.

GALFRIDUS — Monge do tempo de Herlewin e arquitecto das obras realizadas nesse período, segundo os manuscritos. Numa comunicação de 23 de Agosto de 1921, afirma ter feito planos para este abade, que se deleitava a discutir arquitectura com ele no capítulo e à mesa. Diz ter ingressado como noviço antes da época de Turstin e ter sofrido muito sob o seu governo. Reivindica (25 de Agosto de 1921) ter visto os edifícios tal como deixados pelos Abades Henrique e Robert, mas depende de Romuald para as recordações do incêndio e da reconstrução. Daí que se deduza que Galfrid morreu entre 1178 e 1184.

GAUFFRED — Mencionado como irmão mais novo de Rainald, anteriormente residente em Jumièges.

HUGO DE AVALLON (na Borgonha) — A influência deste notável construtor (mais tarde Bispo de Lincoln e responsável pela construção da catedral) é perceptível na reconstrução da Capela de Santa Maria após o grande incêndio. O manuscrito do Irmão Simão é estranhamente silencioso sobre Hugo, cujas ideias foram provavelmente executadas por Ralph. No entanto, essa omissão é amplamente compensada no manuscrito de Philip Lloyd, que é totalmente independente.

RAINALDUS — Monge de Winchester e, mais tarde, de Glastonbury, anteriormente cavaleiro sob Guilherme I e II. Terá ingressado na vida monástica por volta do ano 1100. Segundo se depreende, Romuald foi seu noviço. Rainald morreu em idade extremamente avançada em Glastonbury, onde residiu durante muitos anos. A sua morte terá ocorrido antes de 1171. Não conheceu o Abade Robert. Diz-se que morreu com 103 anos e que já teria mais de 90 em 1153, situando-se a sua morte por volta de 1163. Era normando de nascimento, mas a mãe era do Languedoc. Sabia pouco latim. Rainald é um dos desenhistas da Companhia, função que partilha com Galfrid e Romuald, que também serve de escriba.

REGNIER AB ARIMATHIA — “Ab Arimathia” é um nome de fraternidade, e sabe-se que outros monges também o adoptaram, embora a automatista desconhecesse esse facto. No tempo da Declaração da Supremacia Real, no reinado de Henrique VIII (19 de Setembro, 26.º ano), o nome “Joh’nes ab Arimathia” figura entre os signatários. Regnier foi, segundo os manuscritos, *Camerarius* (camarista) sob o Abade Robert.

RADULPHUS (ou RALPH FITZSTEPHEN) — Surge pela primeira vez num manuscrito de 17 de Setembro de 1921, e escreve de novo no dia seguinte, apresentando-se como “Monge e Construtor em Glastonbury”. Afirma ter trabalhado no *scriptorium* após a morte de Romuald, tendo sido formado como arquitecto. Trabalhou na nova Capela de Santa Maria, e assegurou que esta fosse erguida seguindo as linhas da antiga igreja de madeira — a *Ecclesia Vetusta* de Paulino. Trata-se, naturalmente, do

conhecido **Ralph FitzStephen**, camarista do Rei Henrique II, que nessa altura detinha o controlo pessoal da abadia, que permaneceu sem abade durante sete anos. Diz-se que Radulphus trabalhou na reconstrução durante cinco anos, tendo falecido em 1189, ano em que as obras foram interrompidas. (Ver *Adam de Domerham* para mais detalhes sobre Ralph. A sua crónica foi escrita entre 1280 e 1290.)

ROMUALDUS — Noviço e monge de Glastonbury, nascido por volta de 1140, foi em peregrinação a Winchester em 1152, com doze anos. Mais tarde, acompanhou Ambrosius e Simão na peregrinação a Glastonbury. Tinha 44 anos no ano do grande incêndio, sendo então Tesoureiro e monge influente. Romuald é quem nos fornece a maioria dos planos e esboços das primeiras igrejas. A sua morte deverá ter ocorrido após a construção de Santa Maria e antes da de Ralph (c. 1187). Terá sido noviço sob o Prior Robert e monge entre 1160 e 1177.

SIMÃO, Subprior de Winchester — Nascido em Tournai por volta de 1083, foi levado para Winchester como noviço em 1099, com 16 anos. Tornou-se auxiliar próximo do Prior Godfrey, a quem serviu fielmente durante sete anos. O Prior Godfrey, doente crónico, faleceu em 1107.

Na época do Rei Estêvão (1135–1153), Simão estava em Glastonbury, tendo então convivido com Robert (o mais novo), mais tarde Prior de Winchester, mas na altura ainda noviço. Em certa altura da sua carreira, Simão foi Mestre de Noviços em Winchester. Ignora-se quando regressou a Winchester, mas sabe-se que foi Subprior sob o Prior Robert (1161–1171).

Pouco depois de Robert ser chamado a Glastonbury, Simão visitou-o em companhia de Ambrose, tendo regressado a Winchester, onde morreu pouco depois.

Simão não deve ser confundido com **Symeon**, o irmão mais novo de Walkelin, Bispo de Winchester.

TURSTIN (ou THURSTAN) — Primeiro abade normando de Glastonbury, elevado à posição por Guilherme I após a deposição de Aylnoth. O seu governo opressivo é historicamente documentado, culminando em graves conflitos com os monges, que atingiram o auge em 1083. Foi então afastado, sendo substituído por Herlewin.

TURSTIN — Parece ter demolido grande parte do edifício mais antigo e iniciado certas reconstruções, mas estas foram também eliminadas pelo seu sucessor, por serem consideradas de dignidade insuficiente.

GUALTERIUS (ou WALTER) — Desconhecido da história, tanto quanto é do nosso conhecimento actual; contudo, poderá vir a ser identificado mais tarde em documentos de Winchester. Após a morte de **Walkelyn**, houve uma vacância no bispado de Winchester, e assim também no cargo de abade. Esta lacuna durou sete anos, até à nomeação de **William Giffard** como bispo. Quem era, então, **Gualterius**, sob cuja direcção **Ambrosius** afirma ter realizado alguns dos seus trabalhos? Ambrosius chama-lhe “Abbas”, o que poderia fazer facilmente se este fosse um abade interino. Parece bastante plausível que **Henrique de Blois**, embora bispo de Winchester, possa ter delegado poderes abaciais a tal homem. Gualterius poderá ter sido Prior e Abade por cortesia e em virtude de funções delegadas.

INDRACTUS — Monge de Glastonbury, nomeado em honra de São Indracto, um dos companheiros de São Patrício, e que se crê ser do século VI.

ELFWYN — Responsável pelo mosteiro antes da nomeação do primeiro abade na época de **Ina**. Elfwyn não é chamado abade, mas sim “Guardião”. Manteve boa disciplina (manuscrito de 7 de Dezembro de 1921). No seu tempo, os irmãos tinham celas individuais para dormir, mas uma sala comum para as refeições.

FAGANUS — Monge da época de **Dunstano**, nomeado em homenagem a São Fagan. Este monge descreve a natureza dos primeiros assentamentos de eremitas e a Regra Comunitária estabelecida sob **Ina**.

FITZHAMON, RADULPH DE — Mencionado como parente do Abade **Robert**. O nome deste cavaleiro também aparece no manuscrito de J. A., na história de **Eawulf** (ver *O Portal da Memória*).

PATRAIC, o Eremita (Eremitus) — Monge do século VIII, que afirma ter vindo de **Caerleon** para Glastonbury na época do rei **Ina**, e ter visto o rei e a igreja por ele construída. O nome “Patraic” — remanescente do grande Santo — é daqueles que o povo costumava atribuir a sucessivos sacerdotes estimados, em memória dos que partiram. O nosso **Patraic** do manuscrito afirma ter chegado a Glaston apenas para encontrar sete sobreviventes de uma irmandade de eremitas.

PATRÍCIO, ou PATRAIC (Santo) — Afirma-se que **São Patrício** veio a Glastonbury no ano 440, ou 377 anos após **São José de Arimateia**. Subtraindo-se um do outro, obtém-se o ano 63 d.C. como data da vinda de José, o que concorda com a crónica de Malmesbury, embora seja intrinsecamente menos provável do que a data de 47–48 d.C. fornecida no manuscrito de **H. T. S.**.

O homónimo menor de Patrício diz que o grande **São Patrício** ajudou a reconstruir a Igreja original de Santa Maria, erguida pelos primeiros doze. Fê-lo com vime e barro, envolvendo a célula redonda original com a sua estrutura, que era um paralelogramo, curto a princípio e posteriormente ampliado. O manuscrito de **Philip Lloyd** corrobora esta história de forma independente, dando-nos assim mais uma etapa no conhecimento da *Vetusta Ecclesia*.

ROBERT DE JUMIÈGES (o velho) — Nascido cerca de 1060. Veio como monge para Glastonbury ainda jovem, com **Turstin**, em 1082. De disposição afável e pacífica, opôs-se aos métodos violentos de Turstin, sendo a sua família provavelmente influente o suficiente para lhe permitir resistir a esse abade turbulento. Tornou-se Subprior sob Turstin e Mestre de Noviços, entre os quais estava o seu sobrinho **Robert**, futuro abade. Morreu antes de 1161, ano em que o seu sobrinho foi nomeado Prior de Winchester.

ROBERTUS ABBAS (Robert de Jumièges, o jovem) — Nascido no ano de 1123. Sobrinho do anterior. Veio para Glastonbury com cerca de 12 anos e foi instruído na *schola novitium* pelo tio. Desde cedo demonstrou gosto pelo canto coral e entusiasmo pelo trabalho de escrita e iluminação de manuscritos. Durante cerca de 25 anos permaneceu como monge em Glastonbury sob **Henrique de Blois**, que era Bispo de Winchester e Abade de Glastonbury. Abade Henrique parece tê-lo nomeado Prior de Winchester (1160–1161) com 38 anos de idade. Permaneceu como Prior durante 10 anos, sendo elevado à dignidade de Abade de Glastonbury em 1171. Governou até à sua morte, em 1178.

Segundo o manuscrito do Irmão Simão, viveu tempo suficiente para completar a torre de sinos no ângulo sudeste da *Ecclesia Major* — uma torre gémea da iniciada pelo seu grande predecessor sobre as fundações estabelecidas por Herlewin.

As outras obras que lhe são atribuídas pelos cronistas monásticos no manuscrito de **Simão** incluem uma Capela em honra de **São Maclou** (ou **Machutus**), que também servia de hospício

para peregrinos; e uma Capela de **Santa Maria Madalena** no extremo sudeste da grande igreja. Esta é a capela que se diz ter sobrevivido ao incêndio. O manuscrito independente de **Philip Lloyd** também menciona as obras realizadas por este abade, atribuindo-lhe a introdução do fino ornamento cinzelado de estilo românico, muitos fragmentos do qual têm sido recuperados nas escavações.

Foi durante o abadiato de **Robert** que surgiu o primeiro conflito sério com **Wells**, devido a ingerências episcopais. Um esboço deste conflito é incluído nesta obra (ver Apêndice C).

Diz-se que **Robert** morreu de febre, após sete anos de governo. Segundo o manuscrito, o seu corpo está sepultado sob o coro da igreja mais antiga, embora as fontes existentes coloquem o seu túmulo no lado sul da sala capitular.

Foi visualizado como homem de expressão triste, olhos escuros e cabelo grisalho, pouco antes da morte. A sua idade exacta à data do falecimento não é determinada com certeza.

PREFÁCIO DO AUTOR

A “grande Memoria” da Irmandade — Condição das almas nos estados pós-morte e da sua comunhão com os vivos — Retenção das memórias da Terra — Variedades de mediunidade — Necessidade de cooperação na produção da escrita — Contraste entre os escritos de J. A. e S. — Elementos seletivos nos períodos históricos representados nos escritos — Comparação entre os escritos de Philip Lloyd e os de S.

DECLARAÇÃO DO MEDIÚNICO

CRÓNICA DOS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS

PERSONAGENS DO GUIÃO

ÍNDICE DOS GUIÕES

CAPÍTULO I. BREVE HISTÓRIA DAS ESCAVAÇÕES EM 1921

Oposições do clero — Suspensão dos trabalhos da Sociedade de Somerset — A situação atual

CAPÍTULO II. O SURGIMENTO DO NOVO GUIÃO

Recordações da Abadia de Winchester — Fala o irmão AMBRÓSIO

CAPÍTULO III. MEMÓRIAS DOS TEMPOS ANTIGOS

A Abadia de Shaftesbury no século XII — Primeiras alusões a Glastonbury — A Câmara do Tesouro Perdido — Uma estranha coincidência

CAPÍTULO IV. O GRANDE INCÊNDIO

A abadia antes do Grande Incêndio de 1184 — O interregno após a morte do Abade Robert — Hugh de Avallon ajuda os monges — Descrições do incêndio — Esboços dos edifícios antigos — Capela de José em planta circular — A salvação dos tesouros — Características dos edifícios perdidos — Tribulações dos monges

CAPÍTULO V. O QUE O INCÊNDIO DESTRUIU

Plantas das igrejas existentes em 1184 — Obras dos vários abades, com uma Tabela conforme os escritos

CAPÍTULO VI. A “EALDE CHIRCHE”

História tradicional da vinda de José de Arimateia — A primeira igreja de vime — O Círculo dos Doze Sagrados — Interpretação do símbolo no plano da igreja circular e das celas circundantes — Os quatro caminhos — Números e medidas místicas — O nome “Ingous” (Jesus) nos mistérios — A contagem das XII tribos, dos XII signos do zodíaco e dos XII apóstolos, idêntica nos cálculos cabalísticos — Visão de S. das celas — Escritos de ROMUALD — A Linha Bifurcada

— O sepulcro de José — Visão da Eucaristia na igreja circular — Escritos de INDRACT e RADULPHUS — Resumo das medidas simbólicas — A “Gnose” nos escritos de AMBRÓSIO — Esquema geral do povoado circular — Uma notável correspondência nos escritos de Philip Lloyd — Um excelente “teste de livro” — Desenhos interessantes nos escritos de S., mostrando a “Ealde Chirche” em todas as suas fases — Referências finais ao pavimento simbólico — Visão de AMBRÓSIO e WULFERIUS — Um milagre na capela — Referência ao pavimento nos escritos de John Alleyne — O sagrado legado de Glaston

CAPÍTULO VII. HISTÓRIA POSTERIOR DA “EALDE CHIRCHE”

Como a Capela circular foi integrada no templo de madeira — Uma casa de igreja sobre ela nos tempos saxónicos — Desenvolvimento dos temas sucessivos nos escritos — Os sepulcros de Artur, Guinevere e outros — Conexão das memórias dos Irmãos — A Vida Maior e a Grande Comunhão das almas

CAPÍTULO VIII. O IDEAL IMPERECÍVEL DE GLASTON

Ensinar filosofia dos escritos sobre a tradução dos ideais espirituais em imagens mentais e materiais (símbolos) — As regiões subconscientes da alma — O ideal da Abadia de Glastonbury — A sua decadência e a renovação destinada em maior perfeição

CAPÍTULO IX. A CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE MADEIRA

Obras de São David, Bregoret e Paulinus — Influências fenícias — Geometria simbólica do templo — As paredes de madeira — Preservação das antigas medidas de comprimento e largura

CAPÍTULO X. AS OBRAS DO ABADÉ HERLEWIN

As suas ampliações à grande igreja dos SS. Pedro e Paulo — Um plano desta, com torres e capelas — Capela mortuária ou ossário e criptas — Um desenvolvimento inesperado

CAPÍTULO XI. PALINGÉNESE

O regresso dos Irmãos à vida terrena: (a) Por reintegração voluntária nas memórias terrenas e associação mental com os encarnados; (b) pela reencarnação do seu próprio espírito (o eu superior) — A personalidade na Terra como símbolo do carácter espiritual — Analogia com as obras de arte — Aplicação do princípio à vida humana — O que reencarna — Absurdo das noções correntes — Memórias de S. das experiências passadas — GALFRIDUS relata a sua vida como Simão — Recorda o Abade Robert — AMBRÓSIO conta como Jocelin foi perseguido pelo Diabo — Por que razão S. nasceu agora como mulher — Recordações de Simão — Profecia de uma Capela de São Tomás de Cantuária — Outras reminiscências de Robertus Abbas — Ensino geral dos Irmãos sobre a palingénese — Citação de Sir Oliver Lodge — Considerações finais

CAPÍTULO XII. A DESCOBERTA DO MURO DE HERLEWIN

O muro que se revelou por si — Verificação espontânea dos escritos numa semana após a sua redação — Testemunho de uma testemunha ocular

APÊNDICES

(A) SOBRE AS MEDIDAS SIMBÓLICAS

(B) CRÓNICA DOS ESCRITOS SOBRE AS CONSTRUÇÕES DOS DIVERSOS ABADÉS

CAPÍTULO I

BREVE HISTÓRIA DAS ESCAVAÇÕES EM 1921

A nossa história começa com o início da temporada de verão de escavações na Abadia de Glastonbury, no ano de 1921. Os alicerces da Capela de Loreto tinham sido descobertos e demarcados durante o ano anterior, após a habitual inspeção e aprovação por parte da nossa Comissão de Arqueologia, e não havia nada de semelhante no programa para 1921. Assim, tudo indicava que teríamos uma temporada de investigação comum com a pá, concentrando-se o trabalho principal no elevado talude coberto de relva que escondia montes de entulho no extremo norte do transepto norte. Parecia bastante provável que nesse monte restasse algo da parede norte e, se a investigação fosse bem-sucedida, ficaríamos finalmente a conhecer a verdadeira extensão dos "braços cruzados" da grande igreja monástica, de norte a sul.

Alguns leitores talvez apreciem um esboço da situação geral, e tentarei dar brevemente os factos principais. Até cerca de 1907, a Abadia estava em mãos privadas e, com uma única exceção em 1904, não se tinham permitido escavações. A propriedade foi então vendida em leilão público e passou para as mãos de um cavalheiro local que forneceu os fundos necessários para a sua aquisição em nome da Igreja Nacional. Fê-lo por iniciativa do falecido Bispo de Bath e Wells, Dr. Kennion, que por sua vez fora influenciado por um amante de Glastonbury e das suas tradições antigas, tão entrelaçadas com a vida religiosa da nação. No prazo de um ano, por subscrição pública, a propriedade foi resgatada para a Igreja — isto é, para a Nação — e, tanto o capital como os juros tendo sido pagos ao detentor temporário, o local ficou sob custódia de um Fundo Diocesano, com um Comité Geral representativo, que por sua vez delegou todos os poderes executivos e responsabilidade a um grupo de três ou quatro pessoas que, desde o início até ao presente ano, assumiram o controlo total. Estando o local dentro da área de atuação da Sociedade Arqueológica de Somerset, foi feito um pedido para obter o consentimento dos curadores em funções para um programa de investigação arqueológica. O pedido foi aceite, e o autor foi nomeado Diretor das Escavações a partir de junho de 1908, cargo que manteve até 1922, quando a Sociedade abandonou os trabalhos.

Desde o início, o trabalho foi acompanhado pelo sucesso. Em 1908, a descoberta da Capela de Edgar e a revelação das suas enormes dimensões resolveram um problema que há mais de meio século inquietava os antiquários, gerando inúmeras divergências e controvérsias. Entre 1909 e 1913, muitas outras descobertas se seguiram, todas devidamente registadas nos volumes das *Proceedings* da Sociedade Arqueológica de Somerset. Quem ler esses relatórios anuais verá que seguem os padrões habituais da investigação antiquária e que não há alusão directa ao elemento “psíquico” no trabalho. Na verdade, a ajuda recebida por esse meio só foi tornada pública em 1917 ou no início de 1918, quando foi publicado *The Gate of Remembrance*, revelando pela primeira vez a história completa da descoberta da Capela de Edgar. Nessa mesma altura, foi publicado o curioso texto automático sobre a dádiva da Capela de Loreto pelo Abade Bere, juntamente com todos os escassos indícios de prova que, por vias normais, poderiam apontar para a sua possível existência no local indicado; e só dois anos depois, no outono de 1919, é que os argumentos do autor a favor de uma investigação foram aceites, sendo-lhe permitido explorar o assunto. A escavação experimental revelou de imediato o ângulo, há muito oculto, de um edifício no exacto ponto onde foi aberta a primeira vala. A partir daí, as antigas fundações foram sendo gradualmente trazidas à luz, permitindo marcar à superfície as medidas aproximadas dessa capela. Tanto pelas dimensões como pela localização, o resultado confirmou a veracidade dos textos e o cumprimento da promessa está registado na edição recente de *The Gate of Remembrance*, enquanto todos os interessados podem encontrar o registo paralelo, do ponto de vista arqueológico, nas *Proceedings* da Sociedade local já referida.

Surgiu então uma situação curiosa, e creio não haver mal em partilhar com os leitores os contornos principais dos acontecimentos, uma vez que as minhas relações com a Sociedade Arqueológica são de simpatia mútua e deverão manter-se assim, apesar das influências adversas que conduziram à actual dissolução do vínculo entre a Sociedade e os trabalhos na Abadia, e à interrupção de toda a investigação nos últimos dois anos ou mais.

Para se compreender a situação, trata-se aqui de uma Sociedade de grande prestígio no mundo antiquário, provavelmente sem igual em reputação pública quanto à solidez e rigor do seu trabalho. Esse trabalho é científico e desenvolvido segundo os métodos ortodoxos delineados e aperfeiçoados ao longo de gerações por aqueles que se dedicaram à ciência da investigação antiquária. Durante vários anos, essa Sociedade incluiu nos seus *Proceedings* os relatórios anuais destas escavações, imprimindo-os sem questionamento, pois não havia razões para duvidar da sua factualidade e a lógica das teorias apresentadas era, em todos os casos, plausível.

De repente, dá-se a revelação de que, por detrás deste interessante e bem-sucedido plano de investigação, havia um factor até então desconhecido, inseparável do trabalho, mas de natureza nova e estranha, totalmente fora da categoria dos métodos arqueológicos, e à primeira vista subversivo de toda a estrutura metodológica pacientemente desenvolvida desde os primórdios da arqueologia moderna e da criação das sociedades científicas.

Perante tal revelação, o que poderia o Conselho da Sociedade fazer? Poderia dar-lhe reconhecimento oficial? Isso traria de imediato dificuldades quanto à continuação do trabalho, e havia ainda muito por fazer. Mas é possível estar perfeitamente ciente de algo de forma não oficial e, ao mesmo tempo, ignorá-lo oficialmente — e parece ter sido essa a estratégia adoptada. Assim, nos anos de 1919 e 1920, os trabalhos na Capela de Loreto prosseguiram e, nos *Proceedings* oficiais, nada consta além de uma investigação arqueológica normal. No entanto, o conhecimento do novo método tornou-se público e cada vez mais difícil se tornava “fechar os estores” e ignorar o que se tornava evidente.

É impossível, por um lado, fugir aos factos, já registados nas publicações oficiais; por outro lado, a explicação “psíquica” é — e continua a ser — inadmissível nas transacções de uma sociedade académica, tal como actualmente constituída.

Chega, enfim, o momento em que a questão não pode mais ser ignorada, e a inevitável divergência de opiniões sobre a política a seguir manifesta-se. Uma minoria, desfavorável à introdução deste novo e perturbador factor, ganha força e acaba por conseguir a nomeação de um segundo Director de Escavações, encarregado de manter os pontos de vista e métodos convencionais e, assim, acalmar os receios despertados nos círculos oficiais da Igreja pelos efeitos desses escritos, que talvez lhes parecessem espiritualistas, e em qualquer caso perturbadores, devido ao crescente interesse que geravam.

Na realidade, foi o mundo clerical o primeiro a alarmar-se. Pouco depois da publicação de *The Gate of Remembrance*, em 1918, um jornal chamado *The Challenge* — órgão de opinião avançada na Igreja — lançou um ataque de duas colunas contra o trabalho, redigido por um crítico anónimo, dito ser um arquitecto eminente, no qual se afirmava, sem rodeios, que o plano da Capela de Edgar, tal como assinalado no terreno, era “fictício” e “imaginário”. Foi necessário esclarecer o editor (então futuro Bispo de Manchester) de que os alicerces tinham sido devidamente inspecionados e a sua marcação aprovada pelo Comité da Sociedade Arqueológica de Somerset, sendo os curadores da Abadia parte concordante no plano. Seguiu-

se, portanto, uma apropriada retratação editorial, com pedido de desculpas, e o Dr. Temple assumiu nobremente toda a responsabilidade, protegendo o anonimato do seu crítico.

A *Month*, órgão jesuíta, respondeu de imediato, sugerindo primeiro que todo o conhecimento expresso nos escritos era, consciente ou inconscientemente, do próprio autor; e, perante a devida pressão, publicou expressão de arrependimento editorial, lançando em seguida uma segunda teoria: que o autor possuía já há algum tempo todos os dados sobre a localização e dimensões da Capela de Edgar antes da sua “descoberta”, tendo-os colhido de um antigo documento ao qual teria tido acesso privilegiado.

Não foi uma atitude muito generosa da parte de *The Month*, e foi necessário convencer a revista de que o “documento antigo” em questão nunca fora visto ou ouvido pelo autor até mais de dois anos após a descoberta da Capela de Edgar, e que o dito documento se referia, não à Capela de Edgar, mas à Capela de São Dunstano, localizada a oeste do conjunto dos edifícios da Abadia. Também aqui o editor publicou uma expressão apropriada de arrependimento, e espera-se que as futuras relações com o jornal assentem numa boa compreensão mútua.

Estes factos são aqui referidos por duas razões. Primeiro, parece que algumas pessoas que leram os ataques originais — e poderão ter tirado conclusões negativas — não notaram as desculpas que se seguiram. Em segundo lugar, teme-se que o *odium theologicum* esteja longe de estar morto, e que se tenha, mais recentemente, aliado ao *odium archaeologicum* com o objectivo de sabotar o trabalho. Assim, em Janeiro de 1922, surgiu de surpresa um panfleto de sessenta e seis páginas, inteiramente dedicado a refutar as medidas e alegações do autor. As pretensões psíquicas foram alvo de escárnio. As velhas acusações do *Challenge* foram reavivadas e usadas como base para muitos comentários pretendidamente destrutivos. O autor era um clérigo e membro da Sociedade para a Investigação Psíquica, e não há dúvida de que pensava estar a prestar um bom serviço à causa dessa entidade ao refutar pretensões que, a seu ver, poderiam desacreditá-la, apesar de ser um defensor zeloso da mesma. O autor, Rev. H. J. Wilkins, D.D., era amigo e cliente profissional do presente escritor, e deve reconhecer-se que soube guardar bem o seu segredo.

Se as suas conclusões fossem sólidas, teriam sem dúvida anulado por completo o trabalho e suas alegações, obrigando os curadores da Abadia, no interesse geral, a remover tudo o que fora marcado entre as ruínas. No entanto, num momento crítico, o panfleto foi retirado de circulação pelo próprio autor, tendo sido acordado que o republicaria numa versão não ofensiva. Assim surgiu uma nova brochura, com noventa páginas, intitulada *Uma Nova Crítica às Alegações Psíquicas Relativas à Abadia de Glastonbury, Etc.* O autor baseia a sua crítica numa teoria segundo a qual o comprimento total das ruínas da Abadia, tal como estavam antes da descoberta da Capela de Edgar, era de 510 pés, e que, dado que a maioria dos registos antigos indica uma medida total de 580 ou 581 pés, a diferença não pode ultrapassar uns 70 pés — esse seria, portanto, o comprimento máximo da Capela de Edgar, não podendo esta ter 90 pés, como o autor a mediu. Mas, segundo ele, a parte rectangular da capela descoberta mede 70 pés. Portanto, os muros angulares além desse ponto, a leste, que o autor identificou como ábside poligonal, não fazem parte da Abadia e devem ser excluídos. E, assim, todos os escritos são considerados um disparate.

Aqui temos a típica produção do antiquário de poltrona. Trabalhou com grande zelo para recolher todas as tradições e opiniões relativas ao comprimento das ruínas, a fim de sustentar a sua tese, e está tão convencido de que estas estão correctas que nem sequer admite que a

medida elisabetana de 594 pés, como comprimento total, seja fiável. Considera que o número elisabetano 7 pode ter sido confundido com um 9. Assim, deveria ser 574!

Mas, com toda a sua assiduidade, omitiu uma pequena precaução: parece não ter medido pessoalmente as ruínas. Se o tivesse feito, teria feito uma descoberta bastante desconcertante — os seus 510 pés existem apenas no papel, sendo que o comprimento real é apenas de 502 pés de ponta a ponta, não ultrapassando os 494 pés dentro dos muros. E, para além disso, temos ainda a extensão oriental da parte rectangular da minha capela, que ele diz ter 70 pés. Ele pode pensar assim, mas eu não consigo obter uma medida exterior ou acumulada que se aproxime sequer disso. Portanto, precisamos da ábside para perfazer a medida total.

Aos seus olhos poderei ser um sonhador, mas afirmo ser prático no que toca a medidas materiais; e será com satisfação para os meus leitores que informo que, antes de divulgar as minhas conclusões ao público, obtive do Engenheiro Municipal de Glastonbury uma medição certificada, feita com corrente, das ruínas existentes, sendo o seu comprimento máximo, segundo ele, de 502 pés, não mais. Sei bem, e sempre soube, que existem medidas tradicionais que incluem a Capela de Edgar e que totalizam 580 ou 581 pés, mas estou preparado para mostrar e provar que essas são medidas interiores, que coincidem perfeitamente com a medida elisabetana de 594 pés, agora demonstrada como sendo a exterior. Encontro factos do meu lado do princípio ao fim, e só posso lamentar que o meu opositor clerical não tenha pensado em verificar pessoalmente as medidas das ruínas antes de publicar a sua brochura dispendiosa e elaborada. Criou trabalho para o tipógrafo — nada mais.

E agora, tendo cumprido o pouco agradável dever de esclarecer estes assuntos e de assim fornecer aos amigos do trabalho uma arma de defesa, passo a uma tarefa mais do meu agrado: contar a história da chegada do novo guião.

CAPÍTULO II

A CHEGADA DO NOVO GUIÃO

Foi no início de Junho de 1921, por altura em que me preparava para o programa da temporada de escavações de verão, que recebi uma carta de uma velha amiga, com quem não tinha contacto há muito tempo, dizendo-me que uma senhora, de seu conhecimento superficial — a quem, para efeitos desta narrativa, chamaremos S. — desejava entrar em contacto comigo relativamente a assuntos de Glastonbury. S. vive numa cidade do sul do país — digamos, perto de Winchester. O contacto foi feito e, no dia 16 de Junho, recebi uma carta de S. Nela dizia-me que recebera um curioso guião relacionado com Winchester, nos tempos em que era uma abadia.

Ela confirmou a data do guião como sendo de 1 a 12 de Agosto de 1919. Em Setembro seguinte, durante uma visita a Winchester com uma sobrinha e um sobrinho que estavam hospedados consigo, pôde verificar algumas das afirmações feitas no guião, que dizia o seguinte:

“Quereis saber de Wintonceastre? É difícil escrever para vos fazer compreender. (Eu, AMBROSIUS) voltei a viver quando os homens falavam uma língua semelhante à vossa actual, e agora consigo lembrar-me da vossa um pouco. Sub-prior Simão sob o Prior Godfrey tu eras, e eras Mestre do Noviciado. Eram apenas oito. Vieste da Flandres no ano antes de o Rei ser morto em Boldrewood (o que corresponderia a

1099). Laus Deo! Muito mal fez ele, e grande mal trouxe sobre o Minster — a torre caiu-lhe em cima depois!

Eras muito versado em livros para os monges de São Swithun. Ninguém pensava na velha igreja de São Ethelwold, a não ser para a destruir nos nossos dias, excepto por uma Kapella et fontes (Altar-Mor acima) agora nas criptas da igreja menor.”

Por outras palavras, este monge, desconhecido da história, teria dito a S. que, no seu tempo, tudo o que restava da antiga igreja era uma capela na cripta, contendo um poço, situada mesmo sob o Altar-Mor da igreja superior. Prossegue, em latim monástico, dizendo que os noviços praticavam a escrita nos claustros, e que era frio do lado oeste. Na sala aquecida havia assentos para os padres que ali esperavam para celebrar a Missa na hora de Tércia. Diz ainda que havia três altares a leste do transepto, para além da porta dos peregrinos.

“A chasse, como agora lhe chamais, de São Swithun, estava no coro nos nossos dias; nenhuma capela de Nossa Senhora havia a oriente.”

Ou seja, no seu tempo, o relicário de São Swithun encontrava-se no coro e não havia capela de Nossa Senhora no lado oriental.

AMBROSIUS faz a surpreendente afirmação de que voltou a viver numa altura em que a nossa língua já se aproximava da forma moderna, e que S. foi na realidade o sub-prior de Winchester nesses tempos antigos. Esta insistência no facto do renascimento — não, como estes comunicadores monásticos explicam cuidadosamente noutro ponto, como consequência de uma lei geral, mas antes como algo excepcional ligado à missão de certas almas — está presente em todo o corpo de textos. Esta linha doutrinária de palingénese está de tal modo entretecida com todos os escritos recebidos por S. que não pode ser dissociada. Enquanto seu editor, apenas importa afirmar que a publicação dos textos não implica qualquer aceitação, nem da parte dela nem da minha, daquilo que vulgarmente se entende por “reencarnação”. A Igreja ensina, de facto, a Ressurreição do Corpo, embora habitualmente se entenda que se trata de um corpo espiritual, diferente do nosso. S., como mulher prática de fé, manteria essa visão. Até onde sei, nunca foi influenciada pelas doutrinas teosóficas actuais sobre o renascimento. Pode ser monástica em espírito, pois os seus ideais apontam claramente nesse sentido, e abraçou voluntariamente uma vida que, não fossem os votos, poderia muito bem ser chamada monástica. Dedicou-se sobretudo ao trabalho junto dos pobres.

Mas para os autores monásticos dos guiões, ela é sempre o irmão Simão, outrora sub-prior de Winchester, e por eles amado como membro da sua Irmandade.

O facto de o irmão Simão ter renascido como mulher parece não ter grande significado para eles. É apenas um facto físico; poderá, talvez, determinar a natureza da experiência e do trabalho atribuídos à alma por razões válidas e suficientes. No caso do irmão Simão, essa razão é dada e definida no guião de 12 de Setembro de 1921 (ver p. 131).

Só ocasionalmente os irmãos afirmam ser capazes de visualizar a forma e os pormenores dos objectos terrenos. Normalmente, dizem ver com o “olho do espírito”, e essa visão não tem relação com os detalhes materiais. Contudo, por vezes o contacto com o físico parece ser mais completo e, quando isso acontece, parece haver reciprocidade — S. é então capaz, em certa medida, de visualizar a aparência dos monges tal como poderiam ter sido vistos no seu tempo.

Há algo que não é incongruente com a razão na ideia de que a alma aprenda tolerância e compaixão deste modo; pois o desenvolvimento da simpatia implica a experiência das

condições que nos são alheias, e a verdadeira experiência é aquela que é vivida, não apenas observada do exterior. Resta saber se algo que não seja uma experiência pessoal concreta pode gerar verdadeira simpatia, e, se for assim — e se admitirmos que o aperfeiçoamento da alma na simpatia é um dos aspectos do objectivo evolutivo — então decorre logicamente que, algures e em algum momento, deverá ser preparado o cenário para que tal experiência se realize. E se isso ocorre nesta Terra ou noutras Terras, parece ser uma questão secundária, desde que o ambiente necessário seja providenciado.

CAPÍTULO III

MEMÓRIAS DOS TEMPOS ANTIGOS

HISTÓRIAS DA ANTIGA ABADIA DE SHAFTESBURY

Por volta da mesma altura em que foi recebido o curioso escrito de AMBROSIUS, S. teve, certa noite, um sonho estranhamente vívido com a antiga igreja abacial de Shaftesbury. Na sequência desse sonho, surgiu um guião, que infelizmente ela não conservou, acompanhado de uma planta que mostrava o traçado das fundações de forma muito semelhante à sua disposição actual, com uma exceção notável: não havia nave sul! Esta omissão curiosa levou S. a pensar que a nave sul teria sido um acrescento posterior à igreja. No seu sonho, viu o relicário de Santo Eduardo, Rei e Mártir, e também na planta ele surgia, colocado do lado norte, mas sem estar encostado à parede. Era um relicário baixo, pouco elevado do chão, o que estaria de acordo com os arranjos antigos. O sonho era dramático. Havia terror e angústia entre as mulheres santas que se defendiam dentro da igreja contra um assalto. Golpes fortes eram desferidos contra a porta de carvalho robusto no lado sul da igreja. Do lado de fora, homens rudes pareciam um bando de foragidos. Logo a porta foi arrombada e os homens forçaram entrada pela igreja até à capela no corredor norte, onde repousavam os restos do rei martirizado no seu relicário baixo, coberto por um novo e rico pálio carmesim, pesadamente bordado.

À medida que os homens se aproximavam para profanar o relicário, uma freira lançou-se corajosamente sobre ele, desafiando os foragidos a tocá-lo. Nos degraus acima, estava a abadessa. O sonho então desvaneceu-se, deixando uma forte impressão, como se de um evento real na história da Abadia se tratasse. Mais tarde, S. tentou localizar tal evento nos registos, e descobriu o seguinte: em certa ocasião, consta que os monges de Glastonbury tentaram adquirir as relíquias do jovem rei, santo da Abadia. Nunca o conseguiram, mas é facto que por mais de uma vez as exigiram. Se, no entanto, chegaram ao ponto de contratar foragidos para as roubar, não se pode afirmar, pois S. não encontrou ainda qualquer indício disso nos documentos que consultou.

O INÍCIO DOS GUIÕES DE GLASTONBURY

As fundações de Shaftesbury exerciam sobre S. uma fascinação quase irresistível. Visitava frequentemente o local e demorava-se nas imediações. Mas não era apenas Shaftesbury que a atraía. Havia muito tempo que sentia que, de todos os lugares, Glastonbury seria aquele onde mais provavelmente conseguiria "ver" e "ouvir" — o local mais certo para lhe transmitir imagens do passado. Escrevendo a 16 de Junho, S. dizia:

“Os guiões não surgem com frequência, e nunca consigo obtê-los por tentativa. A minha irmã e eu temos planeado uma peregrinação a Glastonbury no início de Setembro.

Se estiver por lá nessa altura, gostaria de conversar consigo, e talvez possa ser de alguma utilidade. Envio em anexo um guião estranho que recebi esta noite. A princípio pensei que fosse sobre Shaftesbury ou Winchester, mas a alusão a ‘boca do papagaio’, ‘Rei Artur’, ‘nosso Abade’ e ‘Bispo Walkelyn’ aponta para Glastonbury.”

Assim começa a série de notáveis guiões, que continuaram a surgir com frequência ao longo de todo o período de escavações em 1921, e que se revelaram de facto muito úteis.

A CÂMARA DO TESOURO PERDIDO JUNTO À PORTA NORTE

A primeira história que AMBROSE conta sobre Glastonbury refere-se a uma câmara oculta ou abóbada subterrânea situada a norte das ruínas da Abadia, não longe da antiga Porta Norte. Essa porta já não existe, mas sabe-se exactamente onde ficava e, não fosse o facto de atualmente existirem jardins nesse sector do terreno, seria fácil procurar a câmara. O guião é o seguinte, ao qual foi adicionado um segundo texto com diagrama, recebido a 20 de Julho, sobre o mesmo assunto:

16 de Junho de 1921

“Só por memória: Um caminho partia das ruínas e descia até à grande Porta ou Pórtico, para a cidade. Abaixo desta, à direita, havia cavernas. Nelas armazenavam-se cereais e vinhos em boa quantidade. Também se dizia que, para além delas, nas obras dos pedreiros, havia uma câmara de 16 por 16 onde o thesauri — o tesouro — da Abadia podia ser escondido; e dizia-se que muito foi escondido dos homens do Norte. Mas depois, ninguém conseguiu encontrar a dita câmara. Foi no tempo em que os homens do Norte chegaram à ‘boca do papagaio’ e causaram muitos danos. Alguns diziam que lá estava guardada a espada do Rei Artur. Dizia-se que a câmara estava perto da Porta, para que, caso a Abadia fosse tomada, o tesouro pudesse ser levado em segredo para a cidade através de um grande esgoto que passava por ali.

“Mas dessa câmara só ouvi falar: nunca os meus olhos a viram.”

“A velha igreja estava terminada. Walkelyn, o Bispo, pediu ao nosso Abade que eu fosse ajudar na construção do Mosteiro de São Swithun.”

20 de Julho de 1921

“Uma pedra esculpida ‘à dextra’. Procura-a.”

“Uma câmara fechada: mas é possível que já tenha sido encontrada antes dos nossos dias. Faz o teu melhor, irmão, para encontrar ‘à dextra sobre a pedra. Procura as pedras gravadas.”

“Muitas vezes desejei ardentemente encontrar essa câmara fechada no caminho coberto até à porta da cidade. Procura-a se puderes.”

“Um monge que durante 111 anos estivera no claustro de Glaston disse ter ouvido falar dela a um antigo thegn que ali viveu como corrodier.”

(Nota: Desde os primeiros tempos, era costume nos mosteiros dar abrigo a idosos e enfermos. Este antigo nobre saxão teria sido um pensionista da Abadia. Um "corrody" era um subsídio ou pensão.)

O guião interrompe-se aqui com uma reminiscência interessante da viagem de Ambrose, em companhia de Simão, de Winchester a Glastonbury, passando por Shaftesbury. É algo sarcástico quanto à relíquia solitária tão prezada pelas freiras de Shaftesbury — parece quase a fábula da raposa e as uvas!

“Tinhas grande amor por São Swithin, assim como eu, AMBROSIUS, tinha pela velha igreja — mais antiga do que qualquer outra nesta terra. Lembro-me bem de quando viajei de novo para Glaston e tu também me acompanhaste, com um noviço.”

Segue-se então uma passagem em latim, aqui traduzida para comodidade do leitor:

“Éreis peregrinos à Ecclesia Vetusta, cujas paredes, segundo um antigo documento no scriptorium, foram construídas por São José com madeira e chumbo. Admiráveis eram as grandes igrejas de São Pedro e São Paulo que se erguiam a leste daquela.”

E prossegue em inglês:

“Arcos redondos, como dizem, a oriente, com véu de santuário — uma parede perfurada com um arco, através do qual se via o Mestre Altar (Altar-Mor).

Agora não vejo nada disso — apenas ruína — tudo desfeito e caído — ai de nós! E a razão por que não me é negado mostrar-vos estas coisas é porque, ao pensar e escrever sobre estes lugares sagrados, parte da Fé que ali era vivida retorna aos homens.”

A VIAGEM DESDE SHAFTESBURY — UMA COINCIDÊNCIA ESTRANHA

“Vede-nos então, peregrinos, a cantar enquanto aguardamos, pois era já depois de Pentecostes e tudo era muito verde e belo.

Desviámo-nos até Sceaftonsbyrig com muitos outros, para a Festa da Translação do Rei Eduardo. Mas o Mosteiro ainda não estava completo: apenas o relicário estava ricamente adornado com muitas jóias — mas pobre aos meus olhos depois dos de Glaston!

As freiras podem alegrar-se com o seu Santo e o seu relicário — e é um Rei também! Mas que nos importa isso, a nós que temos a Velha Igreja como um relicário por si, com Reis e Santos?”

“Assim partimos, e do monte, estando o dia claro e límpido, avistámos o Tor ao longe, através da planície, e rejubilámos, e cantámos em louvor de São José e São Dunstan, e alguns peregrinos juntaram-se a nós.

Não te lembras? Já não eras jovem, e foi a tua última viagem. E muito te maravilhaste.”

Este guião seguiu-se ao sonho já relatado do episódio na igreja de Shaftesbury. Na altura, S. desconhecia por completo que coincidia com qualquer tipo de efeméride; mas, ao consultar o calendário, descobriu que a data correspondia à Festa da Translação de Santo Eduardo. Este não é, de forma alguma, um caso isolado de tal coincidência. Muitos dos guiões surgiram em dias de santos que se revelaram tematicamente apropriados. O mesmo foi observado nos escritos de Philip Lloyd.

Parece ser verdade que, num dia límpido, o Tor de Glastonbury pode ser visto da colina de Shaftesbury. A peregrinação ter-se-ia realizado pouco depois do ano de 1150, durante a abadia de Henri de Blois em Glastonbury, o que justificaria a visita dos monges de Winchester. A referência ao Minster de Shaftesbury ainda incompleto parece coincidir com a impressão onírica de que a nave sul ainda estava em falta — poderá ter estado em construção na época.

CAPÍTULO IV

O GRANDE INCÊNDIO DE GLASTON

O incêndio que provocou a destruição de todos os edifícios mais antigos e venerados do mosteiro de Glastonbury constitui o maior marco da história da sua arquitectura, e tudo o que hoje vemos no local data de um período posterior. Foi uma catástrofe terrível, que deve ter deixado os pobres monges de coração partido, além de lhes causar grande sofrimento material. Nada, segundo os registos, sobreviveu — excepto uma torre sineira construída pelo Abade Henri de Blois, uma câmara cuja função permanece por identificar e uma capela solitária. Até o nome desta capela se tinha perdido. Talvez agora o tenhamos recuperado através destes escritos, juntamente com a sua localização e desenho; mas trata-se de algo que permanecerá sem possibilidade de prova física.

A ORDEM DO GUIÃO DO IRMÃO SIMÃO

Tem havido alguma dúvida quanto à melhor forma de apresentar ao leitor a sequência dos acontecimentos, já que o guião não segue uma ordem cronológica. De facto, começa com a história do incêndio e depois recua para nos contar sobre os edifícios anteriores, invertendo, em certo sentido, a ordem dos acontecimentos. Os leitores, portanto, poderão consultar a Crónica caso sintam alguma confusão. Começaremos com o Incêndio, tentando compor uma narrativa coerente, ilustrada com as muitas citações do guião do irmão Simão e de Philip Lloyd.

O INTERREGNO

Parece que, após a morte do Abade Robert, em 1178, não foi formalmente eleito um novo abade durante alguns anos. Na época do Grande Incêndio, o mosteiro encontrava-se sob o controlo de Peter de Marcy, um monge de Cluny. Este monge parece ter tido sentimentos alheios ao espírito da casa, e o estado do mosteiro sob a sua autoridade esteve longe de ser feliz. No entanto, durante os últimos anos de vida de Robert, surgiu na região uma influência amiga e poderosa, na pessoa de Hugh, Prior do mosteiro cartuxo de Witham, vindo de Avallon, na Borgonha — o que pode explicar o afecto que demonstrou pelo seu venerado homónimo na terra que adoptou.

Sabemos que Hugh levava uma vida santíssima e possuía os mais elevados ideais. Enquanto Prior de Witham, realizou um trabalho notável ao estabelecer a ordem naquela colónia de monges cartuxos, vencendo muitas dificuldades locais. Uma vez instaurada a paz e a ordem em Witham, pôde prestar assistência aos vizinhos de Glastonbury. A Abadia de Glaston, na altura do incêndio, encontrava-se sob a tutela do Rei Henrique II, o Angevino — um monarca capaz, mas extremamente avarento. Hugh gozava de grande favor junto do rei, o que o colocava numa posição ideal para exercer supervisão. Suspeita-se que tinha mesmo alguma autoridade nesse sentido, concedida pelo monarca, e é plausível, como o guião sugere, que houvesse desordem e desperdício sob a administração do monge de Cluny.

Podemos agora retomar a narrativa do guião, onde se detecta uma insinuação de ciúmes por parte de Peter, e o desejo de neutralizar os esforços de Hugh para embelezar os edifícios

existentes — que, pelo que se depreende, eram uma colcha de retalhos de vários estilos e épocas.

P. L.

“Nos tempos de Herlewin decidiu-se que os desenhos de Turstin não tinham dignidade suficiente. Então, pouco antes do incêndio ocorrido em 1184, Hugh já se encontrava em Witham, visitara Glastonbury e dera início à Capela. Depois veio o fogo e, em seguida, Ralph FitzStephen foi enviado por Henrique e... construiu, segundo os planos de Hugh, certas partes de Glaston que haviam sido desenhadas antes do incêndio... e, durante o período sem Abade, estiveram sob influência de Hugh, faltando-lhes liderança, e desaprovando o monge de Cluny enviado por Henrique... Assim, o Capítulo podia regozijar-se por ter alguém em quem confiar nos dias de desordem, pois o Prior de Witham vinha frequentemente até eles pelo desfiladeiro nas colinas, e por onde passava, da cave à hospedaria, muito desperdício era evitado graças ao seu sábio conselho. Mas era entre os pedreiros que mais gostava de se demorar, conquistando até Guthlac para a beleza simples de um projecto de Capela que pudesse consagrar e perpetuar a visão do Fundador.

“Ora, enquanto os operários começavam a trabalhar sob a sua direcção, quer por ciúme de Peter, quer por negligência com as velas do altar, chamas mais ferozes do que qualquer tocha viking devastaram o mosteiro numa noite de ventos fortes. Por léguas, através do pântano, ardia a fortaleza — uma tocha monstruosa na escuridão — até que caiu, negra e consumida. E ninguém saberia a que santo se virar, não fosse Hugh a encorajar os Irmãos e, com o seu prestígio junto do Angevino, conseguir os serviços de Ralph FitzStephen para retomar os trabalhos. Então, a Capela de Maria ergueu-se sobre uma base de força rochosa.”

É curioso considerar que escritos de tal pormenor, redigidos em inglês literário, nos cheguem agora de pessoas que vivem além-mar, de ascendência inglesa, mas sem qualquer familiaridade com a história de Glastonbury ou com a vida monástica neste país. Os guiões de Philip Lloyd não reclamam ter origem nos Irmãos da Companhia de Avalon, nem apresentam qualquer tom monástico. Bem diferentes são os de Simão, onde se sente intimamente a vida do mosteiro, reforçada pelo inglês arcaico que lhe confere ainda mais autenticidade. No entanto, mesmo no caso de S., não há conhecimento pessoal directo das circunstâncias descritas no seu guião.

S. (20 de Julho de 1921):

“Há aqueles que procuram e desejam trazer de volta o que se perdeu. A *Ecclesia Major* foi consumida pelo fogo, mas o nosso irmão Ambrose já há muito partira deste mundo, e junto ao muro sul *obdormivit in Domino*. Lutámos noite e dia contra as chamas, mas nada pôde ser salvo — nem a *ecclesia vetusta*, nem a *ecclesia major*, todas ardidas até ao chão!

“Ninguém soube ao certo, mas alguns diziam que o *Velum Sanctuarium* — véu de obra rica pendurado no arco do muro do santuário — incendiou-se com uma vela de cera fina, levada diante do Prior no Evangelho da Missa da Tércia; e um vento grande e poderoso espalhou as chamas. Eu, sendo *Hordarius* na minha torre, não estava presente.”

Os leitores notarão a concordância entre os dois relatos quanto ao vento forte na noite do incêndio. A menção ao Véu do Santuário é interessante; nos tempos antigos, a entrada do santuário estava sempre velada dessa forma, e o Evangelista vinha ler o Evangelho do lado de fora da porta do ecrã do santuário (ou *eikonostasis*). A abertura na parede entre o coro e o santuário era frequentemente muito estreita. Ainda restam alguns exemplos disso no país, apesar das alterações posteriores — como na pequena igreja de São Lourenço, em Bradford-on-Avon, onde a abertura não é maior do que a porta de uma casa.

O esboço aqui apresentado acompanhava um dos guiões posteriores de S. Seguimos agora com uma citação de outro guião subsequente, onde fala Romuald, desejando explicar o que foi destruído:

26 de Julho de 1921

“Lembra-te bem, tua *Ecclesia Vetusta* era redonda, dizem, na sua primeira construção, de madeira e vime. Depois, construíram por cima uma casa de madeira. Essa era aquela que vistes depois — tudo queimado até ao chão. E a igreja de pedra que agora resta, mas toda quebrada e caída. Notai bem, vós que buscais relíquias da *Ecclesia Vetusta*, que a cela dos Santos era redonda. Na verdade, não a vi, mas na velha igreja ainda restavam partes, depois tudo ardeu. Ai de nós! E tudo aquilo era tão santo e sem preço. Ninguém soube qual dos acólitos incendiou o véu. Graças a Ti, Senhor, que ninguém ardeu no Lugar Santo — mas mesmo assim tudo o que estava na *Ecclesia Major*.”

Nos nossos dias, havia um caminho coberto de madeira, desde a grande igreja até Santa Maria. Assim vi então as duas novas igrejas antes que morresse: uma bela capela para a *Ecclesia Vetusta*. E alguns ficaram contentes, mas eu não! Sobre o pavimento, linhas e símbolos para mostrar onde a *Ecclesia Vetusta* estivera, e os santuários sagrados que lá se encontravam. E na *Ecclesia Major Sancti Petri et Pauli*, nada da *Ecclesia Vetusta*,
Caminho Coberto
ou Igreja Velha (*Ealde Chirche*),
Ecclesia Major.

Nenhuma parede a velar o Altar-Mor — talvez por receio dos jovens acólitos que em tempos provocaram tamanha labareda; e bem podia ser verdade! E os sacerdotes, durante a Missa, diziam ou cantavam o Evangelho a norte, no Altar: não desciam do Santuário. Mas nós, os monges mais velhos, não gostávamos — tudo era belo, belíssimo e branco como podia ser.

Ai de nós, pobres monges. Pode-se bem compreender o quanto estas novidades no culto e as mudanças litúrgicas, tão estranhas aos velhos costumes, lhes foram repugnantes. Desde tempos imemoriais, a Inglaterra seguira os ritos do Oriente nestas matérias, e o velar do santuário fazia parte de um simbolismo querido, que inspirava reverência na celebração dos Santos Mistérios. Nunca perdemos totalmente essa tradição no nosso país. A cortina do crucifixo (*roodscreen*) sempre foi uma característica indispensável nas nossas igrejas paroquiais e assim permaneceu, apesar das mudanças da Reforma.

Romualdo continua a contar o que se salvou do desastre:

“Alguns tesouros os homens conseguiram salvar: o grande cálice de ouro, a grande cruz do Rei

Edgar — sem a imagem de Nosso Senhor nela: alguns dizem que a espada do Rei Artur, e que o nosso Rei Henrique a tomou, pois deu muito para reconstruir: mas disso sei pouco, e a língua que agora usais torna difícil e penosa a narração. Apenas, olhai bem se por acaso algum madeiro queimado da antiga cela redonda estiver na terra, pois aí, verdadeiramente, tendes a igreja mais antiga de toda a Inglaterra — verdadeiramente a mais sagrada de todas as Casas.”

Romualdo não podia imaginar que, séculos mais tarde, toda essa terra sagrada fosse escavada para que se construísse uma cripta sob o chão da Capela de Santa Maria. Para onde foi lançada essa terra, não sabemos, mas há uma espessa camada de detritos carbonizados sob as altas bermas de relva do lado norte, e pode ser que essa camada represente parte do material lançado fora. Romualdo diz ainda que havia três altares na *Ecclesia Major*, e apenas um na *Ecclesia Vetusta*. Estes novos altares foram colocados afastados da parede para que o sacerdote pudesse ficar por detrás deles.

“Altares isolados, para que os padres pudessem passar por trás: na *ecclesiam vetustam*, o sacerdote voltado a oriente — como no Oriente, diz-se, para que o povo visse tudo o que ele fazia. Assim podereis encontrar agora os altares, pois muita terra foi trazida, e na *ecclesia major*, degraus —
gradua — até ao altar. O Altar-Mor, alto à vista de todos: sem parede ou véu — nada de mistério — tudo visível.”

“Ninguém sabe o que foi feito dos velhos altares! Alguns dizem que ficaram soterrados sob os escombros e ruínas de vigas e madeira. A velha igreja foi totalmente queimada, mas a Grande Igreja, não completamente: e, bem fundo no solo, alguns dos muros ainda estão lá — a parede redonda por trás do Altar-Mor — vê agora — outras pedras por cima dela.”

A propósito da menção à espada de Artur, S. comenta que ouviu dizer que Ricardo Coração de Leão supostamente a levou consigo na Cruzada e que a deu a Guilherme da Sicília, marido da sua irmã preferida, Joana. Acrescenta que espera que essa história não seja verdadeira.

Entre as recordações dos irmãos, há muitas passagens que exprimem a sua simples piedade. Algumas merecem ser aqui citadas. Em 21 de Junho, Ambrósio escreve:

“Recorda bem o que digo: se por mera vaidade procuras aprender sobre o passado, não virá disso nenhum bem.

Mas se te agrada por amor à Santa Igreja e à honra do Nosso Senhor, então podemos e queremos pôr-te em lembrança.”

“Guarda bem na memória que em Glaston só viste a *Ecclesia Vetusta* e a *Ecclesia Major Sancti Petri et Pauli*. Depois, vi chamas e desolação total, e poucas pedras deixadas no chão: então outras belas igrejas em construção, agora novamente ruína, caídas e quebradas.”

27 de Julho de 1921 — “Alegra-me trazer algo à tua memória por amor do Nosso Senhor e de Sua Mãe e dos Santos, pois sois daqueles que amam os lugares que nós homens então venerámos. Vai a Glaston: lá verás mais. Pois nós estamos em grande paz e solenidade à espera, e em parte recordamos as coisas da tua vida.”

“Agora vê, irmão, que não estamos totalmente cegos nestes dias. Sempre se cantou o *Opus Dei* no coro. Alguns não sabiam a língua latina, mas todos sabiam que ali havia louvor; e muito amávamos o nosso canto gregoriano. Foi-nos ensinado pelos nossos abades, bem como a ler o livro dos Santos e seus Actos — *gesta Sanctorum*.”

Na Igreja Velha (*Ealde Chirche*), diz Ambrósio, o Altar era simples, não ornamentado (*decorata*), e havia dois candelabros sobre ele, com uma cruz sem imagem de Nosso Senhor gravada. Dizia-se que esta cruz simples era a de São David. Junto da igreja estava o sepulcro do Rei Ina, em forma de pirâmide, perto da porta sul, e junto a ele, uma segunda pirâmide erigida a um rei cujo nome ele esquecera.

*"Aqui jaz o corpo do Rei... em Cristo repousa...
Não me recordo do nome do Rei..."*

S., a 7 de Julho de 1921, em grandes letras regulares —
“FAZES BEM, IRMÃO, EM GUARDAR NA MEMÓRIA QUE VISSESTE AQUELE LUGAR SAGRADO, A IGREJA VELHA. TRAZ-LHE À TUA MEMÓRIA — SIMPLES E POBRE, MAS RICA EM SANTIDADE.”

Após esta solene exortação, Romualdo prossegue descrevendo em detalhe as características dos edifícios perdidos no incêndio, e fornece-nos um plano, ao qual voltaremos mais adiante. Lamenta a perda do belo claustro de madeira da época normanda, com os seus doze “carrels” — pequenos compartimentos de madeira usados para a escrita e iluminação de manuscritos. A sua descrição do incêndio é vívida.

Terá sido por volta das 10 da manhã quando ocorreu a catástrofe, e Romualdo estaria a inspecionar as cozinhas, pois o jantar seria servido após a Missa, depois de se cantar a Hora Sexta. Romualdo chama atenção especial ao ossário, ou capela mortuária no lado oeste, que foi um dos três únicos fragmentos da grande igreja a sobreviver ao incêndio. Outro foi a Capela de Santa Madalena (*Maudlin Chapel*), que, segundo se diz, pouco sofreu. Ambas foram usadas para os ofícios enquanto os novos edifícios estavam em construção. Foi um tempo miserável, como bem se pode imaginar. Romualdo, escrevendo mais tarde (7 de Setembro de 1921), diz:

“A Capela não muito queimada. Usámo-la como coro durante quase dois anos — alguns de cada vez. Parte da Capela Mortuária a sudoeste não queimada: usámo-la — fria e miserável — para o ofício noturno, tudo à volta quebrado, e pedra e madeira muitas vezes caíam. A nossa bela igreja, caída até ao chão!

Mas rapidamente construíram Santa Maria: então cantámos lá em coro. Pois muitos irmãos estavam doentes, aqueles que tinham cantado o ofício noturno na Capela de Maria Madalena.”

Sem dúvida, todos sofriam de graves constipações, provavelmente mártires do reumatismo e da bronquite. Foi uma Providência misericordiosa que Hugo tivesse, como sabemos, todos os seus planos bem preparados para a construção da nova capela, e compreende-se bem a urgência que levou ao esforço especial feito. Sempre causou admiração ao autor que a capela tenha sido erguida em cerca de dois anos, mas creio que as circunstâncias explicam plenamente a necessidade dessa construção célere. Um dos monges quase morreu devido às condições cruéis.

Ane — um jovem monge, Gulielmus de seu nome — desmaiou do frio e jazeu como morto, e o nosso bom Prior ergueu-o e levou-o ao *Infirmary* (enfermaria). Pois uma parte do *Infirmary* restava ainda, *Deo gratias*!

Mas nós, pobres monges, passámos mal na nossa casa queimada, e sete das crianças foram enviadas de volta às casas dos seus pais — demasiado jovens e frágeis para suportar tempos tão duros. Eu, ROMUALDO, recordo-me bem desse tempo terrível. Usámos algumas das pedras, mas não muitas, e sob a terra era difícil escavar a pedra. Assim, as paredes foram

todas erguidas de novo desde a base. Podereis encontrar pedras das paredes da *Ecclesia Major* de São Dunstano e do Abade Herluíno, se procurardes. Não as voltámos a usar: disso já vos falei anteriormente.

Sim, de facto utilizaram algumas das pedras da estrutura queimada; e estas podem geralmente ser identificadas pela sua coloração rosa-salmão, pois a pedra calcária local adquire um tom rosado intenso quando exposta ao fogo. Parte do interior em pedra da Abadia de Sherborne possui essa bela tonalidade pela mesma razão, mas felizmente o fogo não danificou a resistência da pedra.

CAPÍTULO V

O QUE O FOGO DESTRUIU

E agora, leitor, tenho um ponto espinhoso a decidir por ti. Há tanto a dizer sobre as igrejas mais antigas — das quais existem várias e de datas muito distintas — que receio causar-te uma impressão confusa. Por isso, decidi apresentar-te, antes de mais, o mais breve esboço da história progressiva dos edifícios, desde os tempos mais remotos até ao ano de 1184, para que possas acompanhar comigo o crescimento do complexo arquitectónico e obter uma noção mais precisa do que foi varrido pelo Grande Incêndio. Depois disso, poderemos recuar, se quisermos, a qualquer tempo anterior e observar o que cada construtor realizou, considerando o seu trabalho isoladamente.

Primeiro, portanto, vem a igreja original de varas (*wattle*), de José de Arimateia e seus doze companheiros. Costuma pensar-se nela como um edifício rectangular, mas o nosso manuscrito afirma claramente que não era assim; era, na verdade, circular, com um anel de doze círculos mais pequenos ao seu redor. A seu tempo, apresentar-te-ei provas que apoiam esta ideia e mostrarei que não é de todo improvável ou irrazoável considerar o manuscrito como verdadeiro.

Seguiu-se a adição de uma estrutura de madeira sobre esta, de forma rectangular e com dimensões finais de cerca de 18 metros de comprimento por 8 metros de largura. Tudo isto está indicado, de forma geral, no diagrama correspondente (Fig. 5). Depois ouvimos falar de outras igrejas construídas a leste, possivelmente de madeira no início, embora haja uma sugestão no manuscrito de uma igreja de pedra muito primitiva nessa direcção, o que seria a primeira *Ecclesia Major*. Qualquer que tenha sido a sua forma, posição e dimensões, não é muito relevante para nós, já que terá sido substituída pela bela igreja mandada construir por INA no século VIII, cuja posição, tanto quanto conseguimos julgar, ficava a cerca de 15 metros a leste da anterior.

Esta igreja, como se pode ver no diagrama acima (Fig. 6), tinha a forma de *basílica*, baseada no plano de uma sala de justiça romana. É o plano característico da maioria das igrejas italianas, e encontra-se nas Ilhas Britânicas onde quer que a influência romana tenha deixado marca no povo britânico e nas suas instituições durante os séculos da ocupação romana.

Chegamos agora ao terceiro período de desenvolvimento. Diz-se que os dinamarqueses atacaram o mosteiro nas suas numerosas incursões, danificando a *Ecclesia Major*. Esta terá sido, em certa medida, reconstruída e ampliada por Dunstano no século X, e os cronistas monásticos referem que ele acrescentou um coro ou capela-mor de maiores dimensões, aumentando assim o comprimento do edifício para leste. Seja como for, os que vieram depois

devem ter, em grande parte, apagado essas obras; e assim, a *Ecclesia Major* de INA e DUNSTANO desaparece praticamente com a chegada dos abades normandos.

TURSTINO, o primeiro destes, diz-se ter demolido a parte ocidental da Basílica, representada no diagrama como um átrio quadrado com uma fonte baptismal ao centro. O plano de construção de Turstino não foi considerado digno o suficiente, e o seu sucessor, HERLUÍNO, fez um novo plano, e a igreja que construiu está indicada no nosso terceiro diagrama (Fig. 7). Trata-se de uma igreja muito maior, com cerca de 60 metros de comprimento, em planta cruciforme. HERLUÍNO parece também ter revestido a *Ealde Chirche* em pedra, o que a faz aparecer ampliada no nosso diagrama. Mas ainda não temos a lista completa de tudo o que existia no local em 1184.

O Abade HENRIQUE e o Abade ROBERTO, sucessores de HERLUÍNO, são tidos como responsáveis por uma torre ou torre angular na extremidade oeste da nave da igreja maior, sendo ROBERTO também o responsável por um hospício no ângulo noroeste da *Ealde Chirche*, bem como pela Capela de Santa Maria Madalena. No diagrama (Fig. 7), os principais elementos referidos encontram-se posicionados conforme indicado no manuscrito.

CAPÍTULO VI

A EALDE CHIRCHE, OU ECCLESIA VETUSTA

A história da vinda de José de Arimateia e dos seus doze companheiros para Glastonbury por volta do ano 47 d.C. é bem conhecida e firmemente estabelecida na tradição antiga. A nossa principal fonte para a antiguidade desta crença é Guilherme de Malmesbury, que escreveu a sua crónica sobre estes acontecimentos entre os anos 1129 e 1139.

A sua obra chegou até nós com muitas interpolações posteriores, e tem sido hábito entre os críticos rejeitar a história de José como uma dessas adições. Mas estamos cada vez mais inclinados a considerar que uma tradição firmemente enraizada pode ter um verdadeiro fundamento histórico, e neste caso Malmesbury encontrou, evidentemente, uma tradição muito forte. Os monges de Glastonbury também contavam com o historiador Freculfo, bispo de Lisieux no século IX. Além disso, deve recordar-se que esta crença era partilhada pelos eclesiásticos do continente, pois, se tivessem sentido que podiam contestá-la, dificilmente teriam permitido precedência aos bispos ingleses no Concílio de Basileia, onde foi atribuída representação extra à nossa Igreja nacional com base nesta mesma reivindicação. Taylor, na sua obra *The Coming of the Saints*, tem um Bispo de Lisieux no século nono.

A EALDE CHIRCHE

#83 (p.39)

Consolidaram-se as lendas da peregrinação de José de Arimateia e sua comitiva através da Gália, e a Sr.^a Murray, do University College, recolheu indícios de um grupo posterior de lendas constituindo uma versão egípcia da história. Estas devem ser consideradas fabulosas, mas as lendas britânicas e provençais são demasiado coerentes para serem descartadas como totalmente não-históricas, e possuem uma plausibilidade intrínseca. Deve ter-se sempre em mente que estas lendas foram recebidas sem contestação pela Igreja Latina dos tempos saxões e normandos, a partir da Igreja Celta dos cristãos britânicos — com a qual, aliás, haviam rompido comunhão.

Nos tempos mais antigos existiam na Grã-Bretanha três “côros perpétuos”: Ynyswitrin (posteriormente Glastonbury), Ambresbury e Llan Iltud Vawr. Os galeses afirmam que os dois últimos foram fundados por príncipes britânicos sob orientação de conselheiros hebreus, apenas alguns anos após o estabelecimento do primeiro. De Malmesbury depreendemos que o mosteiro de Glastonbury seguia o modelo celta, com uma disposição de cabanas e oratórios separados — totalmente diferente do uso latino. Malmesbury refere-se constantemente à igreja primitiva como *Ealdechirch* ou *Vetusta Ecclesia*. Conta-nos como um certo Paulino (mais tarde bispo de Rochester e arcebispo de Iorque, na época da missão de S. Agostinho) envolveu a igreja de varas (*wattle*) em madeira e a cobriu com chumbo. Depois do seu tempo (séc. VII), foi chamada *Lignea Basilica* — ou Igreja de Madeira — provavelmente para a distinguir da igreja de pedra construída pelo rei saxão Ina, na qual, no seu diploma de 704 d.C., é mencionada sob essa designação. Parece ter havido sempre um grande cuidado em preservar a memória das dimensões exactas e da posição deste edifício. A actual Capela de São José — mais propriamente de Santa Maria Virgem — construída após o grande incêndio de 1184, era tida como erguida exactamente sobre o local da primitiva, e reproduzindo as proporções da antiga igreja. Daí que, por tradição comum, a *Vetusta Ecclesia* ou *Ealde Chirche* tenha sido considerada como um edifício rectangular.

O MANUSCRITO AFIRMA QUE A PRIMEIRA IGREJA TINHA FORMA CIRCULAR, COM AS CABANAS EM CÍRCULO À SUA VOLTA.

Mas eis que surge o manuscrito, insistindo repetidamente que a primeira igreja de varas rudimentar, erguida por José e sua comitiva, não era rectangular, mas redonda; e insiste também que as cabanas ou celas dos Doze eram igualmente circulares e dispostas num anel em torno da igreja — tudo finalmente encerrado num grande círculo ou paliçada para manter afastados os ursos e os lobos. O manuscrito afirma ainda que, depois de a velha igreja circular ter decaído, os seus muros foram preservados até certa altura e mantidos como registo perpétuo no pavimento da *Vetusta Ecclesia*, ou *Ealde Church*, tornada visível e digna com um véu dourado, e o círculo sagrado demarcado com um padrão em mosaico, simbólico dos Doze em redor do Centro.

Como os leitores sabem, a médium não tinha conhecimento da crónica de Malmesbury, nem estava ciente de quaisquer detalhes sobre a história primitiva de Glastonbury, salvo talvez um esboço genérico da tradição comum conhecida por todos. E os antiquários contentaram-se em aceitar, sem comentário, a noção popular de que a primeira igreja seria rectangular. A ideia de um Zodíaco simbólico provavelmente nunca lhes passou pela cabeça. E, no entanto, nos escritos de Malmesbury há indícios esquecidos de ambas as coisas.

O CÍRCULO SIMBÓLICO DOS DOZE SANTOS.

Muito cedo, na série de escritos, aparecem sugestões de um plano circular ou disposição circular na primeira comunidade cristã de Glastonbury. Afirma-se que a capela ocupava o centro do círculo e que era, ela própria, redonda, com 7,3 metros de diâmetro exterior e 5,5 metros de largura interior entre as paredes. Os caminhos iam de cada cela até à Capela Central (Fig. 8), cuja porta ficava a sul, onde dois dos caminhos convergiam.

Diz-se que este plano era simbólico, e muito tempo depois de a primeira capela e seu círculo de cabanas terem desaparecido, o esquema foi perpetuado na forma de um motivo geométrico em mosaico no pavimento dos edifícios posteriores erigidos naquele lugar sagrado. O que o manuscrito afirma é interessante por várias razões. Em primeiro lugar, contradiz ideias populares antigas (que atribuem à Capela de São José uma forma rectangular),

e também tradições de medidas para essa estrutura, transmitidas por escritores antigos. Mas aqui, como tantas vezes acontece, parece ter havido confusão entre dois edifícios distintos — e é o manuscrito que, pela primeira vez nos tempos modernos, clarifica a questão.

MALMESBURY DESCREVE A PRIMEIRA IGREJA COMO CIRCULAR.

Se nos voltarmos, porém, para as páginas de Guilherme de Malmesbury — o nosso mais antigo cronista de Glastonbury — veremos que ele, de facto, fornece respaldo à alegada forma circular da capela, numa passagem que será citada (ver p. 63). Em segundo lugar, a história do círculo de cabanas remete-nos a uma ordem simbólica antiquíssima, relacionada com o ano solar e sideral e com as constelações do Zodíaco. A figura do círculo zodiacal aparece com frequência no simbolismo cristão primitivo, mas tende a desaparecer com o tempo, perdendo o seu significado doutrinal e importância.

O seu desaparecimento acompanha o esbatimento do lado filosófico da doutrina cristã, e a perda daquele *Conhecimento* que permitia aos cristãos apostólicos — e aos das gerações imediatas — interpretar os mistérios da Fé de forma compatível com a inteligência esclarecida dos homens. Trata-se, então, da *GNOSIS*, ou doutrina da sabedoria, subjacente ao símbolo mais natural e humano, consagrada nas figuras cósmicas do Círculo de doze divisões e da Cruz de braços iguais — quatro ou seis — nele contida. Esta Gnosis terá inevitavelmente de se reafirmar, para a recuperação do poder do Evangelho de Jesus Cristo, através da restauração da analogia vital entre a Sua vida humana, com o seu Cristo transcendente, e o significado maior e mais universal que essa vida representa para a redenção da Humanidade e da Natureza.

INTERPRETAÇÃO DO SÍMBOLO.

O Círculo representa o Mundo, o Cosmos — tanto estelar como terreno — sendo um reflexo do outro. No centro do universo, dando vida e luz a todas as criaturas, está o Sol, o símbolo perpétuo do Pai Divino, criador benévolo e sustentador da Sua Criação. No Sol material vislumbramos apenas uma imagem daquele Poder espiritual sustentador que mantém a vida interior de todos os seres. Em todas as formas, em todos os modos de religião divinamente revelada, encontra-se esse mesmo símbolo — e o Cristianismo apenas lhe dá uma interpretação mais elevada. Do centro da Luz emanam os raios vivificantes até aos confins do Cosmos, seguindo seis linhas infinitas, mutuamente coordenadas, que determinam a simetria universal.

Tanto a Esfera como o Cubo são regidos pelo número Seis, e o símbolo do (Chi-Rho), tão proeminente nas inscrições do Cristianismo primitivo, possui este significado fundamental: o Logos da Luz permeando o espaço e manifestando a Sua glória num universo de Lei eterna. Quanto à Esfera, esta é definida por três grandes círculos (Fig. 10), fixando as seis direcções para onde se pode olhar no espaço: primeiro, Este e Oeste, através do zénite, o percurso do Sol e das Estrelas; depois...

Norte e Sul, também através do zénite, formam o círculo do meridiano terrestre; e por fim, o grande círculo do horizonte, dividido em Quatro Quadrantes pela Cruz dos Quatro Caminhos. A cada um destes quadrantes é atribuído um Poder arcangélico: Gabriel, Miguel, Rafael e Ouriel governam, respectivamente, as regiões do Oriente, Sul, Ocidente e Norte. Até aos nossos dias, as crianças pequenas têm sido ensinadas a pensar nestes anjos cósmicos e a invocar o seu auxílio e protecção:

"Aos quatro cantos da minha cama,
Quatro anjos me rodeiam a alma:
Um a vigiar, dois a rezar,
Um para todo o mal afastar."

Na imagética mística do *Apocalipse* de São João, a mesma disposição é ocupada pelos Quatro Seres Vivos, comparados a um Leão, um Boi, um Homem e uma Águia — símbolos que se tornaram os emblemas familiares dos Quatro Evangelistas: Marcos, Lucas, Mateus e João.

OS QUATRO CAMINHOS E AS SUAS TRIPLICIDADES DE PODERES

Cada um destes também assume como seu sinal próprio uma constelação do Zodíaco: São Mateus com o Portador de Água (*Aquarius*, em latim; *Hydrechoos*, em grego); São Marcos com o Leão (*Leo*, em latim e *Leon* em grego); São Lucas com o Boi (*Taurus*; grego: *Tauros*); e São João com a Águia ou Escorpião (*Aquila* ou *Scorpio* em latim; *Etos* ou *Scorpios* em grego). Assim se estabelece, em símbolo, a figura do Quadrado como fundamento da Ordem Divina na proclamação da Verdade até aos confins da Terra.

Mas cada um dos quatro anjos governa um domínio triplo, sendo senhor de um Quadrante, e em cada Quadrante há Três Signos, sendo um deles o seu próprio. E assim temos os Doze. Cada um dos Doze é uma constelação do Círculo estelar, cada um é personificado na Terra, e possui a sua zona de influência terrestre. Assim, os Doze Filhos de Jacob espalham-se por todas as partes, por decreto divino, para que os seus descendentes semeiem pelo mundo a Semente espiritual da Dispersão e evangelizem os povos da Humanidade.

É perfeitamente simbólica da missão de Israel a missão dos Doze Santos — os Apóstolos da Nova Aliança — cuja tarefa é levar o poder do Evangelho do Filho do Homem, o Sol da Justiça, a todos os confins da Terra, de modo que, uma vez cumprida a missão, e completado o número dos membros da Igreja na Terra, a Terra se encha do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar. À medida que esta verdade profética for sendo mais plenamente realizada entre os homens, o símbolo da Cruz com os seus Quatro Caminhos de poder apostólico será mais compreendido (Fig. 11).

Este simbolismo tem vindo a ser recuperado, ainda que utilizado mais por um sentido intuitivo de conveniência do que por uma plena compreensão do seu verdadeiro significado. A grande Cruz que pende na Catedral de Lucca está encerrada num aro sugestivo do Círculo do Zodíaco do Campo Evangélico (Fig. 12), embora pareça que já não se encontram marcadas as divisões do círculo no seu arco. Representa o vestígio persistente de uma tradição a extinguir-se numa era em que o ensinamento primitivo, com o seu simbolismo universal, estava a ser sobreposto e afogado por formas imagéticas e crenças medievais.

Contudo, nos primeiros séculos do ensinamento cristão, é claro que o Zodíaco, com a sua doutrina da Ordem Divina em doze partes, era tido como um dos maiores Mistérios da Fé.

Em toda a Escritura encontramos este número simbólico, e está sempre associado ao fundamento e à expansão da Ordem Divina. Assim se liga, pelo símbolo das Doze Tribos, a propagação do Povo Escolhido e o conhecimento do Único Deus Verdadeiro aos Doze Signos

zodiacais, que regem os tempos e as estações, as épocas e os acontecimentos — e os Doze Apóstolos correspondem-lhes diretamente.

Por isso, não nos surpreende que nas nossas tradições se diga que José, o suposto fundador da Igreja Cristã nestas ilhas, trouxera consigo uma companhia de Doze. A disposição simbólica dos seus doze *cubiculi* (cabanas) em círculo ao redor da Capela é a expressão normal do mesmo simbolismo.

Ao símbolo geométrico associa-se um número astronómico — ou série de números — relacionados com os períodos cósmicos em questão. E parte da minha tarefa foi descobrir o sistema de Número a que o símbolo está ligado. Isto explico, para benefício dos leitores interessados, num Apêndice anexo a esta obra. O método pelo qual os cálculos são obtidos está ali claramente explicado, e basta-me aqui dizer que depende da enumeração das letras dos Nomes das Tribos, dos Signos e dos Apóstolos nas línguas grega e hebraica — ambas línguas com alfabetos numéricos, onde cada letra tem um valor numérico usado nestes cálculos.

Foi no ano de 1913 que a minha atenção foi pela primeira vez chamada à suposta correspondência entre os números atribuídos aos nomes gregos dos signos zodiacais e os dos Apóstolos. Nesse ano chegou-me às mãos uma obra muito sugestiva, *The Canon*, em cujo primeiro capítulo o autor ensaiava este paralelo. Contudo, como os leitores dessa obra saberão, a ilustração era imperfeita, pois os totais obtidos não coincidiam e não atingiam o número crítico. Mas permanecia o sentimento de que ele estava à beira de uma verdade que talvez procurasse intuitivamente.

Desde então, dediquei ocasional atenção ao problema, e cerca de cinco anos atrás cheguei a uma aproximação mais precisa — embora ainda sem alcançar a correspondência plena e verdadeira. O cerne do mistério tornou-se evidente quando, há cerca de três anos, estudei os valores da *Gematria* hebraica no Livro dos Números. O assunto, como se pode imaginar, estava bem enraizado na minha mente consciente. Mas nunca, nem remotamente, associei nesse tempo a Capela de José e as cabanas dos primeiros missionários cristãos ao meu estudo. Através do manuscrito de J. A., publicado em *The Gate of Remembrance*, tinha-me familiarizado com a noção de que as marcações geométricas no chão da Capela de Santa Maria posterior eram de natureza zodiacal. Mas isso permanecia como um facto isolado na minha mente.

Foi apenas em Maio de 1921 que ouvi falar de S., e a nossa troca de correspondência só se iniciou a meio de Junho. Contudo, já a 26 de Julho, ela começa a enviar-me escritos de Ambrosius mencionando a Capela circular — ideia estranha ao seu pensamento, pois nada sabia da Capela primitiva. A 28 e 29 de Julho a forma circular é esboçada, e novamente a 3 e 26 de Agosto, após a sua primeira e única visita a Glastonbury, surge o escrito notável que levou à descoberta do muro de Herluíno — do qual tratarei num capítulo posterior. Mais uma vez, a Capela circular é marcada no pavimento do plano posterior. E no dia seguinte, a 27 de Agosto, surge outro escrito, no qual, pela primeira vez, a Capela redonda aparece rodeada por um anel de cabanas ou *cubiculi*, dois dos quais são identificados como pertencentes a São José e São Natanael.

S. parece ter tido, durante a sua visita a Glastonbury, certas impressões visuais dentro da Abadia, que registou de forma rudimentar em papel. Entre estas, uma visão do campanário no ângulo sudoeste da *Ecclesia Major*, tal como era antes do incêndio de 1184. Esta torre,

segundo as crônicas existentes, seria atribuída ao Abade Henrique de Blois, mas estes escritos insistem que foi construída pelo seu sucessor, Roberto de Jumièges, Abade entre 1171 e 1178.

Ela teve ainda, pela primeira vez, uma impressão das pequenas cabanas circulares dos primeiros eremitas missionários, vendo-as no chão dispostas num círculo irregular em redor da igreja de varas. Visualizou-as como cabanas baixas e redondas — uma visão premonitória das coisas que lhe seriam depois reveladas em escrita automática, com ambos os modos de influência intuitiva operando em paralelo, como tantas vezes se observa ao longo destes relatos.

Segue-se então o escrito datado de 27 de Agosto de 1921, assinado por Romualdo:

ROMUALDUS fala: “Era ainda jovem noviço quando tu vieste a Glaston, e no ano seguinte morreu Robertus (o sub-abade e mestre dos noviços), sendo sepultado no coro da Igreja dos Santos Pedro e Paulo. GALFRIDUS sabe mais, e há outros que conseguem trazer à memória os relatos dos tempos antigos. Procurámo-los para que nos ajudassem a lembrar-te estas coisas.

Através de ti, irmão, nós dos tempos antigos podemos falar àquele que busca... assim como alguns ensinam por imagens, também ele busca mostrar, através da construção, o símbolo. Antes, tudo era símbolo, e os homens não conheciam o seu significado. Agora os símbolos desapareceram e a fé está fraca. Os homens precisam de símbolos novamente, pois a Fé virá forte como a onda Atlântica em Watchet. Vigiai, meus irmãos (*Vigilate, fratres mei*). O dia vem: ao levantar da aurora sabereis como tudo foi.”

A referência à “onda Atlântica em Watchet” é um toque de memória fascinante, evocando os dias distantes em que este pequeno porto tinha importância para o distrito de Somerset — memória local da notável maré que sobe e desce no estuário do Severn.

Os irmãos estão a recolher memórias de muitas fontes antigas, e S., que afirmam novamente ser um dos seus antigos membros, é usada como mensageira para mim. O manuscrito prossegue:

“Mas de uma coisa eu, ROMUALDUS, posso mostrar-te, para que tu digas àquele que busca em Glaston. Aquilo que o teu Guardião te mostrou na noite é verdade. Quando os Santos chegaram: Igreja redonda no meio; o Corpo do Senhor sobre o Altar, e ao redor, os XII *cubiculi*, dos Apóstolos, e caminhos — *lineae* — ligando cada *cubiculum* à Igreja. Porta da Igreja a sul: em frente dela, os *cubiculi* de São José e Natanael. Diz-se que São José foi sepultado na *Linea Bifurcata*: vê agora. Vê, não te mostro tudo (aqui Romualdo desenha o esboço). No fim de cada caminho, um lugar no muro, para que os eremitas pudessem ver o Lugar Santo: não se entrava senão para a Missa. Tudo isto, em pedra, no chão da *Ecclesia Vetusta* estava marcado, diziam os homens, para que não fosse esquecido. *Pax vobiscum*: a ti e àquele que busca.”

A 23 de Agosto foi a véspera de São Bartolomeu, e é digno de nota que S. tenha tido a visão nesse dia, seguida pouco depois pelo manuscrito com referência a Natanael, identificado por várias autoridades como o Apóstolo Bartolomeu, amigo e colaborador de São Filipe.

S., na carta que acompanha este manuscrito, escreve:

“Espero que gostes do último destes escritos — uma explicação da minha visão na Véspera de São Bartolomeu. O Zodíaco estava evidentemente representado por aqueles primeiros

Apóstolos da Bretanha na disposição da sua igreja e cabanas, que os ajudaria a determinar datas e estações... a Igreja ('o Corpo do Senhor' — aludindo ao Santíssimo Sacramento) no centro; os caminhos irradiando dela até cada uma das doze cabanas; as janelas no final de cada caminho, nas quais cada eremita podia rezar sem realmente entrar. Talvez a luz diante do altar fosse assim mantida à vista deles durante a noite: e o Sol, ao brilhar em cada janela por sua vez, marcaria o tempo. Então os caminhos (linhas) provenientes de duas das celas do sul (marcadas SS. Joseph e Nathanael) convergem no alpendre ou porta do sul. Isto forma a *linea bifurcata*, creio eu, onde o corpo de São José foi sepultado. Se Natanael é o amigo de São Filipe, Bar-Tolomeu, então o mistério há muito oculto do destino de São Bartolomeu é revelado. Isso explicaria os nomes *Natan* e *Natan-leod* que se encontram em antigas crónicas saxónicas ocidentais."

A expressão *linea bifurcata*, onde, segundo o antigo Livro de Melkin, outrora conservado na Abadia de Glastonbury, José de Arimateia estaria sepultado, tem sido um enigma para os antiquários. Pode significar duas coisas: *linea* pode ser "linha" ou "vestes de linho", e alguns estudiosos viram aqui a sugestão de que o Santo teria sido sepultado com uma veste de linho bifurcada. Mas a explicação do manuscrito — a dos caminhos ramificados — parece mais razoável.

Curiosamente, no início de Setembro recebi de dois novos correspondentes, visitantes da Abadia, uma passagem dos escritos de Maelgwyn de Llandaff — um em latim, outro em inglês — tio de São David, que escreveu por volta de 450 d.C. e diz:

"Joseph ab Arimathea, nobilis decurio, in insula Avalonia, cum XI sociis suis, somnium cepit perpetuum et jacet in meridiano angulo lineae bifurcatae Oratorii Adorandae Virginis."

Isto, naturalmente, esclareceu a questão, ao mostrar que as linhas bifurcadas estavam ligadas à Capela. Ao escrever a S. para a informar do achado, aproveitei para perguntar-lhe até que ponto seria possível que alguma leitura anterior, de Malmesbury ou de outros autores, pudesse ter fornecido material "subconsciente" ao qual a inteligência que a guiava pudesse recorrer — como parte do seu subconsciente cultural. Na sua resposta, datada de 5 de Setembro, S. diz:

"Nunca vi as *Antiquities of Glastonbury* de Malmesbury, e só conhecia a sua *Chronicle* por ter consultado nela algo sobre o Prior Godfrey de Winchester e algumas lendas de reis saxões. A única memória subconsciente das cabanas redondas de varas poderá ter vindo de uma imagem. Era um esboço de jornal de uma cena na *Church Pageant* de há anos, mostrando as cabanas em forma de colmeia dos habitantes de Iona quando São Columba ali desembarcou. Recordei-me disso esta manhã ao receber a tua carta."

Domingo, 11 de Setembro — Durante a participação na Eucaristia, S. tornou-se consciente de um duplo ambiente. Embora ainda ciente do seu entorno físico na igreja, os contornos visíveis tornaram-se interpenetrados por algo mais subtil e objectivo. Perante os seus olhos espirituais surgiu a visão da pequena capela redonda dos primeiros tempos em Glaston, e pareceu-lhe estar dentro dela, e ao mesmo tempo para além dela — se tal se pode exprimir assim.

Mas a visão era intraduzível, pois estava igualmente consciente de ver, num só relance, toda a periferia interior do círculo, e no seu interior estavam, em adoração ao Santíssimo, as figuras dos santos irmãos em anel junto às paredes.

No Dia da Santa Cruz, 14 de Setembro, recebeu um manuscrito de Patraic, um dos da Companhia, descrevendo a sua visão. Ele diz:

“Tens a imagem da *Ecclesia Vetusta* e de alguns dos Santos. Tu, irmão, viste-a redonda, mas não a podes desenhar assim, pois o olho do corpo não a viu, mas o olho do espírito. Em espírito a viste, pois onde estavas, tempo e espaço nada valem, e o amanhã é como hoje, e o ontem como mil anos atrás.

Assim viste, e a tua mão desenhou como eu te fiz desenhar: a imagem da *Ecclesia Vetusta* e da Fracção do Pão — a Santa Missa, como em inglês se disse tempos depois — e agora alguns chamam-lhe nomes em latim e grego para o Mais Santo de Todos.

Mas todos são um; nada pode mudar o que o Nosso Senhor deu. E como num espelho vês como os Santos vieram e, para o Nosso Senhor, edificaram: pobres, rudes e simples, de ramos, vime, troncos e pedra não talhada, ou entalhada para o Altar. Mas Ele aceitou isso como dádiva — o melhor que Lhe podiam dar, Ele que em manjedoura repousou em Belém por nós.”

S. fez então uma pergunta: pediu uma indicação da disposição das celas em torno da *Ealde Chirche*. Foi-lhe dada a seguinte resposta por outro membro da Companhia:

“Eu, INDRACT, assim chamado em honra do Santo Mártir Indractus, posso dizer-te, irmão. As celas dos Santos envelheceram e ruíram. Restaram apenas anéis de pedra. Muitas capelas foram então construídas — uma sobre cada célula — algumas ainda existem, mesmo quando os homens esqueceram as antigas celas.

Vejo pedras agora: uma a sul, uma a oeste, uma a norte, junto ao poço. A leste, o altar na Galileia foi marcado, mas os homens não sabiam porquê. Tudo foi esquecido! Doze a procurar.”

A pedra a sul da Capela da Senhora, visível a Indract, deve ser o pequeno vestígio de fundação tosca que descobri ao procurar o lugar de uma das duas antigas pirâmides que se erguiam junto ao caminho sul da Capela. A pedra está agora novamente coberta, mas o local foi devidamente registado, e, como se verá mais adiante, está de acordo com as medidas dadas no manuscrito para o anel ocidental das celas.

A pedra a oeste deve ser a alvenaria da Capela de São Dunstano, construída sobre uma das celas, segundo o manuscrito. A do norte, ou melhor, noroeste, corresponde à fundação circular da coluna de São David, descoberta em Julho anterior e agora deixada permanentemente à vista. A leste, o local do altar da Galileia pode ser conjecturado, e concorda com a sugestão do manuscrito.

18 de Setembro de 1921 — Fala RADULPHUS:

“Eu sou construtor e construí grande parte da Capela de Santa Maria. Sei pouco de latim, mas muito de pedra, planos e régua de medição. Após o incêndio, as pedras ainda mostravam onde tinham estado as celas dos Santos. A oeste da Capela de Santa Maria estava a cela de São Dunstano. Aqui fez muitos milagres, e construiu uma forja, longe da *Ecclesia Major*, para que os monges no coro não ouvissem o som da bigorna quando

trabalhava de noite, no lugar onde antes habitara um Santo.

Depois, quando os ossos de Dunstano vieram de Canterbury, construíram então uma capela sobre a sua cela — não totalmente queimada pelo fogo, mas em ruínas. Os homens esqueceram onde os Santos tinham estado.

São Miguel, no cemitério, esteve outrora sobre uma cela. Eu, Radulphus, assegurei que a Capela de Santa Maria se erguesse sobre as linhas do muro de São Paulino (*linea muri Sancti Paulini*) — para preservar o antigo local, pois tudo tinha sido queimado.”

Radulphus — ou Ralph FitzStephen — era o mestre-de-obras da nova Capela de Santa Maria, e de facto tudo indica que houve grande esforço em seguir os alinhamentos antigos. A história do cuidado de São Dunstano em manter o som da sua ferraria afastado do mosteiro é tocante. O plano da pequena Capela erigida sobre a cela, como o manuscrito afirma, foi recuperado, e agora sabemos que se encontra sobre uma das antigas celas circulares. Outra informação nova é que a Capela de São Miguel, até agora apenas conhecida por estar no cemitério monástico, foi erguida sobre uma dessas celas. Eu próprio pensava que se situava mais a sul, e assim a coloquei nos planos publicados.

Radulphus continua, falando do chão simbólico que, segundo Malmesbury, foi reproduzido na capela posterior ao incêndio:

“Construímos directamente sobre a antiga capela de madeira — *lignea*; Herluíno, de pedra. Nada sei de ti, irmão, salvo que amas a minha Capela, embora toda quebrada esteja, e o chão perdido, e o símbolo. No chão da *Ealde Chirche* estava o símbolo, os sinais, os indícios de como os Santos viveram em Glaston e como as celas estavam dispostas em círculo. Vê agora: Grande Cela — o Corpo do Senhor: Ele, o Sol. Em redor d’Ele, celas, cada uma por um Sinal: estrelas, dizem os homens — eu não sei — foi destruído pelo fogo.

Copiámos os Sinais em pedra. Agora tudo está destruído e escavado. Que importa, se ainda há quem ame e guarde? Pois aqui, a imagem disso ainda se ergue, gloriosa, mais do que da terra.”

“Porque não escrevo como antes? Então escrevia com esforço, como no *Scriptorium*; agora uso a tua mão, irmão — mais rápido. Mas tu não conheces as medidas, nem tens o prumo.”

“Saúdo-te — Eu, RADULPHUS, ‘Ralph o Francês’, da Normandia, monge e construtor em Glaston.”

O comentário de Radulphus sobre a facilidade e rapidez invulgares da nossa escrita cursiva moderna, comparada com a natureza laboriosa da caligrafia do seu tempo, é esclarecedor. A sua capacidade de utilizar a mão da médium e, com ela, usufruir da sua agilidade de escrita parece demonstrar tratar-se de um caso de relação direta entre comunicador e médium. Noutros casos, encontramos um "controle" (*control*) a funcionar como escriba ou intérprete. Este testemunho de Radulphus corrobora a afirmação de que “Simão” é, de facto, um dos irmãos, e está em estreita comunhão espiritual com os restantes.

MEDIDAS SIMBÓLICAS NO MANUSCRITO

Data: Dia de São Miguel e Todos os Anjos, 1921

AMBROSIUS fala:

“Primeiro, haja um Círculo — *ronde* de CXXX passos (*gressus*); sobre ele, XII *cubiculi*. Círculo exterior, CCCLX passos, com paliçada. Ao centro de tudo, a Igreja Circular — *Ronde Chirche* — de dezoito pés de largura; muro de barro e pedra, três pés de espessura, total vinte e quatro na vossa medida.

A paliçada exterior, em medidas antigas, por passos. As celas nem todas iguais no anel: duas a sul — *linea bifurcata* — vê! Já to mostrei antes; por causa do terreno. Mas quase iguais.”

Isto é, o círculo com as doze cabanas tinha 130 passos de circunferência, e o círculo exterior da paliçada 360 passos. Se tomarmos o passo como tendo 2 pés e 5 polegadas da nossa medida britânica, temos 130 passos equivalentes a 314,1 pés. E sendo esse o perímetro, o diâmetro é de 100 pés — obtendo-se, portanto, o círculo de “Pi” em passos.

Se usarmos pés romanos, que medem 11,8 polegadas, precisamos de dois deles para obter os 2 pés e 5 polegadas ingleses (29,6 polegadas). Isto revela uma harmonia extraordinária:

- **31.416 pés ingleses = 10.656 passos de 29,6 polegadas.**
- Por outro lado, **31.416 pés ingleses = 32.000 pés romanos**, logo:
- **32.000 pés romanos = 10.656 passos de cerca de 2 pés e 5 polegadas.**
- Além disso, **3.600 passos de 29,6 polegadas = 10.656 pés ingleses.**

Resumindo: a “medida sagrada” do passo parece ser 29,6 polegadas inglesas. 30 desses passos equivalem a 888 polegadas ou 74 pés. E 360 desses passos seriam 10.656 polegadas ou 888 pés ingleses — ou 900 pés romanos de 11,86 polegadas. Esta medida está dentro dos padrões encontrados, que variam ligeiramente. Para os valores simbólicos, veja-se o Apêndice (p. 150).

CONTINUAÇÃO DO MANUSCRITO DO DIA DE SÃO MIGUEL

“Os nomes dos nossos Santos não são todos recordados: Sanct Josephus, Natanael, Symeon, Josephus II, um grego — todos os livros foram queimados — e Timoneus; não posso dizer mais. Mas pouco importa, pois no Céu todos os nomes estão escritos. Bem desejaria ajudar-te, irmão que procuras, mas estás longe, e a mão é a de alguém que pouco conhece de medidas, embora tenha boa vontade para descobrir.

“Alguns diziam que cada um representava uma estrela — tudo planeado. Mas isso veio mais tarde. Os Santos vieram mais tarde, eremitas da *Gwalia* (País de Gales) ou da terra dos *Picti* (Norte). Sabiam muito de estrelas e voltaram a construir: mas em ruína, talvez colocaram as celas em *linea vera* — linha verdadeira no círculo — mas muito nos lugares antigos, por causa dos Apóstolos.

Eram apenas XII eremitas, e nenhum na igreja — só o Senhor sobre o altar, o Seu Corpo. Mas de Sanct Josephus e dos Apóstolos, dizia-se que no meio da igreja o Nosso Senhor ainda Se mostrava, como após a Ressurreição o fez na Terra Santa. Contudo, os tempos ainda não eram distantes, e os homens tinham fé, e viam com o olho do corpo, assim como com o da alma. Agora, alguns veem com o da alma, mas nunca com o do corpo — e a maioria não vê nada! Mas Ele ali Se mostra a quem quiser — Deus o sabe.

“Se puder encontrar mais medidas, irmão, fá-lo-ei; mas tudo está perdido! Só vi o círculo, espesso de madeira e coberto com véu dourado, na *Ecclesia Vetusta*.”

— AMBROSIUS

Podemos agora desenhar o plano do assentamento segundo as medidas dadas: o círculo exterior, ou paliçada protetora, com 360 passos (888 pés ingleses ou 10.656 polegadas). Depois, o círculo interior, com os doze *cubiculi* dos eremitas, terá 130 passos — ou seja, 314 pés — representando o círculo de Pi. Usando o passo como 2 pés e 5 polegadas, temos: **$130 \times 2,45 = 318,5$ pés aprox.** — confirmando a lógica do símbolo.

A IGREJA CIRCULAR

A largura exterior é dada como 24 pés (medida inglesa), o que se harmoniza bem com a largura interior da Capela de Radulphus (hoje Capela de Santa Maria). Se fosse medida em pés romano-britânicos, o perímetro teria sido 74 pés ingleses — mas o manuscrito é claro noutra medida, e assim devemos aceitá-la.

Logo, o círculo exterior teria cerca de **76 pés ingleses de diâmetro**.

S., sem entender bem as medidas, escreveu no início de outra folha:

“Irmão Ambrosius, o manuscrito foi muito difícil de seguir. Podes repeti-lo para mim?”

MANUSCRITO XXI

“Só o final do manuscrito era meu. Um mais velho da nossa Companhia o deu primeiro; mas eu consigo usar melhor a língua inglesa.

Ele quis dizer que a paliçada da igreja antiga era de *ccclx gressus* — duas vezes e mais a vossa medida. O círculo onde estavam as celas era de cerca de *cxxx gressus*.

As cabanas eram pequenas, sabes — mas um lugar para o Apóstolo dormir e refugiar-se do frio e das tempestades.

As cabanas, ele pensa, não estavam num círculo perfeito, por causa do terreno irregular e das nascentes — mas próximo disso.

Dos nomes dos Santos, só recordava: Sanct Josephus, Natanael, Symeon e um grego — Timoneus ou nome semelhante — todos de escritos antigos.

Depois que os Apóstolos morreram (*mortui fuerunt*), e dormiram no Senhor dentro da paliçada, a sul da Grande Cella, perto da *linea bifurcata* (*obdormiverunt in Domino*), vieram XII eremitas de Gwalia (Gales) ou da terra dos *Picti* (Norte). Reconstruíram as cabanas, agora em maior círculo, uma ou duas mais perto. Sabiam muito de estrelas e da sabedoria antiga — talvez planeassem os sinais, como depois se fez no chão da Capela de Santa Maria.

Depois, os homens tentaram conservar os Sinais no chão: a Hóstia no centro, *in memoriam mortis Domini Nostri et resurrectionis ejus*; os Sinais nas estrelas, como Ele dissera, em redor. Mas nada sei de estrelas, e se as coisas do Espírito morressem, nada poderia eu dizer-te deste mistério.”

TESTEMUNHO DOCUMENTAL

É agora tempo de recorrer a um documento histórico para corroborar alguns dos elementos revelados. A nossa autoridade é **Guilherme de Malmesbury**, cronista de Glastonbury do século XII. Extraímos dois trechos traduzidos do latim por F. Lomax (*Antiquities*, p. 4, ed. Talbot):

1. **Quanto à forma circular da Capela:**

“Então os doze Santos residentes neste deserto foram avisados, num espaço muito curto de tempo, por uma visão do anjo Gabriel, para construírem uma igreja em honra da Santa Mãe de Deus e Virgem Maria, num local mostrado do Céu.

Obedecendo prontamente aos preceitos divinos, completaram uma certa capela conforme lhes fora mostrada, moldando as suas paredes inferiores em forma circular com ramos entrelaçados, no trigésimo primeiro ano após a Paixão do Senhor e no décimo quinto após a Assunção da gloriosa Virgem.

Capela, é certo, de forma rústica, mas para Deus ricamente adornada de virtude.”

2. **Quanto ao chão simbólico da capela retangular posterior, com linhas geométricas gravadas (Actos dos Reis, livro I, cap. II):**

“Esta Igreja, então, é certamente a mais antiga que conheço em Inglaterra, e é por esse motivo que tem o nome de Ecclesia Vetusta...”

No pavimento, podem ver-se, de todos os lados, pedras incrustadas propositadamente em triângulos e quadrados, e marcadas com chumbo — e se acredito que aí está contido algum enigma sagrado, não faço injustiça à religião.”

Triângulos e Quadrados; Três e Quatro — tais são os significantes do esquema do Círculo em doze partes. Conforme mostra o nosso primeiro diagrama, dentro do anel das doze estrelas encontram-se Três Quadrados e Quatro Triângulos, dispostos simetricamente. Se este anel medir 130 passos — ou 314 pés — o diâmetro será de 100 pés.

No chão da Capela, o mesmo plano será reproduzido à escala reduzida, de forma a caber dentro dos 18 pés de largura da antiga estrutura circular — de modo que, sobre cada marca, pudesse estar de pé um dos doze Santos, voltado para o centro na celebração da Eucaristia.

RELAÇÃO ENTRE O CÍRCULO MAIOR E O MENOR

No interior da Capela, o círculo maior ou exterior não está representado. Ele simboliza a galáxia estelar — não confinada aos limites do tabernáculo terrestre. Contudo, as suas medidas estão latentes na geometria do círculo menor, e aqui reside uma coincidência estranha e bela. Os Três Quadrados cujos lados se inscrevem no anel do círculo menor, e cujos ângulos determinam as Doze Localizações, podem ser prolongados para se cruzarem em doze pontos muito além dos limites interiores. E onde essas linhas se cruzam, aí se pode traçar outro círculo.

Qualquer leitor pode tentar traçar este diagrama maior e verificará que, sendo o círculo interior de 130 passos de circunferência, o círculo exterior terá 360. Assim, os dois círculos descritos por Ambrosius, cujas proporções não parecem evidentes pelos números fornecidos, revelam-se, ao serem desenhados geometricamente, como belamente correlacionados numa grande figura de um **dodecágono**, simbólico dos Doze Signos, das Doze Tribos de Israel e dos Doze Apóstolos de Jesus.

Fala AMBROSIUS:

"*Muri cum pallium auratum*. Solo vermelho — *ruber*. Linhas, negras. Hóstia (o Corpo do Nosso Senhor), dourada. Altar de mármore — Rei Ina o doou: uma safira grande e resplandecente ao centro. Cruz dourada do Rei Ina sobre o altar. Túmulos de Santo Dewi e Patraici. A pedra do altar, cinzenta, bruta, não lavrada — nem machado, nem cinzel a tocaram. Os homens diziam: 'Pedra de São José'.

Após o incêndio, foi encontrada e novamente alisada e embelezada.

Na Capela de Santo Patraic, fora (*outer*) do cemitério, junto da aldeia, foi colocado o altar quando tudo se achava destruído. Pode bem ter sido assim. Cinco cruzeiros sobre o altar — sobre a laje."*

É sempre de grande interesse quando um manuscrito de natureza histórica, proveniente de uma fonte como esta, se revela em harmonia com conteúdos oriundos de outra fonte completamente independente. Essa correspondência é evidente em escritos obtidos através da médium americana K.L., que não conhecia Glastonbury nem as tradições eclesiásticas primitivas da Inglaterra.

Um desses textos, obtido em **4 de Maio de 1923**, na presença do meu amigo **Philip Lloyd**, ilustra-o bem. Lloyd recebera desta amanuense *A Vida Métrica de São Hugo de Avalon*, em latim e inglês, e acabara de ler uma carta minha contendo o meu artigo sobre os manuscritos de S., reimpresso como *Memories of the Monks of Avalon*. Já lera o manuscrito que falava da forma circular da primeira pequena igreja, e estava prestes a fechar a carta quando decidiu mencionar essa ideia. A sua amiga, K.L., não lera o folheto — mas de imediato, sem hesitação, escreveu:

MANUSCRITO DE PHILIP LLOYD E K.L. — 4 DE MAIO DE 1923

"José construiu, como disseste, em forma de círculo; mas Patrício e David renovaram a sua edificação.

No Museu Britânico existe uma imagem tirada de uma antiga placa outrora presa a um dos pilares da *Ealde Chirche*.

Apresenta a primeira Capela de culto cristão na Bretanha.

A Capela de José, com forma de paralelogramo de sessenta pés de comprimento, com uma janela a Oriente e outra a Ocidente, e duas portas — tudo construído com varas entrelaçadas e coberto com junco.

Assim foi construída, e assim permaneceu quando Ine acrescentou a sua glória com o Novo Edifício."

À pergunta: "Porque não falaste mais cedo do círculo?"

A resposta foi:

"Ora, porque todas as habitações feitas com varas e barro primitivos eram assim moldadas — redondas ou semelhantes a colmeias — e tomámos por certo que assim as imaginariam."

Os interessados na questão da correspondência entre manuscritos recebidos de fontes independentes, como prova de uma identidade possível na sua origem, ficarão impressionados com o seguinte trecho de um manuscrito de **Philip Lloyd**, transmitido por **K.L.**, que nada sabia sobre Glastonbury. Este manuscrito não me foi enviado senão a **13 de Outubro de 1921**, embora tenha sido escrito em **8 de Fevereiro do mesmo ano**. Assim, eu desconhecia a sua existência enquanto recebia os de **S.** sobre o mesmo assunto:

EXCERTO DO MANUSCRITO DE PHILIP LLOYD E K.L. — 8 DE FEVEREIRO DE 1921

“À medida que os anos passavam, muitos escutaram as palavras de José.
E os mais veneráveis entre os Druidas receberam a Palavra com reverência, pois por baixo dos seus antigos ritos jaziam verdades tão profundas e simples que o povo não conseguia compreender a sua beleza.
Assim, os velhos caminhos conduziram aos novos, como os ribeiros da floresta escura fluem em direção ao lago cheio de águas...
Quanto ao chão, sabeis bem: a figura central — a Cruz — o Círculo — o Universo.
Então, os Quatro Caminhos para Cristo, que são os Grandes Quatro.
E os Signos do Zodíaco — pois os Nomes das Coisas sagradas são conhecidos pelas estrelas: no número das suas letras, no soletrar de acontecimentos futuros.
Sabeis que nesse Desenho do Chão está a profecia futura de Glastonbury, juntamente com os segredos interiores do Cristianismo.
Podeis encontrar muito do que é de interesse nos Livros Gnósticos Cópticos: na Cabala...”

Philip Lloyd interveio, perguntando:

“Podes explicar o que significa esta referência à Cabala?”

Resposta:

“Isto, que não foi claramente dito. Perguntaste-nos sobre **B. Bond**, e embora a resposta não tenha vindo, ele escreveu sobre a Cabala nos Livros Gnósticos Cópticos, que contêm os mistérios desses símbolos.”

Q. de Lloyd: “Posso encontrar isso?”

“Sim, está disponível. Ele escreveu *The Cabala of the Coptic Gnostic Books*. Temos a certeza de que poderás obtê-lo sob esse título.”

“Podes imaginar o meu espanto”, escreve **Lloyd** na carta de 13 de Outubro, “mas o meu maior assombro foi quando, após muita procura, lembrei-me do *Who’s Who* inglês e ali encontrei que tinhas escrito tal livro. Então fui à livraria e descobri-o na lista da Longmans. E poucos dias depois, o livro estava no meu quarto — e agora está diante de mim.”

Lloyd começara a receber manuscritos sobre Glastonbury em **Janeiro de 1921**, e o meu contacto com ele iniciou-se em **Maio**, por apresentação de **Stanley Napier**. Começou a enviar-me esses escritos a **8 de Outubro**. Na carta de dia 13, acima referida, escreveu:

“Hoje de manhã tentarei enviar-te mais três partes de Glaston. Já deverás ter recebido as primeiras seis.

Foi após esta secção seguinte que aconteceu algo surpreendente: a informação sobre a Cabala.

Até então só conhecia dois dos teus livros: *The Gate of Remembrance* (Dezembro de 1918) e *The Hill of Vision* (Setembro de 1919). Não fazia ideia de mais nada. Nem tinha visto o teu *Handbook on Glaston* até Junho, quando Stanley me trouxe um exemplar. No dia anterior a essa informação ser registada, eu perguntara sobre ti e sobre o que se passava em...”

MANUSCRITO XXV.a — O PRIMITIVO ASSENTAMENTO SEGUNDO PATRAIC

Data: 17 de Setembro de 1931

A acompanhar o manuscrito de S., datado de 14 de Setembro de 1921 (XXV.a), vinha um desenho que agora apresento, ilustrando o carácter do primeiro assentamento cristão, conforme relatado pelo monge **PATRAIC**, um dos Oito da Companhia. Tem grande semelhança com um "kraal" africano. Vemos o anel de cabanas em forma de colmeia e a paliçada de estacas altas para protecção — formando o círculo exterior no plano.

Este desenho deve ser comparado com os que surgem nas páginas seguintes, onde são descritos o estado posterior da capela e as suas reconstruções, bem como os monumentos colocados sobre os lugares das celas. O manuscrito de **INDRACTUS** (XXV.a) já aludia a estes elementos. **PATRAIC** foi o desenhador.

O manuscrito de PATRAIC mostra a segunda fase da história do assentamento cristão primitivo. A *Ecclesia Vetusta* ainda está de pé, mas as cabanas reduziram-se a círculos de pedra. As palavras “*Ecclesia Vet.*” estão escritas em letras góticas no canto.

Terceira fase: a igreja de madeira construída por São Paulino sobre os restos da *Ecclesia Vetusta*. Sobre o local de cada cabana surgem memoriais. Túmulos de reis (*ossuários*) sobre os de São José e São Natanael, entre outros. Uma cruz onde depois se ergueria o altar da Galileia. Uma capela sobre a cela de Simeão.

Fig. 19 — “Sanctus Paulinus edificavit ligni super reliquias Eccles: Vet.”
(São Paulino construiu em madeira sobre os restos da *Ecclesia Vetusta*).

Quarta fase: Herlewin circunda a *Ecclesia Vetusta* com um muro.

“*Herluin novos muros construiu em redor, segundo as linhas da Ecclesia Sancti Petri et Pauli.*”

Quinta fase: constrói uma capela de pedra sobre a antiga de madeira.

“*HERLEWINUS ABBAS procurou preservar a Ecclesia Vetusta segundo a aparência da Ecclesia Sancti Paulini.*”

“*Após o incêndio, a Ecclesia Sanctae Mariae foi construída sobre a linea muri Sancti Paulini.*”

“O ABBADE HERLUIN quis preservar a *Ecclesia Vetusta*, tal como o Santo São Paulino e o Santo São Dunstano a haviam mantido — salvo que a construiu maior.”

“A nova *Ecclesia Sanctae Mariae* foi edificada, maior e mais bela, mas não semelhante à igreja antiga.

Eu, ROMUALDUS, vi-a.”

Segue-se então um esboço da Capela de São Dunstano no extremo ocidental da Igreja de Santa Maria.

SÍTIO E PLANTA DA CAPELA DE SÃO DUNSTANO

O local e o plano desta capela foram por mim redescobertos em 1911, com base em indicações dadas no Diário Manuscrito de John Cannon. Situava-se pouco mais de seis metros a oeste da Igreja de Santa Maria. As fundações, profundas, revelaram um edifício original de data muito remota, algo semelhante a um dos oratórios irlandeses dos séculos IX ou X. Mas sobre essas fundações fora erguida uma estrutura posterior (século XIV), onde se guardavam as relíquias de São Dunstano.

A descoberta está registada em detalhe nos **Proceedings of the Somerset Society**, de 1913 (Vol. LIX), mas é muito improvável que S. tivesse tido acesso a esse registo. É possível que eu lhe tenha apontado o local quando visitou Glaston em Agosto de 1921; e, se assim foi, uma reminiscência subconsciente das minhas palavras pode ter inspirado o esboço — embora qualquer comentário meu se tenha limitado ao plano, parcialmente marcado no solo. Não fazia ideia da aparência do edifício.

REFERÊNCIAS FINAIS AO SIMBOLISMO DO PAVIMENTO DA ANTIGA CAPELA E SUA REPRODUÇÃO NA NOVA IGREJA DE SANTA MARIA APÓS O GRANDE INCÊNDIO

A 31 de Dezembro de 1922, muito tempo depois da recepção dos manuscritos já citados, **AMBROSIUS** enviou-nos outro texto sobre o tema do pavimento. Refere-se ao novo livro que o presente autor se encontra a compor, e deseja corrigir certos equívocos. O manuscrito é notável por narrar a visão do Irmão **WULFERIUS**, no tempo de **AYLNOTH**, o último dos abades saxões. É uma história encantadora, e aqui a apresento na íntegra. O texto reclama autenticidade, sendo oferecido *in grate memoriam* — isto é, pretende ser a memória combinada da Companhia. Precede-o o versículo latino de louvor à Trindade:

“**UNO TRINOQUE DOMINO,
SIT SEMPITERNA GLORIA,
QUI VITA SINE TERMINO,
DONET NOBIS IN PATRIA.**”

“Irmão, saudamos-te em grande memória. Nós, na pátria celeste — tu, no exílio. Contudo, em breve regressarás à nossa Companhia. Mas por ora, ainda trabalhas. Não te mostrámos já o teu lugar vazio num plano? Nós, os oito, aguardamos por ti — o nono.

Não temas que te digamos algo senão a verdade; e quanto ao livro que ele escreve, e muito do que já te dissemos — não temas!

Mas pede-lhe que não use palavras difíceis, longas e árduas de compreender, mas sim fáceis e claras, para que alguns possam apreendê-las.”

“Uma coisa vimos: que ele não compreendia o chão da *Ecclesia Vetusta*, e tu o tinhas certo. O chão — solo — assim o chamávamos — era vermelho: a Hóstia, em ouro, no centro: os caminhos — *lineae* — em negro, marcando os trilhos para as celas dos Santos: cada cela, pequena, em dourado. Assim o víamos antes do incêndio, não como o nosso Abade o representa agora, mas de forma mais clara. Contudo, mesmo então, não sabíamos o que mostrava. ‘Sinais de Estrelas’, pensávamos nós! Sim: estrelas de facto — pois eram os Santos; e o Sol ao centro — pois Ele é o verdadeiro Sol da Verdade. E a *Ecclesia Vetusta*, o Manto de Nossa Senhora, protegendo Aquele que jazera na manjedoura de Belém por nós.”

AMBROSIUS prossegue:

“Eu, quando jovem noviço, vi uma noite de *Childermasse* [Dia dos Santos Inocentes] aquilo que uma vez te mostrei, irmão — uma noite em que, no calor do verão, vieste a Glaston, tal como agora. Era tua missão escrever, irmão, mas não o fizeste.”

S. afirma que se esqueceu de me contar esta visão aquando da sua visita a Glaston, em Agosto de 1921, por termos tantos outros temas a tratar. E nos dezassete meses seguintes, só tivemos três ocasiões de conversa. A Visão de Ambrósio no *Childermasse* voltou à sua memória pouco depois dessa festividade — um facto curioso, típico desta comunhão espiritual:

“Vê agora: a *Ecclesia Vetusta*, pequena, redonda, escura: o sol já se pusera; mas duas velas ardiam no altar; e cinco irmãos, velhos e curvados, cantavam Vésperas pela boa vontade do nosso abade AYLNOTH, assim me parece: vê no livro — antes do abade TURSTIN. Tu tens esse livro. Vemos-te com ele — procura-o.

E eu, que muitas vezes conduzia o nosso irmão **WULFERIUS** pela mão — eu, ainda um rapazinho — estava com eles.”

“O nosso irmão **Wulferius** fora **WULFE**. Natural da *Danelaw*, combatera muitas boas batalhas. Mas agora, velho monge, doente e fraco, era sempre bondoso e gentil para comigo, pobre rapaz!

E quando cantávamos o *Magnificat* — os velhos e eu — diziam que a minha voz era como de melro na floresta (a voz de Ambrosius) — agradava-lhes que eu cantasse — e então pensei que Wulferius enlouquecia.

Pois ele ergueu os olhos ao Céu e a mão, como quem contempla algo belo. E eu também vi — pois havia Luz, bela e encantadora!

E ao centro, Nossa Senhora, toda branca e formosa, com um véu azul — azul como o Céu no tempo da ceifa (*Lammastide*).

E o Seu Menino, segurava-O: Ele, Senhor do Céu e nosso.

E ajoelhámos, e alguns choraram de louvor e alegria por Nossa Senhora e o Menino pequenino — Nosso Senhor.

Mas por pouco tempo O vimos, pois alguém irrompeu, gritando que a *Ecclesia Vetusta* estava em chamas — e logo seria consumida!”

“Mesmo enquanto ele corria, antes sequer de encontrar a porta, pois o sol já se pusera — toda a glória desapareceu!

E todavia soubemos que tínhamos contemplado um vislumbre da Glória imperecível. E nada no mundo poderia roubar-nos isso.”

“Alguns não deram crédito quando falámos da Visão — o nosso abade, em primeiro lugar, dizendo:

‘Velhos fracos e doentes, e um jovem sonhador que ama demais os livros!’

Mas nós sabíamos!

Tudo te contei, irmão, no claustro do Abade Herlewin, quando vieste como peregrino de São Swithun. E agora trago isso de novo à tua memória — tal como não há muito tempo em Glaston. Fiz-te vê-lo então, mas não o desenhaste com pena.”

O manuscrito evoca então outros acontecimentos do tempo de Aylnoth, a serem tratados noutra ocasião. Conclui-se com um comentário de **GALFRIDUS**:

“O chão da *Ecclesia Vetusta* era vermelho — *ruber*. Em seu redor, os baixos muros com um manto dourado, até aos muros de São Paulino, e pedra além deles, de Herlewin, o Abade. Mas o plano das celas e o Sol no círculo apenas.

Contudo, não compreendíamos os sinais: e agora, tudo se perdeu — o símbolo — Mas a Fé permanece nos corações dos homens, eternamente.”

GALFRIDUS

As referências já citadas de Malmsbury quanto à repetição dos símbolos no piso posterior certamente nunca tinham sido vistas ou ouvidas por S. Por outro lado, ela, de facto, tinha lido apressadamente ou folheado *The Gate of Remembrance*, podendo assim ter retido mentalmente o excerto aí apresentado do escrito de John Alleyne, embora não o consiga recordar. Para benefício dos novos leitores, transcreve-se aqui esse excerto:

«Aquilo que os irmãos de outrora nos transmitiram, seguimos nós, sempre construindo segundo o seu plano. Como dissemos, a nossa Abadia era uma mensagem em pedra. Nos alicerces e nas distâncias reside um mistério — o mistério da nossa Fé, que vós esquecestes e também nós, nos dias mais recentes. Todas as medidas estavam claramente marcadas nas lajes da Capela de Maria e vós destruístes-nas. Assim foi registado, de modo que aqueles que edificaram e os que vieram depois sabiam de antemão onde deveriam construir.»

«Ali estava o Corpo de Cristo, e em redor d’Ele deveriam estar os Quatro Caminhos. Dois foram construídos e mais nenhum. No chão da Capela de Maria estava o Zodíaco, para que todos pudessem ver e compreender o Mistério. No meio da Capela Ele foi depositado, e a Cruz d’Aquele que foi nosso Exemplo e Exemplar.»

O simbolismo espiritual do chão circular, representado pelo círculo zodiacal, era então apenas parte de um sistema de símbolos mais abrangente e detalhado, que abrangia todas as partes do plano bem ordenado dos edifícios através das várias eras de construção ou reconstrução. Um Ideal, agora perdido para nós, foi corporizado nas pedras. Esse Ideal cabe-nos redescobrir, e voltaremos a encontrá-lo quando nos tivermos elevado acima do perigo que sempre acompanhou o uso humano do símbolo — o perigo recorrente de confundir o símbolo com aquilo de que é apenas imagem parcial e imperfeita, o que levou, vezes sem conta, ao grave pecado e erro da idolatria. Quando por fim estivermos livres desta fraqueza recorrente, tornaremos-nos herdeiros do Mistério da Verdade que todo o símbolo procura tipificar e expressar. O Mistério central é aquele que foi preservado em linguagem poética como o Santo Graal. Glaston foi o seu guardião. O seu símbolo é o Cálice, e os homens têm sido propensos, na sua ignorância e insensatez, a idolatrar o próprio vaso, que nunca foi mais do que o símbolo de uma verdade profunda, viva no coração da Fé. Nos escritos de S. há muitas referências ao

ocultamento do Cálice simbólico em Glastonbury. Noutros escritos recebidos pelo autor este acto é um tema recorrente. Mas ainda não chegou o tempo para a recuperação do símbolo concreto, e não chegará enquanto homens e mulheres não forem suficientemente fortes e puros na fé para resistir à tentação de o idolatrar. O ideal devocional que ele expressa foi transposto para a arquitectura, intuitivamente traduzido em termos de simetria e beleza pela irmandade beneditina. Eis um excerto de um escrito de J.A., publicado no folheto *The Return of Johannes*, datado de 4 de Agosto de 1921:

«As escolas de pensamento filosófico, que durante séculos dominaram as mentes dos homens, já desapareceram da Terra. Contudo, continuam a exercer influência sobre o espírito dos seus devotos. Assim, todos os Céus, embora sejam uma grande Irmandade no Amor de Deus, ainda se subdividem e organizam em companhias e fraternidades menores, todas lutando juntas pela concretização dos seus ideais, e ainda influenciando aqueles na Terra que estão sintonizados com esses ideais, pois todos se encontram em sintonia com o grande Amor do Criador. Assim é com a grande força mística de Avalon. Influenciada desde o início por um grande Adepto, um grande Mestre dos homens, foi visitada pela Encarnação do Logos, o espírito do Cristo, no primeiro esplendor da sua juventude.¹

«Os movimentos que a corrente espiritual etérica assim gerada pôs em acção foram sendo gradualmente difundidos e influenciaram sucessivas gerações de homens, centrando-se e concentrando-se progressivamente num Ideal que, ao amadurecer, se materializou em Pedra. E aqui, trazido ao foco, esse Ideal foi sustentado nas intuições da Ordem monástica que teve o grande privilégio de guardar a Sagrada Custódia, o Santo Graal, cujos mistérios e História Maior foram perpetuados em cada pedra e medida daquela vasta extensão de edifícios: até que, por fim, tendo-se tornado orgulhosos e, na maioria, ignorantes, esqueceram! E, tendo traído a sua Missão, foram afastados.

«No entanto, no domínio do Espírito Universal tornaram-se como crianças, arrependendo-se e sendo ensinadas e formadas por meio deste pequeno laço de simpatia. E agora, envoltos por esse Ideal que está centrado e perpetuado nas pedras que ainda vos são visíveis e no edifício completo que a eles é visível, estão unidos como força espiritual — a Companhia dos Eleitos de Avalon — que se conjuga neste esforço de resposta a vós, que por vossa vontade própria vos sintonizais com as suas vibrações.»

¹ Isto pode referir-se à antiga tradição entre os camponeses do distrito de Somerset, e do sul da Irlanda, segundo a qual Jesus, em criança, teria vindo a Glaston, mas noutras fontes entende-se tratar-se de uma expressão poética para afirmar que foi na sua pureza e frescura originais que a Palavra de Deus, ou seja, o Evangelho, chegou a este lugar.

CAPÍTULO VII

HISTÓRIA POSTERIOR DA EALDE CHIRCHE

Como aqueles que vieram depois incorporaram a antiga capela redonda num edifício rectangular é contado em vários escritos. Um deles foi recebido por S. a 29 de Julho de 1921, e chegou até mim a 2 de Agosto. A primeira parte refere-se ao local do Cemitério dos Monges e ao dos Leigos, e reflecte fielmente a verdade.

Depois, descreve como os Quatro Caminhos foram marcados. Dois deles foram «construídos» — isto é, eram portas reais nas paredes da Capela. Eram as portas norte e sul. As outras duas, a este e oeste, não estavam assim marcadas, pois nesse sentido a Capela rectangular tinha sido prolongada em ambas as direcções. Contudo, seriam visíveis dentro dos baixos muros de

pedra do círculo preservado no chão. O pequeno plano que acompanhava o escrito é reproduzido e mostra esses caminhos. Um deles, claro, estava logo atrás do altar. É curioso comparar isto com a referência a uma porta oriental atrás do altar na Capela de Edgar, o último dos edifícios da Abadia a ser erguido. Aqui parece perpetuar-se a mais antiga tradição.

Aprendemos deste escrito que o chão simbólico foi colocado em mosaico, à maneira romana.

ESCRITO de 29 de Julho de 1921.

«A norte da Ecclesia Major, sepultava-se o povo comum, mas a sul, monges e irmãos leigos. A sul da Ecclesia Vetusta, grandes senhores, Reis e Santos — ‘Saintes’ em francês. (Os) homens que procuram em Glaston em

心

FIG. 23.

Ecclesia Sainte-marie sobre Vetusta Ecclesia — sabeis que (a) porta Leste estava nas traseiras do Altar. O Altar não tinha parede atrás. O Altar estava no Círculo do que outrora foi a Ealden Chirche: vede agora: Solo de pequenas peças de pedra em padrões de mestria admirável, semelhante ao solo que os Romanos faziam nas casas — átrios — usados para igrejas, e também britânicos. Símbolos na Ecclesia Vetusta: altar erguido sobre o mais sagrado de tudo. Um manto de ouro — nada dele foi encontrado: tudo queimado. Procurai bem fundo: pode ser que ainda haja alguma madeira ali. É apenas para se certificar que tudo é verdade da Antiga Igreja, e dos Santos e Bem-aventurados.»

Infelizmente, a escavação da cripta posterior privou-nos de qualquer prova do edifício de madeira anterior ao incêndio, pois toda a terra dentro da área sagrada foi removida até grande profundidade. Se, contudo, conseguíssemos descobrir onde toda essa terra sagrada foi lançada, poderíamos esperar encontrar muitos fragmentos de madeira carbonizada, pois neste estado é indestrutível.

UMA CASA-IGREJA SOBRE A EALDE CHIRCHE

O escrito continua por afirmar um facto curioso — que, sobre as paredes de madeira que Paulino de Iorque ergueu à volta da velha igreja, havia uma estrutura elevada que foi inicialmente conhecida como «Domus Ecclesiæ». O texto está em latim, mas será mais conveniente apresentá-lo em inglês:

«A Igreja Maior (Ecclesia major) era a mais alta. Era muito elevada. A Ealde Chirche (Vetusta Ecclesia) era menor em dimensão. A casa de madeira que se erguia sobre a Ealde Chirche de São Paulino era mais alta. Esse edifício não era uma igreja, mas uma Casa-Igreja. Agora, porém, é chamada de ‘Igreja’.»

Inferimos que, no tempo de Ambrósio, este edifício se passou a designar por “Ealde Chirche”, estando já incorporado no edifício sagrado. Esta narrativa concorda bem com o que sabemos de algumas igrejas saxónicas, pois era habitual erguer estas igrejas até vários andares de altura, certamente por razões de protecção, e os pisos superiores eram usados para funções importantes do mosteiro e para o armazenamento de livros e objectos de valor.

Durante o mês de Julho de 1921, eu estava a escavar no talude elevado a norte da Capela de Nossa Senhora. Um antiquário local tinha defendido a opinião de que a igreja mais antiga teria estado aqui, a norte. Certamente não partilhava dessa opinião. Escrevi a S., informando-a do que estava a fazer, e a 3 de Agosto ela recebeu o seguinte escrito C #127 (p.83), com Romualdus a responder à minha questão sobre essa hipótese.

ESCRITO datado de 3 de Agosto de 1921.

«Irmão — eu, ROMUALD, não vi a construção da mais antiga Igreja, mas diziam os homens que a Capela de Herlwin, nosso Abade, foi erguida sobre as paredes de São Paulino (*muri Sancti Paulini*) e eu próprio vi lá o pavimento e muros baixos (*muri parvae*) — não muito altos, num círculo dentro da Igreja de Santa Maria.

Mas pouco sei da construção depois do grande incêndio: tudo foi queimado e destruído, e talvez tenham construído algo mais a sul: pode ser que sim.

Se eu ou outros monges que saibam mais conseguir encontrar algo, fá-los-ei lembrar-te.»

Esta é a forma encantadora de Romuald dizer: «Se conseguir encontrar outros monges que saibam mais, farei com que te lembrem.» Romuald dá então um plano do que podia ser visto no seu tempo. Estavam lá as duas igrejas, a Ealde Chirche a oeste e a Igreja Maior a leste, separadas por um espaço de mais de cinquenta pés, que é agora ocupado pela Galileia. Por esse espaço passa, em diagonal, desde o canto sudeste da Ealde Chirche ao canto noroeste da Igreja Maior, um caminho coberto com telhado de madeira. As paredes de madeira da igreja antiga estão cercadas por uma linha que representa um recinto de pedra, descrito mais tarde como tendo sido adicionado por Herlewin, o segundo abade normando. Nada se sabe disto pela história. A sul da Ealde Chirche figuram-se dois monumentos piramidais no cemitério, identificado como *Cimiterium monachorum et regi (regum?) et sanctorum*. No ângulo sudoeste da nave da Igreja Maior, aparece no plano uma capela, descrita depois como Capela Mortuária. Parece ser esta a única que sobreviveu ao incêndio, tendo sido usada durante algum tempo pelos irmãos, em circunstâncias de grande desconforto.

Um claustro está assinalado ao longo da parede sul da nave da *Ecclesia Major*. O escrito termina com uma exortação a procurar os pavimentos colocados pelo Abade Herlewin, a 18 pés da linha da parede (sul?) da Grande Igreja de Ina. Afirma que o Abade Herlewin não construiu o santuário da Igreja Maior, apenas a parte ocidental — o extremo oeste da nave.

Mais pistas sobre o trabalho de Herlewin são dadas no próximo escrito a citar, vindo de Ambrósio, que apresenta uma elevação da Igreja Maior, complementando o plano já recebido.

ESCRITO de 6 de Agosto de 1921.

«Amigo e irmão: eu, AMBRÓSIO, estava em Winton, e o Abade Herluin construiu em Glaston algo em pedra, restaurando Santa Maria, a Igreja Antiga, e a oeste da *Ecclesia Major* do Rei Ini.

Nada da cabeceira ou ábside da igreja do Rei Ini voltou ele a construir, mas (um) claustro de madeira, e (uma) torre sineira: vê. Romuald, então noviço, depois Tesoureiro, pode contar mais. O Abade Herluin reparou o telhado e as paredes da *Ecclesia Vetusta*.»

O DESENVOLVIMENTO DE UM TEMA

Os leitores terão notado como as primeiras referências dispersas às obras do Abade Herlewin foram sendo integradas no fio dos escritos. Os comunicadores parecem estar a explorar, pouco a pouco, lembranças mais detalhadas. Sempre senti que estes escritos se assemelham a um tema musical, onde o “motivo” é gradualmente desenvolvido a partir de uma simples sugestão, através de várias fases parciais de expressão, até assumir forma perfeita. É fascinante observar a evolução de uma ideia como esta obra de Herlewin, e os leitores podem antever um desfecho interessante. Há intenção na sugestão, por exemplo, de que pensam que a nova Capela de Santa Maria foi construída um pouco a sul da igreja antiga. S., naturalmente,

não podia saber isto. A ideia não se depreende de qualquer dado existente. No entanto, é de grande importância, como se verá a seguir. Este tema é retomado no escrito acabado de citar:

«Depois do incêndio, eu, Romualdus, vi alguma da construção, mas não muita. Nova Santa Maria, mais a sul — também a Igreja Maior — mas não muito mais a sul. Pedra nas fundações do Rei Ina, difícil de usar e de escavar. Vê.»

Aqui, é desenhado um diagrama que indica os conjuntos paralelos de muros de fundação nos edifícios antigos e mais recentes. Esta diferença de posição já foi demonstrada no caso da Ealde Chirche e da Igreja de Santa Maria. Falta ainda demonstrá-la quanto à Igreja Maior, sendo necessárias escavações profundas para o comprovar.

A questão abordada no escrito, acerca da dificuldade em trabalhar com a pedra antiga, é pertinente, e era algo que S. não podia ter apreciado. Esse conhecimento era praticamente só meu. Observei, ao longo de muitos anos de escavações, que nas fundações mais antigas (britânicas ou saxónicas), era empregue uma pedra de natureza muito mais refractária do que a utilizada posteriormente. É tão dura que não se presta a qualquer acabamento arquitectónico, sendo de um tipo muito bruto. Encontra-se em massas ovais, conhecidas como “Tor Burrs”. O motivo da sua utilização é claro: era a única pedra disponível neste local isolado. Mais tarde, todas as boas pedras de construção eram trazidas de longe. A pedra grosseira vem de Street e arredores, e a pedra calcária fina das pedreiras de Doultong, que ainda hoje fornecem material de construção.

Seguem-se vários escritos onde se mencionam um Ossário ou casa de ossos no cemitério a sul de Santa Maria, o pavimento do claustro, e outras obras de Herlewin, incluindo uma Capela de Santa Maria Madalena junto à cabeceira da Igreja Maior. Rainold, outro dos comunicadores, dá o seu testemunho sobre isto e recomenda a procura de criptas ainda existentes sob o chão da nave. Rainold parece estar correcto quanto à casa de ossos. O jardineiro da Abadia encontrou-a há cerca de cinquenta anos e o local perdeu-se. Quando foi encontrada, estava cheia de ossos. S. nada sabe desta história, que me foi contada pelo velho (já falecido). A tradição diz que existiam várias abóbadas sob a nave. Se pertencessem à igreja posterior, há muito que terão sido preenchidas, mas as que Rainold menciona podem ser de tempos mais antigos e possivelmente ainda existem, já que estariam a um nível inferior.

Constato uma diferença de níveis do chão entre as igrejas monásticas antiga e nova de cerca de dois metros no extremo ocidental.

Rainold assina-se como «antigo Cavaleiro Militar do Rei Guilherme, Duque da Normandia» e, mais tarde, monge.

ESCRITO de 11 de Agosto de 1921

«Foi construído um ossuário no meio do cemitério dos monges. Procura-o. Procura-o. Alguns dos ossos ainda lá estão, a sul de Santa Maria: uma pequena casa de ossos. Lembra-te bem: não há pórtico na Ecclesia Vetusta a ocidente (a oeste).

Procura tudo o que puderes. Há muito por descobrir acerca da Igreja Maior do Rei INA (*ecclesia major Regis Ini*), que Herlewin, nosso Abade, construiu a ocidente — não a oriente, salvo uma capela de Santa Madalena, muito bela — toda queimada.

Procura criptas da igreja maior — a Ecclesia Minor — abóbadas e caves para ossos: não há espaço no cemitério.»

Rainold não relata correctamente a história da Capela de Madalena. Isto foi recordado mais tarde (ver escrito de 7 de Setembro). A capela foi danificada, mas ainda pôde ser utilizada em tempo de infortúnio, como se viu. Noutro escrito recebido por volta de 16 de Agosto, mas sem data, diz-nos que esta capela foi construída pelo Abade Herlewin, junto ao transepto sul, a oriente, e pensa que talvez ainda haja algumas pedras sob a terra. Rainold não assistiu ao incêndio, mas diz que conhecia bem o claustro e também a Igreja Velha. Neste escrito, diz-nos onde poderia ser encontrada a tumba de Artur e Guinevere, e incita-nos a procurá-la. Esta informação é dada em francês normando, a sua língua materna:

«Le Roy Arthure et la Reine Genevieve gisaient près de l'église, junto dos dois ossuários onde repousavam os restos, os cadáveres dos Reis dos Anglo-saxões. Procurai-os!»

ESCRITO de 21 de Agosto de 1921

Nesse dia, um domingo, chegou um escrito de Romuald. É de notar que ele refere que obteve informações de alguém que viu grande parte da construção nova após o incêndio. Esse irmão diz-lhe que a Igreja Maior foi reconstruída numa escala muito mais ampla do que a destruída. Isto, claro, é verdade. Mas o ponto essencial é que volta a demonstrar o facto frequentemente alegado de que as memórias de sucessivas épocas estão ligadas umas às outras, de tal forma que quem relata pode partilhar as experiências daqueles que vieram depois de si, tão facilmente como as dos seus contemporâneos.

Esta ligação de memórias e experiências na grande comunhão ou fraternidade das almas é algo de belo de contemplar, pelo modo como enriquece a vida individual, entrelaçando a rede pessoal de recordações e sentimentos com todas as vidas que se lhe ligam em simpatia. Um retrato marcante desta vida alargada, com toda a sua plenitude de relações, é dado no escrito de John Alleyne, de 4 de Agosto de 1921, onde Johannes Bryant, irmão do século XVI, fala assim:

EXCERTO DO ESCRITO DE JOHN ALLEYNE

Datado de 4 de Agosto de 1921

«Como já dissemos, não só eu, Johannes Monachus, mas todos da Companhia que amaram e amam a nossa Abadia tal como ainda se nos apresenta, vemos toda a sua glória, embora vós apenas vejais tristes ruínas. Nós, que caminhámos e ainda caminhamos no tabernáculo carnal no qual, pelo pensamento, ainda nos revestimos, podemos continuar a habitar nos claustros onde costumávamos meditar. Assim, digo, todos nós, dos mais diversos graus, unidos e combinados numa só bela fraternidade: nós, que no nosso tempo vivemos como irmãos, com os muitos que assim viveram antes e os poucos que vieram depois, todos assim podem caminhar e contemplar.

Para a Companhia, então, a Abadia, na sua forma etérea, é tão concreta e real como (ou até mais real do que) os objectos materiais são para nós, mas com a diferença fundamental de que eles podem, quando querem, trazer à consciência presente os acontecimentos, circunstâncias, aparências dos objectos e condições de qualquer período ou momento no âmbito da experiência comum. Podem ver a Abadia de pé, perfeita, como no seu auge, e a sua memória unida pode reproduzir toda a sua história. Vestindo-se com o traje da recordação terrena, podem recordar esta história como um todo contínuo. Entram plenamente na recordação uns dos outros, partilhando pensamento e emoção, e rejubilando no drama de muitas vidas. Nesta comunidade perfeita de pensamento e vida não se perde a consciência individual, apenas se ganha uma plenitude acrescida que traz felicidade sem medida. Isto, de facto, é o Paraíso, e é a transmutação do sofrimento, pois a dor e o prazer das vidas passadas, embora vivos com

todas as cores da realidade, são agora vistos como secundários em relação à verdadeira vida do espírito liberto que pode dominá-los; e transitórios, pois podem, à vontade, ser revisitados e à vontade deixados novamente.»

Romuald relata que, depois do seu tempo, a Igreja Maior se estendeu tanto para leste que acabou por cobrir a ábside da antiga Ecclesia Major, e a sua parede sul cortou o passeio norte do claustro de Herlewin. Segundo ele, a Capela de Madalena nunca foi reconstruída, e tem razões para crer nisso, pois a nave sul da nova igreja cobriu-a. Após o incêndio, verifica que o corpo de Artur foi sepultado junto ao Grande Altar, pois diz: Rex Henricus encontrou-o no cemitério dos monges.

CAPÍTULO VIII

DO IDEAL IMPERECÍVEL E DA SUA TRADUÇÃO EM IMAGENS MENTAIS E MATERIAIS

Parece apropriado introduzir aqui parte do ensinamento mais filosófico recebido da Companhia de Avalon ao longo do tempo, principalmente pela mão de John Alleyne. Este ensinamento refere-se à permanência de todo o Ideal espiritual e à eterna capacidade desse Ideal de se exprimir primeiro como Imagem Mental e, a partir daí, pela faculdade criadora da Mente, como símbolo concreto no plano material.

O Espírito é sempre a verdadeira fonte criadora, mas existem poderes e agentes secundários do espírito, valores emocionais puros que, influenciando as mentes de homens e mulheres, se tornam os pais do Pensamento. Assim, imagens de beleza espiritual são concebidas na mente e procuram traduzir-se em forma concreta. Toda a obra de arte perfeita contém, assim, um valor emocional derivado de um impulso espiritual ainda mais íntimo. Esse conteúdo espiritual confere personalidade ou verdadeira unidade de carácter à obra. Essa unidade pode exprimir-se numa infinidade de detalhes, mas enquanto o símbolo material for verdadeiro, a unidade estará lá em cada parte, e pode ser discernida pela consciência espiritual.

O Espírito busca eternamente a auto-expressão em modos sempre variados, e a obra da evolução espiritual do Homem é a conquista, pela Vontade do Espírito, de todos os graus da Matéria — e aqui incluímos não só a Matéria física, mas todas as forças intermédias, substâncias, graus de ser, etéricos e mentais, que lhe são exteriores enquanto oferecem resistência ao seu espírito, e se tornam hostis ao seu esforço na medida em que ele ainda não conseguiu dominá-los. Vê-se assim que o campo mais importante de conquista não é, como supõem os materialistas, o domínio exterior da Natureza física, mas antes esse outro campo inexplorado que, se bem que de certo modo interior a nós, não está de modo algum sujeito ao domínio do nosso verdadeiro Eu: ou seja, o Campo do Subconsciente. A mente subconsciente NÃO É NOSSA, NÃO SOMOS NÓS MESMOS, salvo na medida em que a penetrámos pela actividade simpática da nossa mente, dominando-a e submetendo-a à obediência perfeita. Então ela torna-se uma Personalidade acrescida, com poder sobre os domínios exteriores da Natureza, equivalente ao reino interior governado pelo Espírito individual.

ESCRITO de 23 de Maio de 1918

(após uma visita a Glastonbury)

ARGUMENTO:

A imagem ideal da Abadia, tal como concebida pelo seu arquitecto, é imperecível, podendo ser reconvertida em forma concreta quando o impulso não for bloqueado pelo materialismo dos

homens. O Ideal pode ter uma expressão mais espiritual, que não se traduz necessariamente em concreto. A imagem mental pode ser defeituosa, e foi o que aconteceu com a Abadia de Glastonbury, que era instável como edifício devido a erro de concepção. Jerusalém é um ideal espiritual não traduzido, e tanto Jerusalém como Glastonbury ressurgirão em obediência a uma lei periódica de crescimento.

ESCRITO

(J.A.) «Nós, que observamos as Leis, dizemos-te que a Imagem do Edifício permanece sempre, pois é um símbolo genuíno do impulso Divino que lhe deu origem. É apenas um símbolo secundário (símbolo de símbolo), mas é um elo na cadeia Divina, e por isso vive sempre na consciência espiritual dos homens que o conceberam, e assim voltará a manifestar-se como outrora, quando o impulso espiritual que tende à sua recriação tiver ganho força suficiente para o tornar possível. Esse impulso pode partir da própria Ideia, que pode primeiro mover o Espírito e depois, por um esforço mais vívido e concentrado, começar a estimular as condições materiais, moldando-as para criar um ambiente propício à manifestação da sua influência. Assim, a Ideia, reforçada pelo Espírito, deve aumentar a intensidade da sua influência até atingir o plano da Acção, antes que possa completar o seu domínio sobre a Matéria. E esta força da Ideia variará em intensidade conforme a resistência encontrada no seu ambiente de destino.»

Paráfrase para clareza, 31 de Agosto de 1919

Nesta fase pode surgir uma dificuldade. Em tempos antigos, as actividades de muitos eram dirigidas pela liderança intelectual de poucos. Num caso como o da construção desta Abadia, as condições eram simples, pois apenas dois ou três mestres eram responsáveis, e onde eles conduziam, o resto seguia obediente ou de bom grado. Duas condições então levavam ao sucesso: por um lado, a força do Ideal; por outro, a influência e esforço unido de uma multidão obediente à orientação dos mestres construtores. Onde os líderes controlam, a maioria é facilmente guiada. Mas quando não há controlo dos líderes, é sempre possível que uma minoria, movida apenas por motivos materiais, confunda e atrapalhe a obra e o impulso espiritual da maioria.

Actualmente, existe uma maioria espiritual em que a Ideia atingiu tal domínio que consegue encontrar expressão espiritual mais perfeita do que sequer nos velhos tempos, em que se manifestava com mais facilidade no plano material devido à ausência comparativa de oposição. Mas nós, que mantivemos esse Ideal e cujo plano de Beleza subsiste eternamente, agora conseguimos ver, com os olhos do espírito, as imperfeições da anterior manifestação desse Ideal.

O Ideal, embora perfeito, ainda não conseguiu obter manifestação imortal e, do mesmo modo, a manifestação subtil ou etérea falhou devido às suas deficiências materiais. Se a grande Abadia tivesse sido perfeita na concepção, ainda estaria de pé. Mas o sistema sob o qual foi construída falhou devido às falhas induzidas pela própria imperfeição do ideal concebido e, assim, o edifício, ruindo e desequilibrado por esses defeitos, estava condenado ao fracasso. Dizemo-lo claramente: se tivesse sido tão perfeita e bem concebida como Westminster ou Wells, ainda subsistiria.

Foi destruída, enquanto edifício, pelas suas imperfeições. Pelo mal das suas falhas, sofreram as partes perfeitas, e assim, aquilo que não caiu pela sua própria ruína foi removido.

Será reconstruída como manifestação desse Ideal mais perfeito e desinteressado, que em si mesmo exprime Perfeição e Beleza combinadas com grande utilidade no mundo dos homens, e, uma vez reconstruída, perdurará. Aguardamos a sua vinda, e assim cremos que voltará. Mas tal só será alcançado harmonizando o Ideal antigo e puro com as forças espirituais activas nesta época mais esclarecida e complexa em que viveis. Já vos dissemos que os lugares têm significado espiritual. Aqui tendes esse significado em perfeição, e o que é verdadeiramente perfeito não muda. O princípio perfeito manifestou-se, mas a interpretação desse princípio não foi perfeita. Agora, sobre este fundamento perfeito, é necessário reconstruir uma Perfeição que dure. Assim o desejamos e esperamos vê-lo acontecer.

Jerusalém, que já não é símbolo de valor para o progresso espiritual do Homem até se despir dos seus valores terrenos, era símbolo do Espírito. Agora, despojada do seu manto terrestre, como quem passa pelos portais da Morte, torna-se uma força dominante do Espírito.

Por isso vos dizemos que Jerusalém será ainda o centro das forças espirituais unidas de todo o mundo. E quando assim for, então, também e na mesma medida, Glastonbury ressurgirá.

Assim a História repete-se — repetirá em obediência a uma lei da Natureza que é Lei do Espírito: e assim vereis cumprir-se a lei no grande renascimento e crescimento da influência espiritual; um crescimento que se desenvolverá na mente do homem como reacção ao maior materialismo que o mundo já conheceu; o materialismo do Intelecto manchado pelo estudo da Matéria e das coisas materiais, não purificado pela influência das Intuições e Emoções do Espírito, que é o maior parceiro da Dualidade que é o Homem.

As influências que encontram eco nas vossas mentes são muitas, e evoluem da interacção de uma multidão imensa dos que vivem do outro lado, e com quem toda a simpatia se desenvolve tal como convosco, através das Emoções que só elas são Divinas, mas que connosco são revestidas da Razão e Experiência adquiridas na nossa vida na Terra, ou em outras Terras.»

Dada a fragilidade da natureza humana e a lentidão do entendimento, o Ideal espiritual que Glastonbury representa nunca conseguiu ainda traduzir-se em toda a sua plenitude. Têm havido vagas periódicas de nova actividade espiritual neste centro designado para o trabalho evolutivo de estabelecer o Reino. Estas expandiram-se por todo o Ocidente, difundindo a Luz. Depois de se esgotarem, extinguiram-se, e sucederam-se períodos de aparente desolação, simbolizada pela destruição material. Contudo, não penses que o santuário e centro divinamente escolhido possa alguma vez deixar de trazer, no fim, o Desejo das Nações, nem que o bem já feito se tenha perdido, mesmo que seja só em parte. Não está perdido: está obscurecido, mas permanece no coração de uma imensa multidão como semente pronta a germinar e dar uma colheita de valores espirituais que a Terra nunca viu. As expressões exteriores do Espírito podem esbater-se; a religião organizada, em particular, pode perder completamente o seu sentido, tornando-se vazia de Espírito; mas, sem se ver, o fermento já penetrou as massas humanas, e está agora a actuar. Procura-o naqueles que não têm fé dogmática, mas são guiados por um instinto inapagável de justiça e misericórdia, honestidade e pureza; cujas mentes se dedicam ao cultivo do belo em todas as suas formas; que são tocados por uma simpatia que se estende não só aos seus semelhantes, mas às vidas menores da Natureza e às suas forças não individualizadas, mas presentes em todas as maravilhas que a Ciência revela. Procura-o na soberania de uma Razão espiritualmente iluminada que, rejeitando o medo e toda a superstição, unirá o intelecto humano à Intuição espiritual, trazendo as forças de uma imaginação autêntica para parceria consigo.

Então, a Consciência perfurará o véu do Subconsciente, e nesse véu serão encontrados todos os que no passado pensaram e trabalharam pelos mesmos fins espirituais, e as suas mãos estender-se-ão até nós do outro lado da barreira nebulosa. O seu génio iluminar-nos-á, e a sua experiência guiar-nos-á. A sua presença espiritual na nossa consciência será sempre um estímulo e consolo para o trabalho difícil que à Raça cabe agora empreender para o grande Desígnio, o Fim a que o nosso caminho evolutivo se dirige.

A Forma etérea, que é a expressão permanente e completa do Ideal sempre presente à visão liberta da Companhia, não pode ser comunicada na totalidade, mas apenas como uma sucessão de imagens aparentemente desconexas — visivelmente diferentes, mas idealmente ligadas entre si. A imagem, na sua plenitude, não é limitada pelas leis do Tempo e Espaço como as conhecemos. Porém, para as faculdades libertas de percepção, essa série de imagens funde-se numa só figura simétrica de um tipo inconcebível para nós. Assim, a rústica igreja de vimes dos primeiros tempos torna-se, de modo surpreendente, parte integrante dessa Imagem maior, que inclui todas as fases sucessivas de desenvolvimento das épocas históricas e guarda a promessa de uma interpretação e realização ainda mais perfeita nos tempos vindouros.

Assim, retomamos a narrativa do desenvolvimento do Ideal, seguindo as várias etapas da sua realização em forma física.

CAPÍTULO IX

A CONFIGURAÇÃO DA IGREJA DE MADEIRA

Os registos autênticos dizem-nos muito pouco sobre a construção e melhoramentos dessa igreja de madeira, que durante tantos séculos cobriu e protegeu as sagradas paredes da Capela de José. São Patrício, depois da sua missão na Irlanda, foi durante muitos anos abade, mas não parece haver registo de obras por ele realizadas. São David, que terminou os seus dias em Glaston em 546 d.C., terá construído uma igreja perto da Velha Igreja, mas não tocou na própria Velha Igreja, pois teria sido avisado por uma visão para desistir do seu plano. Segundo os Padres, São Paulino (625–644), bispo de Rochester no tempo da missão agostiniana, revestiu a Velha Igreja com tábuas e cobriu-a totalmente de chumbo. Praticamente, é este o nosso conhecimento até ao tempo do Grande Incêndio.

Vejamos agora o que o escrito nos diz sobre o tema.

ESCRITO de 30 de Agosto de 1921 (Primeira Parte)

(Comunicado por GALFRID pela mão de S.)

S. «Após a vinda dos Apóstolos a Ynyswitrin, alguns dos pagãos vieram a Cristo Nosso Senhor, foram baptizados e crismados, e depois ordenados bispos. Mas destes, não foram muitos. Então restava apenas um dos primeiros doze, já velho e fraco. Mas ele manteve todas as celas em grande ordem, e a santa igreja como melhor podia; e os britânicos sepultaram-no junto à parede da igreja. Depois, durante muito tempo, ninguém veio; mas por fim chegaram alguns e voltaram a construir cabanas e repararam a Igreja. E britânicos e romanos aí adoravam juntos, de modo que nunca se perdeu completamente, embora muito da sabedoria dos Apóstolos e de São José e de Natanael tenha sido esquecida. Isto é tudo o que podemos contar dos tempos antigos.»

Pode agora apresentar-se um escrito recebido através de J. A. já em 1910 (7 de Setembro). Este parece referir-se a um grupo de homens santos que vieram mais tarde.

«Os eremitas habitavam no local que chamais de cemitério, onde tinham também o seu jardim, próximo da antiga estrada aberta desde tempos remotos do mar, atravessando as colinas: e, chegando ali, vieram a um sítio junto à estrada onde havia um pequeno regato, e aí permaneceram e construíram pequenas casas junto da estrada, a que chamaram STRETE. E nos bosques próximos construíram uma pequena igreja, e assim foi durante muito tempo. Depois disso, morreram e foi esquecido, mas mais tarde vieram outros e já não construíram aí, mas escavaram e edificaram a antiga igreja, pelo que o sítio onde aqueles outros viveram e morreram tornou-se solo sagrado, e procuraram sepultura ali, embora, na verdade, fosse terreno alagadiço, e os que ali eram sepultados muitas vezes ficavam enterrados em água e não em terra. Herlewin e Brighere fizeram valas de drenagem e assim o lugar foi consagrado. BRIGHERE era de uma antiga ordem; depois veio Herlewin, que construiu a grande igreja e drenou todo o terreno que Brighere deixara.

Brighere construiu algo: e aqueles que vieram do mar queimaram-no com fogo. Então, Herlewin ergueu a grande igreja, e tinha duzentos pés. Não havia igreja igual em toda Angleterre: nem mesmo Winchester era tão grande. Mas, como dissemos, no cemitério existiam sete pequenas igrejas, e encontrar-se-ão os seus muros, profundamente enterrados, junto à velha igreja que Paulo construiu. Ele foi o primeiro templo de pedra, feito de pedra talhada à antiga maneira e muito belo, como faziam os Romanos. Em tempos antigos, existia um belo Templo dedicado aos seus deuses, deuses estranhos. A antiga estrada foi construída por eles e também um oppidum, e aí estiveram legiões. Construíram um templo a Júpiter e, depois, a Marte. Os Romanos construíam casas onde quatro estradas se cruzavam, e à sua volta um muro, e o lugar onde se encontrava a igreja ficava fora das portas da cidade; e os que passavam viam-nos nos pântanos e nos bosques, e alguns matavam-nos. Outros riam-se. Mas os homens santos eram cidadãos romanos, vindos de uma província do oriente, e por isso pouparam-nos.»

Pergunta: «Podes contar-nos algo sobre a pequena igreja de madeira?»

Resposta: «Dizem que as pessoas que ali viviam a construíram há muito tempo. Paulo cobriu-a de pedra, assim ouvi.»

Pergunta: «A que Paulo te referes?»

Resposta: «EBORACUS. Ele construiu com pedras talhadas, à moda dos romanos. Havia um templo aos seus deuses em Eboracum. Dizem que Paulo construiu assim. Era uma obra fina de pedra lavrada, muito admirável. Era de sangue romano. “Centurião era meu pai”, disse ele, “centurião romano.”»

Não devemos deixar-nos influenciar demasiado pela sugestão de que Paulino, Arcebispo de Iorque, tenha revestido a Ecclesia Vetusta de pedra. Na análise e avaliação destes escritos, devemos sempre lembrar que as memórias individuais são imperfeitas. Além disso, neste caso, o comunicador faz questão de dizer que as suas informações são apenas de ouvir dizer. Por outro lado, temos Malmsbury que, embora também tenha de recorrer à tradição e ao ouvir dizer em muitos pontos, deve ser considerado um historiador atento à exactidão, conforme o costume da sua época.

No entanto, o tempo de Paulino é relativamente tardio. Há um longo hiato entre a construção da Capela de José e o seu tempo — de facto, quase seiscentos anos. O que aconteceu nesse intervalo? É claro que São David tencionava reedificar a pequena velha igreja, pois queria rededicá-la. Ele surge cem anos depois de Patrício. É evidente que a igreja de vimes não teria resistido todo esse tempo sem repetidas renovações. Assim, examinaremos com interesse o escrito de S. e veremos se o de John Alleyne tem algo a acrescentar que nos esclareça sobre tempos pré-cristãos.

De acordo com a história recebida por J. A. dos “Vigilantes”, devemos considerar a vinda de José e seus companheiros como apenas um episódio numa longa sequência que nos leva aos tempos mais antigos. Afirmar-se que Ynyswitrin, ou, como hoje conhecemos, Glaston, foi desde eras distantes um poderoso foco de ensino e nutrição espiritual. A luz vinda do Oriente chegou à Bretanha por vias comerciais durante séculos, e os mercadores que a traziam, eles próprios de sangue semita e praticantes do puro monoteísmo hebraico, trouxeram para estas ilhas um ideal religioso que se enraizou entre os britânicos, tornando-os particularmente preparados para, a seu tempo, acolher o aspecto cristão desse culto. Estes escritos afirmam claramente — e os de Philip Lloyd confirmam-no inequivocamente — que as Ilhas Britânicas foram, no grande plano evolutivo, o berço de um ramo seleccionado da verdadeira raça israelita (da qual o judeu moderno é um segmento já muito diluído com sangue alheio, misturado durante o Cativo e por outras vias). Por isso, a nossa fé colectiva carrega um ingrediente necessário de simpatia pelo monoteísmo puro dos hebreus, o que se expressou no auge da cultura druídica. Os navegadores fenícios, ao chegarem a estas costas, encontraram-se entre um povo cujos ideais e tradições eram tão próximos dos seus que conseguiram, sem dificuldade, propagar o seu ensino mais desenvolvido. Com este ensino, misturou-se também parte da mais fina filosofia grega, levada ao seu expoente máximo nas escolas druídicas. Mas, de novo, foi influenciada pelas tradições do culto templário hebraico, e por isso vemos o escrito referir essa mesma tradição a propósito de um templo em Glastonbury. Esta tradição subsiste e pode ser rastreada até à Idade Média.

No tempo do Rei Salomão, os hebreus e os seus primos fenícios tinham uma marinha conjunta. Os fenícios colonizaram primeiro Chipre, depois Creta, Sicília, Espanha, e finalmente as “Cassiterides” (as nossas costas do sul), para onde o comércio os atraía.

«Não é certamente por acaso», diz o autor de *The Coming of the Saints*, «que as missões hebraicas tradicionais seguem exactamente o mesmo percurso que a colonização fenícia, e que os locais dessas missões se encontram, assim, primeiro nas cidades sírio-fenícias ao longo da costa até Antioquia; e em segundo lugar, em todos os principais assentamentos fenícios ou fenício-hebraicos em Chipre, Sicília, Creta, Cirene, Sardenha e Espanha, e finalmente nas chamadas ‘Cassiterides’, ou Cornualha.»

ESCRITO DE J.A., 24 de Abril de 1918 (excerto):

«Aqueles cuja habitação era em Creta, movidos pelas memórias e tradições de outros da sua raça e civilização que muito antes haviam sido impelidos para oeste, seguiram de novo a rota interminável, sempre para ocidente além das Colunas de Hércules até às ilhas onde existiam metais extraídos pelo fogo... Phocis, da raça de Creta, comerciando com Poseidon e buscando púrpura de Tiro, entrou assim em contacto com os que adoravam o Único Deus Verdadeiro, em oposição aos Muitos. E, profundamente impressionado por este facto e pela beleza e idealismo do culto desse povo poético, preparou o caminho para a construção de um Templo na sua povoação em Tintagel. Assim, em Tintagel estava o Templo, um lugar do santuário do Altíssimo. E o mesmo — uma reprodução exacta em todas as medidas — foi estabelecido em

Glaston sobre este fundamento. Aqueles que vieram muito depois, nos tempos dos Romanos, construíram uma Capela, que é a primeira de que há registo. Assim, o culto que seguiu os ensinamentos de Paulo veio, instalou-se e pregou, trazendo consigo o pleno conhecimento da Nova Filosofia aliada aos antigos ensinamentos monoteístas dos hebreus.»

O primeiro templo, e a sua história, perderam-se no esquecimento do passado. Não há qualquer vestígio, sequer ruínas de um templo, quando Malmsbury conta a sua história da chegada de José. Assim, é com a rude igreja de vimes de José que começa o nosso registo. O próprio Malmsbury sugere que a Capela de José era circular, tal como o escrito de S. tantas vezes afirma. Mas, em data posterior, foi erguido um edifício rectangular sobre o circular, e foi-lhe conferida especial veneração nas suas medidas e proporções. Tanto assim que, quando mais tarde se fizeram adições a oriente, foi erguido um pilar ou pirâmide sobre a linha do meridiano norte da extremidade oriental do rectângulo sagrado, para que os vindouros não deixassem de conhecer a exacta extensão, nessa direcção, do Santo dos Santos.

As dimensões da nova Capela de Santa Maria, construída após o incêndio e ainda existente, afirmam corresponder exactamente às do sítio sagrado. As medidas interiores são as críticas. A largura é de cerca de 7,5 metros, e o comprimento pouco menos de 18 metros, sendo a proporção tal que permite inscrever, no seu interior, dois pares de triângulos entrelaçados, como se mostra. As medidas exteriores também são perfeitas na sua geometria, como foi demonstrado em *The Gate of Remembrance*.

Este sistema de medidas interiores estaria de acordo com o que se sabe do mistério dos construtores de templos, preservado pelas guildas durante a Idade Média, e o Duplo Triângulo Equilátero é a chave mística do desenho e símbolo das coisas espirituais associadas ao padrão.

A 27 de Setembro de 1921, S. obteve um escrito assinado pelo monge Patraic. Este foi dado em resposta a certas perguntas que ela fez aos irmãos sobre as medidas das primeiras igrejas e, especialmente, da de Paulino. Eis a transcrição:

«PATRAIC fala. Eis! Agora, é difícil recordar-me da igreja redonda, nem grande nem larga. XVIII de leste a oeste: XVIII de norte a sul, pensamos que a Ecclesia Ligneá (Igreja de Madeira) era o dobro de comprimento — dentro das paredes, XXXVI de comprimento, XVIII de largura: mas disto não temos certeza.

Vê agora, irmão, não conheces as medidas: difícilíssimo é!

Pedra ficou: apenas isso, e uma pequena parte de ramos (twiggen) restaram. Muro de 3 pés de espessura, de terra e pedra, como medes. Construíram-se cabanas redondas para celas, como se medido a olho — tão bem redondas! Esta igreja dos Doze Apóstolos de São Paulino (foi construída) por vara e fio de prumo.

Paredes de árvores na base: tábuas de madeira sobrepostas, pelo menos 2 pés de espessura. Isso dá XXXVIII exterior por XX exterior, mas não conheceis as nossas medidas. Romualdus tem outras medidas, semelhantes às vossas — menores. As nossas são maiores por duas. Mais a leste, a ronda, como se vê em São Paulino: mais espaço para o povo a ocidente.

ROMUALDUS fala. Porque não consegues medir?

Muros, irmão, norte e sul, com portas de Santa Maria nas linhas de São Paulino (medem) xvi; mas a leste (ad orientem), quase xx a mais, para que a Cella Redonda fique no meio — como calculámos.

Isto é porque Patraic não te consegue fazer compreender. Assim, o comprimento total é cerca de lvi (56 pés) de medida interior, mais próximo do de Santa Maria, mas a largura próxima da de São Paulino, xxiii nos nossos dias, ou mais.

XII celas redondas: um apóstolo mantinha sempre vigia na igreja — xii luas — cada um vigiava uma lua. Lâmpada acesa junto ao Altar: mais a sul, por causa do sol. É tudo o que posso dizer sobre medidas: o povo bretão podia.»

Patraic fala como monge do século VIII, estando assim em posição de nos falar da obra de Paulino, então com cerca de um século. S. ficou com a forte impressão de que havia algum tipo de revestimento rectangular à volta do círculo antes do tempo de Paulino, mas isto não ficou claro pelo escrito, que apenas mostra que o comprimento passou de 36 para 56 pés na época de Paulino, pela adição de um espaço de santuário de 20 pés na extremidade oriental. Um escrito posterior, porém, afirma que o rectângulo anterior é do tempo de São Patrício.

A adição posterior levou-o ao verdadeiro antigo limite do solo sagrado, em linha com o pilar erguido por São David para marcar essa linha, que, ao que parece, se tinha fundido no conjunto dos edifícios acrescentados nessa ou noutra época anterior.

Uma leitura provável da história seria a seguinte: primeiro o templo, com cerca de 60 pés de comprimento. Este desaparece, mas o local sagrado e as suas medidas permanecem na memória. Depois, passado muito tempo, a vinda de São José e a construção da Capela circular. Terceiro, o encerramento do círculo numa igreja de madeira com 36 pés de comprimento, ficando o altar dentro do círculo. Quarto, a construção de um santuário na extremidade oriental — uma extensão de comprimento indefinido, talvez de início em madeira, depois em pedra por São David. Quinto, o recobrimento da nave de madeira de 36 pés por Paulino; e, finalmente, o alargamento da basílica de madeira para abranger todo o solo sagrado, sob o mesmo grande Bispo.

CAPÍTULO X

AS OBRAS DO ABADE HERLEWIN

As referências a Herlewin começam a acumular-se nos escritos depois do fim de Julho de 1921. Ele é o segundo abade normando enviado por Guilherme I em substituição do turbulento e cruel Turstin. Mas S. nada sabia dele ou da sua obra, e não havia nada em *The Gate of Remembrance*, que ela lera antes, que pudesse alimentar qualquer impressão subconsciente a seu respeito.

No escrito de 28 de Julho, surge um plano e uma elevação da Igreja Maior. O nome de Herlewin não é mencionado. Mas escritos subsequentes deixam claro que estas ilustrações dizem respeito sobretudo à sua obra.

Sabemos por Malmsbury que governou durante dezanove anos (1101-1120), e esse autor diz que ele reconstruiu a grande igreja deixada inacabada pelo seu antecessor. Curiosamente, os escritos corrigem esta afirmação em muitos pontos importantes: pode quase dizer-se que a contradizem, pois insistem que Herlewin deixou grande parte da obra antiga intacta.

O seu nome é mencionado pela primeira vez no escrito de 3 de Agosto, onde se nos diz para procurarmos o seu «pavimento». No dia 6, afirma-se que o Abade Herlewin «construiu em Glaston algo em pedra, reparando Santa Maria, a Igreja Antiga», e a parte ocidental da velha

Ecclesia Major. Isto volta a ser confirmado a 11 de Agosto, e somos informados de que há muito por descobrir da sua obra na igreja de Ina, na sua extremidade ocidental. Tanto neste escrito como no de 18 de Agosto, insiste-se que Herlewin não construiu na extremidade oriental da Igreja Maior. Mas construiu uma Capela de Santa Maria Madalena. E, ainda uma vez, a 21 de Agosto, a mesma nota insistente se faz ouvir. Agora, Romuald explica por que razão não reconstruiu a parte oriental: era considerada demasiado sagrada para ser tocada.

Os nossos amigos monges querem que apaguemos da mente o que Malmsbury escreveu? Parece que sim. Mas a lista de coisas que Herlewin, segundo eles, realmente fez, cresce a olhos vistos, e estas referências cumulativas tornam-se tanto mais notáveis quanto não havia qualquer motivo especial para a informação, nem da minha parte nem da de S.

Mas, se nós não procuramos informação, alguém tem grande interesse em a transmitir. Assim, a 23 de Agosto surge finalmente um desenvolvimento do tema, com informações detalhadas sobre a sua obra na Igreja Maior e um plano mais cuidado. O leitor comum poderá preferir saltar todos estes detalhes técnicos, mas para o investigador psíquico e o estudioso da arquitectura do século XII terão interesse, pelo que não devo omiti-los. O plano é repetido duas vezes no escrito, com um pouco mais de detalhe na segunda versão: as características principais podem ser vistas na Fig. 7, p. 36.

O plano mostra uma igreja cruciforme com ábside e um biombo atravessando a corda da ábside, com abertura em arco ao centro. O transepto norte está isolado por parede, contendo três capelas, uma das quais tem o altar a sul — uma característica curiosa. No extremo oeste da nave, há duas torres e, entre elas, deixando espaço para uma porta ocidental, parece encontrar-se a capela mortuária. A sul da nave ficam os claustros, e atrás (a leste) da igreja, um muro de algum tipo cercando uma boa extensão de terreno.

O comprimento total da Igreja de Herlewin é dado num escrito datado de 5 de Setembro de 1921 como sendo de 185 pés. Medidas das várias partes surgem no escrito de 7 de Setembro, como segue:

«ROMUALDUS fala.

Comprimento de norte a sul da Capela de Madalena

Muro do Transeptório, norte a sul

Largura

Os dois transeptórios, com a Nave

Nave, largura

Ábside, largura

XXV apenas.

Ábside, chamada Capela de Santa Maria, mas não era de Santa Maria: era a Igreja Velha de Santa Maria. A ábside a SS. José, Pedro e Paulo foi dedicada pelo Abade Herlewin.»

Tanto a nave como o coro parecem ter tido corredores laterais estreitos. Os arcos redondos e as colunas curtas e cilíndricas são esboçados noutro escrito.

ESCRITO de 23 de Agosto de 1921

«A IGREJA DE HERLUIN: No transepto, três capelas... três altares. Dois altares encostados à parede oriental; um encostado à parede da igreja. E os monges que rezavam missa na capela entravam pela porta da capela. Os peregrinos admiravam a riqueza e beleza da capela. Duas torres a oeste foram construídas pelo Abade Henrique. Romualdus monachus escreveu. Na

cripta muitos monges foram sepultados.» (Nota: O texto acima é tradução do latim, que vai até este ponto.)

O texto prossegue em inglês misturado com latim. Usei o termo «cripta» onde o escrito diz «ecclesia minor»:

«Procura a cripta sob a terra, debaixo da nave da igreja maior do Abade Herlewin. GALFRIDUS deseja-te boa sorte na tua busca. A sul da Ecclesia Vetusta (estão) sobretudo ossos. Duas casas de ossos e uma capela mortuária construídas no meio para os ossos dos Santos. Já encontraste uma casa de ossos. GALFRIDUS pensa que outras casas de ossos foram escavadas para túmulos, mas disto não tem certeza.»

Isto é curioso, pois eu tinha tentado encontrar os alicerces da segunda pirâmide, mas sem sucesso. O texto continua assim (traduzi os termos latinos):

«Não há cripta sob a Ealde Chirche, mas há uma cripta debaixo da igreja maior — uma grande caverna para ossos.»

Eu tinha descoberto o alicerce da pirâmide a 16 de Agosto, e dois dias depois S. e a sua irmã vieram a Glaston e viram o que eu tinha encontrado. A antiga pirâmide foi muito provavelmente um repositório de relíquias. Segundo Malmsbury, tinha 28 pés de altura e cinco andares ou registos com nomes de figuras ilustres, algumas identificáveis como membros da companhia dos doze de São Patrício. Malmsbury pensava que as pirâmides continham os ossos daqueles cujos nomes nelas estavam inscritos. De facto, eu nunca tinha mencionado isto a S., nem me ocorria. A outra fundação só foi procurada dias depois, e ela não tinha como saber algo sobre isso.

ESCRITO de 23 de Agosto – Continuação

Muitos morreram em peregrinação, dizem, e eram sempre sepultados com o bordão de peregrino. Outros morreram em terras distantes e foram trazidos para repousar entre os Santos. GALFRIDUS sabe mais do que RAINALDUS. GALFRIDUS fez planos para o Abade Herlewin no scriptorium. O Abade HERLUIN gostava muito de estar com GALFRIDUS no frater e no capítulo (refeitório e sala do capítulo), para falar da construção. Quis construir duas torres, mas nunca o fez — só ficaram os alicerces.

Sim; Santa Maria foi construída sobre os muros de São Paulino, depois do incêndio. Nada dos muros de INA ou do Abade HERLUIN ficou de pé.»

Em meados dos anos 1840, o então proprietário da Abadia, durante obras e reparações na Capela de Santa Maria, encontrou sob o acesso à cripta no lado norte vários corpos de peregrinos, cada um com o seu bordão de madeira ao lado. Estava a abrir uma nova escada para a cripta, substituindo o antigo e muito íngreme acesso. Os corpos estavam mesmo junto a esta entrada. Todo o terreno a norte da Capela era o cemitério laico, repleto de sepulturas. O local da “coluna” escavada em 1921 encontra-se rodeado por essas sepulturas.

Note-se que as torres ocidentais da Ecclesia Major são atribuídas no escrito (No. XIII) ao Abade Henrique, sobre fundações lançadas pelo seu predecessor Herlewin, que desejava construí-las, mas nunca o conseguiu. Esta informação traz novidades. As memórias monásticas ganham nitidez e precisão: ficamos agora a saber que coube ao sucessor de Henrique, Roberto, terminar a torre sudoeste, e que a torre ou torreão noroeste nunca chegou a ser construída;

pois o grande incêndio sobreveio cerca de seis anos após a morte do Abade Roberto e tudo foi destruído. Nos próximos escritos ouviremos mais sobre este abade e as suas obras.

UM DESENVOLVIMENTO INESPERADO

O escrito de 23 de Agosto termina de forma estranha e surpreendente. Senti alguma hesitação natural em publicá-lo, bem como outros do mesmo teor, mas, ponderando os prós e contras, parece-me preferível assim. Por um lado, seria muito difícil separar este fio curioso do conjunto dos escritos sem prejudicar seriamente o seu valor literário e sem gerar confusão noutras partes. Além disso, a divulgação de tudo parece-me exigida por uma questão de transparência, para que os leitores sintam que todo o material necessário para uma avaliação justa do valor destes escritos lhes é apresentado. A publicação não implica qualquer adesão da minha parte ou da de S. às ideias correntes sobre reencarnação. Mas estou certo de que, se alguns leitores forem influenciados pelo carácter verídico de grande parte dos escritos, pelo conhecimento de homens e acontecimentos contemporâneos que revela, ou talvez pelo tom de singela piedade de tantas mensagens, teriam bons motivos para me censurarem se descobrissem que omiti voluntariamente qualquer referência a este estranho e recorrente elemento nos escritos.

CAPÍTULO XI

O REGRESSO DOS IRMÃOS À VIDA TERRESTRE

«GALFRIDUS ESCRIVE. Ele volta uma vez mais para planear e construir na sua terra. O ABADE HERLUIN não espera com ele: tem o seu trabalho — foi um bom sacerdote e um sábio. ROMUALDUS espera até que o número esteja completo. Nós, oito, esperamos por ti, o nono. Aquele que aqui procura já foi Prior, depois Abade. O seu nome não sei. Nada mais.»

Assim termina o escrito de 23 de Agosto. Os leitores recordarão que S. fora informada desde o início de que devia lembrar-se de grande parte do que os irmãos falavam, visto que ela própria é um dos membros da Companhia, sendo o seu espírito o daquele Simão, outrora Subprior de Winchester, que tinha feito peregrinação a Glastonbury. Agora, porém, parece que não é caso único. A doutrina, mais claramente enunciada em escritos posteriores, é a do regresso da alma à terra para fins de serviço humano, em obediência a uma lei superior.

Isto decorre do tema principal do ministério contínuo destes amantes de Glastonbury e do seu exercício incessante de influência “do outro lado” da morte, pelo seu regresso voluntário ao domínio das suas memórias e ligações terrenas. Nessas comunicações, reassumem esse corpo de recordações terrenas, reavivando os laços entre a sua parte verdadeiramente espiritual e aquela que ainda se prende à terra. Mas, como Johannes exprime em *The Gate of Remembrance*, essa parte melhor permanece na sua morada espiritual e participa nas actividades mais elevadas dessa morada:

«Pois eu, Johannes, sou de muitas partes, e a melhor parte de mim faz outras coisas, Laus, Laus Deo! — só aquela parte de mim que recorda se agarra, como memória, ao que ainda vê.»

E agora temos o corolário deste tema da descida da alma às memórias terrenas. A descida vai mais longe e a alma entra na carne, aí tomando novo período de trabalho para expressar os seus ideais. Não parece ilógico, se admitirmos o primeiro, admitir também o segundo. Todos

os fenómenos de comunicação espiritual, de inspiração espiritual, no lado mental pressupõem uma fusão dos poderes e funções de duas ou mais personalidades — uma encarnada, a outra ou outras já sem corpo físico. Do lado psíquico, e quando estão em causa efeitos e fenómenos físicos, há uma parceria do espírito no uso das faculdades corporais. Manifesta-se uma nova e independente personalidade através do próprio corpo físico do médium. Onde as condições de acção simpática o permitem, pode haver um nascimento temporário de outra personalidade em substância emprestada ao médium, podendo até deixar de estar presa ao corpo do médium e manifestar-se, ser vista e tocada, e exercer controlo dinâmico sobre os objectos em redor, falando por um órgão vocal formado de substância etérica, suficientemente material para reproduzir os sons da voz humana. Mas, para tal, devem estar presentes elementos psíquicos sobreviventes.

A materialização dos elementos psíquicos, produzida pela vontade do espírito a partir da substância-mãe do médium, é assim análoga à verdadeira concepção e nascimento naturais. Mais uma vez, como já disse, o regresso de um espírito ao ambiente terreno, para prosseguir algum serviço humano pelo qual esse espírito se interessa vitalmente, e pelo qual anseia, é apenas o cumprimento lógico da vontade dos espíritos de influenciar, por sugestão subtil e inspiração, as mentes e os corações daqueles que são sensíveis ao seu apelo silencioso.

Sendo a personalidade externa apenas um símbolo do verdadeiro carácter do Eu, segue-se que essa personalidade externa é apenas temporária e, na melhor das hipóteses, uma expressão fragmentária de um todo muito maior do que o símbolo, tanto em grau como em natureza intrínseca. A ciência psíquica afirma que a sobrevivência destes elementos da alma mais materiais é apenas breve.

Deste ponto de vista, nada seria mais limitador para uma verdadeira compreensão do mistério da palingenesia, o retorno da alma, do que supor que a personalidade construída durante uma vida anterior na Terra pudesse ou viesse a manifestar-se de novo com todas as suas características externas. Esse instrumento que o espírito individual conseguiu aperfeiçoar — ou, pelo menos, desenvolver em forma utilizável — para uma experiência específica e para um propósito temporário, será descartado assim que esse propósito se cumpra. E sendo, na sua manifestação exterior, o resultado das reacções entre o seu próprio esforço e o conjunto específico de influências adversas com que teve de lidar na sua peregrinação terrestre, deixará de ser um veículo adequado à sua verdadeira expressão quando essas reacções cessarem. Enquanto símbolo dessas actividades temporárias especiais, a personalidade transitória teve o seu tempo e deixou de existir em qualquer sentido activo.

Mas o espírito beneficiou das suas experiências e assimilou tudo em si mesmo. Assim, acrescentou a si uma nova fase de personalidade, uma nova possibilidade de auto-realização, e liga-a a outras que foi criando no seu progresso eónico rumo à plenitude.

Para melhor compreendermos isto, procuremos uma analogia. Um artista, inspirado num dado dia por uma ideia criadora, pega no pincel e na paleta, e dedica certo tempo à produção de um quadro. Esse quadro torna-se o símbolo do seu Pensamento. Pode não ser um símbolo perfeito, mas enriqueceu-o, durante a execução, com um novo poder de expressão, e esse poder permanece nele, juntamente com a memória da emoção que pôde realizar. Outro dia traz outro estado de espírito, e ele transferirá para a tela uma sequência completamente diferente de valores emocionais.

Pouco a pouco, adquirirá uma vasta gama de experiências artísticas, e a sua essência e poder subtil permanecerão consigo como uma aquisição permanente. Permanecerão mais vivamente

como parte da sua vida artística aquelas que foram as mais fiéis expressões da sua alma, e assim mais próximas da sua simpatia. Outras poderá rejeitar. Algumas podem ter sido, a seu ver, insatisfatórias ou indignas. Mas a ideia que não conseguiu realizar nelas pode inspirá-lo de novo, e sobre o fracasso anterior pode construir o sucesso. Nesta parábola podemos ver a possibilidade do renascimento de uma entidade humana como Pensamento ou Intenção criativa, para uma experiência especial do espírito, para melhor expressão e realização mais perfeita de um esforço já antes feito, mas que não conseguiu exprimir-se totalmente nas condições físicas.

Neste sentido, podemos conceber o renascimento de um indivíduo com muitos traços de identidade de carácter com alguém que, outrora, se manifestou em circunstâncias análogas, e, sendo o carácter essencial do impulso criador o mesmo — isto é, a Ideia espiritual que tenta reinterpretar-se é a mesma que já tentou e só conseguiu parcialmente — poderemos observar o nascimento e crescimento de um ser humano que, em todas as características essenciais, é idêntico a outro de tempos passados, e em quem o mesmo espírito se encarna. MAS TRATA-SE DE UMA NOVA PERSONALIDADE.

Consideremos agora outro aspecto da nossa parábola. O artista divino, o verdadeiro espírito do Homem que é o Eu Superior destas personalidades terrestres, concebeu uma bela ideia, que planeia simbolizar em forma pictórica. Mas nenhum quadro único interpretará para ele toda a plenitude dos seus valores. Formam uma sequência e representam o desenvolvimento progressivo, em etapas sucessivas, de um tema elevado e dramático. Os episódios são pintados em várias telas, e estão ligadas, umas às outras, como capítulos de um livro de história. São todas diferentes: algumas felizes, outras tristes. Algumas mostram adversidade e luta, outras prosperidade e triunfo. Variados são os motivos e paixões que ocupam o seu lugar na série. Não podemos confundir os quadros, nem podemos separar a série. São um só, mas muitos, e todos estão unidos na Mente do artista.

Assim, aplicando o nosso símbolo à vida humana, podemos imaginar a ligação de uma vasta série de personalidades humanas em sequência verdadeira, algumas pequenas, outras grandes; algumas nobres, outras menos dignas; mas todas formando parte de um grande Desígnio na mente do Artista Espiritual. Diremos que todas estas personalidades sucessivas são Uma, ou Muitas? São ambas: Uma, no sentido de que todas são essenciais à plenitude da verdadeira Entidade espiritual de que cada uma é parte necessária; Muitas, no sentido de que a primeira não é a segunda, e a segunda não é a terceira, e não se confundem entre si.

Se, pois, aceitarmos o que os Irmãos de Avalon tão frequentemente afirmam e reiteram — que S. deve recordar-se, porque foi de facto Simão, seu irmão; que Galfrid regressa como arquitecto; que Herlewin retorna como bom sacerdote, e assim por diante — tentemos encarar o problema com serenidade, sempre do ponto de vista do Eu Superior, que controla e dirige estas sucessivas encarnações do seu pensamento, ajustando o carácter e as actividades segundo um desígnio que está na sua consciência criadora, e que a personalidade menor não pode conter, embora possa intuir vagamente a sua natureza.

Nós, enquanto personalidades individuais, partes do plano de experiência desenhado pelo nosso Espírito, não estamos separados desse Espírito, pois é o nosso próprio Eu Superior. Podemos unir-nos à sua consciência em grau crescente, à medida que nos tornamos canais obedientes para a recepção da sua influência elevadora. E assim, tendemos a tornar-nos participantes da sua vida mais elevada. Fazendo-o, tornamo-nos cada vez mais conscientes de outras partes desse Desígnio, outras vidas individuais ligadas à nossa; outras personalidades

com afinidade misteriosa à nossa personalidade terrena, pois também elas representam partes da mesma grande sequência de experiências, cujo somatório encarnará um Desígnio mais glorioso do que o que nós, enquanto mortais, podemos conceber.

O Pensamento do Espírito, que é a nossa expressão mais verdadeira, pode ser discernido noutras fases, naquelas outras vidas com as quais a nossa está inevitavelmente ligada, e sem as quais a nossa própria experiência seria fragmentária, fútil e sem sentido em aspectos essenciais.

No caso de S., podemos supor que o Eu está agora a viver uma fase de experiência que, de maneira relativamente definida, se liga à vida e personalidade de Simão, Subprior de Winchester. S. sabe bem que isto não é uma repetição da mesma velha personalidade. Contudo, o seu próprio Eu pode bem trazer muitos traços dela, pois no seu caso o Eu Superior parece trabalhar segundo um plano coerente em que dois episódios sucessivos estão, até certo ponto, conscientemente ligados. Daí as memórias detalhadas da vida de Simão irromperem na consciência posterior de forma invulgar.

Quando ouço um teosofista dizer que se lembra de ter sido Júlio César, ou algo semelhante, tendo a sorrir, embora com alguma tristeza, perante a arrogância da afirmação feita pelo “pequeno eu”; mas ouço com certa reserva e respeito se se manifestarem sinais de verdadeira memória, pois lembro-me que o mesmo espírito que animou a alma do líder romano pode estar a trabalhar agora um detalhe, cuja importância não posso avaliar por padrões exteriores, de um desígnio maior de que essas vidas tão diversas são fragmentos simétricos. A intimidade da ligação entre a encarnação de Simão e aquela que S. constrói para o seu Eu — uso o “S” grande propositadamente — revela-se pela participação ocasional dela em impressões da vida anterior no mosteiro, e em imagens impressas na Memória do espírito. Uma dessas impressões foi registada por ela numa visita a Glastonbury, em Agosto de 1921.

Ela tinha uma vaga percepção da localização de algumas das celas circulares e, à luz do entardecer, apareceu-lhe claramente o contorno de um esguio campanário, situado no ângulo sudoeste do que teria sido a antiga Ecclesia Major, no tempo imediatamente anterior ao incêndio.

Na luz dourada, destacava-se como um edifício novo, de pedra clara, coroado por um telhado peculiar de telhas ou ripas de inclinação acentuada, com quatro faces romboidais longas, como ainda se vê na torre da igreja de Sompting, em Sussex. As faces da agulha voltam-se para os ângulos da estrutura de pedra abaixo, e assim, sobre cada face da torre, existe um pequeno frontão.

Na mesma noite chegou mais um escrito de Galfridus, que S. enviou pelo correio a 27 do mês, pelo que o recebi a 28. O meu diário regista que estive na Abadia nos três últimos dias de Agosto, supervisionando a continuação das escavações em redor do local onde foi encontrada a fundação do “pilar” erguido nos primeiros tempos para marcar o limite oriental do solo sagrado. Este foi encontrado cerca de 9 metros a norte do torreão nordeste da Capela de Santa Maria. A 30 de Agosto, o meu amigo, Rev. T. S. Lea, D.D., então vigário de St. Austell, veio passar alguns dias, tendo estado comigo grande parte do dia seguinte. Estas notas de diário têm o seu valor tendo em conta as extraordinárias circunstâncias que terei de descrever no próximo capítulo. Para já, continuemos a narrativa dos escritos.

ESCRITO de 23 de Agosto

#172 (p.128)

«GALFRIDUS FALA: Porque fizeste tanta pressa em terminar? Há muito a contar de Dom Romualdus e de toda a ordem rigorosa que ele manteve entre os monges. Ninguém ousava afastar-se do jardim ou do claustro, e muito se indignava ele contra o nosso subprior por este permitir e dar licença a certos irmãos para irem em peregrinação. Tal era grande pecado contra a nossa santa regra: só aos irmãos leigos era permitido um tal feriado.

O nosso subprior pouco rigor manteve depois da morte do Abade Herluin. Eu, GALFRIDUS, vim como noviço antes de Turstin Abbas, aí de mim! Quem busca em Glaston já foi Abade, e antes disso Prior de São Swithun, mas monge em Glaston já tinha sido. Não me lembro, mas há quem pense que foi dos que vieram primeiro da Gália para entre os bretões pagãos. Ele volta e ensina, mas gostaria que os homens guardassem os antigos costumes, não novidades, mas da Santa Igreja. Desejamos-lhe boa sorte. Dizemos-lhe para manter a fé da Santa Igreja e pedir aos outros o mesmo — não como alguns que depois adoraram ossos e gemas, e com palavras cujo sentido ninguém conhecia. Agora parece que em Glaston todos usam a mesma língua e nela adoram junto do Altar. Estes encontram o Nosso Senhor como outrora: tudo é um, onde quer que Ele esteja. Guarda fidelidade a Ele da forma como ordenou que O adorem. Aqueles que não sabem latim, adorem em inglês, tal como os nossos Santos ensinaram o povo bretão a rezar e a adorar.»

«Diz a quem busca que, ainda por muitos anos, os homens terão de adorar sob forma e através de forma.

Isto sabia o Nosso Senhor, e adorava em lugares santos até os traidores O expulsarem. Então instituiu outra forma — a Santa Missa — para que nós, pobres pecadores, pudéssemos aproximar-nos d'Ele, como disse o Prior Godfrey, quando veio em peregrinação de Winton: um santo que recorda. Tu não estavas aqui, irmão.»

(Nota: não é o irmão Romuald do escrito, mas um monge mais velho do mesmo nome — ver quadro)

ESCRITO de 25 de Agosto

#173 (p.129)

«Ainda que nunca fosses monge em Glaston, aqui viveste algum tempo, na época em que STEPHANAS — Estienne em francês — era rei. AMBROSIUS trouxe-te aqui como hóspede, um peregrino vindo de Winton, pois o nosso prior — ou melhor, o nosso Abade — era então ROBERT. Fora prior em Winton quando tu eras subprior. O bom Prior Godefroï adormeceu no Senhor e foi sepultado no claustro ou na sala do capítulo em Winton. Uma vez veio a Glaston e pregou-nos no coro muitas palavras de santa sabedoria. Foi um grande homem e bom: bem poderia ser feito santo. Foste seu servidor, vindo da Flandres quando ele adoeceu; e depois foste muito fiel ao Prior Robert, e quando ele foi enviado para Glaston como nosso Abade, ficou muito contente e rejubilou que tu viesses também como peregrino, recebendo-te com grande alegria e honra, e colocando-te ao seu lado à mesa e no coro.

Este nosso Abade ROBERT construiu muito do que o Bispo Henrique deixara por concluir. Construiu a torre sineira a sudoeste da Ecclesia Major. A torre norte não a construiu. Reparou e embelezou a Capela de Santa Madalena. Eu, Galfridus, bem o sabia. Fez muito em pouco tempo de vida, pois já antes estivera em Glaston, tal como Ambrosius, no tempo de Turstin Abbas — tempos difíceis, aí de nós! Há aqui alguns santos que se lembram dele, e

ROMUALDUS diz que é ele quem agora procura em Glaston, mas disso nada sei. Quem busca pensava muito bem de ti, irmão, se for realmente o nosso bom Abade Robert: pois o ajudaste em Winton. Lembro-me de ti já velho e encurvado; velho para a tua idade; e Ambrosius ainda mais velho, e logo adormeceu no Senhor.»

«Mas o nosso Abade — Robertus Abbas — foi ceifado do seu trabalho na força da vida, por uma grande febre. Contudo, ROMUALD diz que ele volta por amor a Glaston, mas já não como sacerdote.

Agora já não és sacerdote, irmão! Vejo-te apenas como espírito; pois as coisas terrenas mudaram todas. Só tudo o que foi feito para a Glória de Deus aqui tem imagem, e vemos Glaston como a víamos na sua beleza e glória, como num espelho. Pois foi oferecida ao Nosso Senhor, e Ele aceitou a oferta e é Sua para sempre.»

«Eu, GALFRIDUS, vejo-a como Bispo Henrique e Robertus Abbas a deixaram, mas ROMUALD lembra-se de como foi queimada, e reconstruída, e novamente oferecida ao Nosso Senhor e Belo Pai Cristo.

GLÓRIA A TI, SENHOR, NAS ALTURAS: BENDIZEI TODAS AS OBRAS DO SENHOR.

Tem bom ânimo, irmão, pois ajudas os que aqui estão com as tuas orações e manténs alguns numa cadeia para ajudar este pobre mundo pecador, que tantas vezes esquece o Nosso Senhor e Sua querida Mãe e os Santos. Mas há muitos que se lembram e junto do Altar se aproximam muito, e a Ele se unem connosco. Recorda-os do Seu bom caminho que Ele ensinou aos Seus Apóstolos. Este é o teu principal trabalho.

GALFRIDUS MONACHUS.»

Omito aqui alguns escritos, pois dizem respeito a outros temas que abordarei no próximo capítulo. Passemos ao de 5 de Setembro:

«Irmão, AMBROSIUS quer falar-te dos tempos do Abade Herlewin, de que Gualtier, o corrodier, lhe falou, estando ainda em Winton.

Eu, AMBROSIUS, saúdo-te, irmão, e peço-te que saúdes quem procura. Não te lembras dele em Winton? E quando JOCELYN, o novo monge, fugiu e ninguém o conseguiu encontrar, Dom Robertus disse: “Deixai-o fugir, e quanto mais depressa o fizer, mais depressa foge também aquele antigo inimigo nosso e dele. Deus permita que o apanhe só depois de ter tempo de se arrepender de todo o mal que fez.”

Assim deixou o nosso irmão Joscelyn ao Diabo, o antigo inimigo.»

«Assim regressei a Glaston para morrer, e ser sepultado no claustro como tanto desejara. E Robertus fez-nos muita bondade, pois o defendeste de ânimo firme quando o teu Abade, o Bispo, estava muito irado contigo. Agora já não o vês frequentemente. E eu, apenas como espírito te vejo: estranho!»

ESCRITO de 10 de Setembro

«FALA PATRAIC MONACHUS. Não conhece outra língua senão o bretão e o latim, mas através de mim, ROMUALDUS, pode ele dizer-te algo, e eu também tenho de procurar a mente de

alguém que está agora na terra, para te fazer compreender o que quero dizer. E algumas palavras são antigas, outras novas. PATRAIC veio de Caerleon para Glastingas, e viu o Rei INA e a igreja que ele construiu a leste da Ealde Chirche.»

ESCRITO de 12 de Setembro

«AMBROSIUS fala. Tu és, de facto, irmão, aquele que dizemos que és. Pois, como pensas, há alguns que de novo habitam na Terra. E foste demasiado severo e rígido com os pequenos noviços e crianças; sim, e detestavas as mulheres como se fossem filhas do próprio Satanás. Nunca conheci quem falasse como tu, por vezes! Agora muito aprendeste, mas como, não sei, salvo que te vejo em grande piedade por todos os pobres doentes e pequenas crianças. Vejo-te entre eles, e perto de ti, crianças de branco, no coro. Mas muitas mulheres também, e nenhuma vestida como víamos noutros tempos.»

As memórias tornam-se mais claras e específicas à medida que avançamos. Nada na investigação, da minha parte ou da de S., sugere estas informações. O meu interesse está sempre na história arquitectónica e na obtenção de memórias fidedignas sobre as obras do tempo. S. está bem ciente disto, e a sua atitude é simpática ao meu propósito. Assim, estas histórias de reencarnação não reflectem qualquer desejo oculto nosso de as receber. Este escrito conta como Simão de Winton veio pela primeira vez a Glaston na época do abade Henrique de Blois. Simão era então já idoso. Com ele veio Ambrosius, que ficou em Glaston e ali morreu. Romuald viu Ambrosius, já velho, nos seus últimos anos. Romuald foi hordarius sob o Abade Robert, tendo ocasionalmente desempenhado, sem gosto, o cargo de subprior. Viu Simão na sua última peregrinação a Glaston já em idade avançada.

ESCRITO de 5 de Outubro – Segunda Parte

«Eu, ROMUALDUS, lembro-me do que Ambrosius me contou, mas nem tudo entendeste. Tu e Ambrosius como peregrinos viestes primeiro a Glaston nos dias do Abade Henrique — eu, então, como noviço te vi. Parecias-me velho já. Ambrosius não voltou mais a Winton, ficou em Glaston e ali, no claustro, adormeceu no Senhor. Eu o encontrei ao sol — tão velho e fraco, pensei que dormia apenas para acordar, capucho sobre o rosto, mas morto! Veio Robertus Abbas. Nessa altura eu era Hordarius e desempenhava o cargo de subprior, que não me agradava. E pouco tempo depois, vieste de novo já tão velho que ninguém sabia como não morreste pelo caminho. O nosso Abade ficou muito feliz. Nunca o vimos assim, pois era sempre de rosto sério, algo severo com os malfeitores. E tu sentavas-te ao sol no claustro, onde Ambrosius costumava estar, e ali ficavas muito, mas depois voltaste a Winton.»

Simão morreu pouco depois de Robert se tornar abade. Visitou Glaston um ano após a morte de São Tomás de Becket. O escrito regista o cumprimento de uma previsão então feita de que a Capela no transepto norte seria dedicada ao arcebispo mártir. Esta dedicação está razoavelmente bem estabelecida, apesar de Dugdale e outros terem suposto tratar-se da Capela de Loretto, ideia popular até à descoberta do verdadeiro local de Loretto, graças ao escrito automático de J. A. Continuemos com o escrito de S.:

ESCRITO de 5 de Outubro – Continuação

«Logo no capítulo, o nosso Abade encontrou o teu nome no rol, e muito se entristeceu, e cantou o teu réquiem com grande pompa. Muito falaste do mártir, Tomás Arcebispo de Cantuária, morto apenas um ano antes de vires a Glaston e ali celebraste Missa por ele no

transepto norte, num altar de São André, e o nosso Abade disse: “UM DIA HAVERÁ AQUI UM ALTAR DE SÃO TOMÁS”, e tu disseste: ‘Rex Henricus non voluit.’

Contudo, vi-te, irmão, com Robertus, então nosso Abade, junto daquele lugar a falar de ‘Sancti Thomae Cantuariensis’. Para nós, o tempo não é nada. Ambrosius disse-me que vieste da Flandres, trazido pelo Prior Godefroi para o scriptorium de São Swithun quando tinhas apenas dezasseis anos. E manteve-te junto de si, pois estava doente e fraco. Sete anos sofreu, e tu foste grande ajuda, e embora jovem, fizeste-te subprior e mestre de crianças. Henrique, abade, fez de Robert abade de Glaston. Robert não temia homem algum, senão a Deus.»

S. recorda ter eu levado-a, na sua visita a Glaston, à capela em questão, e lhe ter falado das minhas ideias sobre a dedicação. Cerca de duas semanas antes da visita, tinha obtido, pela mão de John Alleyne, a notável história sobre esta capela, publicada em *The Return of Johannes*, onde se afirmava a dedicação a São Tomás de Becket e se indicava a posição de uma inscrição na parede, cujos traços de pintura vieram a ser detectados, pela primeira vez, desde então. Os pormenores do lugar e trabalho de Simão no mosteiro de Winchester foram, em parte, verificados também. Ele é uma figura histórica, não um mito. Foi subprior e mestre de noviços na época referida.

Num escrito de um dos irmãos, sem assinatura, datado de 1 de Dezembro de 1921, encontra-se o seguinte trecho conclusivo. A parte inicial do escrito é dedicada à história do grande cálice dourado feito à semelhança do Santo Graal, segundo a visão de um monge. O irmão tenta descrever isto, mas confessa-se incapaz de transmitir a sua beleza e fulgor quando no altar.

ESCRITO de 1 de Dezembro de 1921 – Conclusão

«Não uso! Não posso! Olha! Diz a quem procura que não o posso desenhar. Mas ele, com o olho da fé, pode ver a Santa Coisa, se quiser. Lembro-me dele quando era monge em Glaston — um francês da Normandia, ROBERT. Em JUMIÈGES tinha estado, tal como meu irmão GAUFFRED, mas jovem veio a Glaston e era parente de FITZHAMON. Amava muito Glaston, mas foi enviado para Winton, e depois foi Prior. Contudo, voltou a nós como Abade e construiu. ROMUALDUS sabe mais dele. Procura bem, irmão, nas lendas, pois muitas vezes contam-se coisas belas que não são verdadeiras. Mas, irmão, se agora fores mulher, ainda assim és dos nossos: nada te pode prejudicar. Sempre irmão SIMÃO serás, e assim virás até nós: mas estes são grandes mistérios de obra na Terra e de obra nos Lugares Santos onde habitamos. Mas tudo é um só no Nosso Senhor. Cumpre, pois, o teu trabalho, irmão. Pax tecum.»

A atenção volta a ser chamada para o evidente desejo dos irmãos de nos inculcar a sua história de renascimento e de trabalho continuado de nós próprios enquanto amantes de Glastonbury. S., em nosso nome, pediu finalmente mais instrução sobre a visão correcta a ter sobre o assunto. Por isso, no escrito seguinte (2 de Dezembro), colocou por escrito a pergunta:

Pergunta:

«Robertus Abbas e Simão Subprior desejam muito qualquer ensinamento sobre ‘reencarnação’ que os irmãos de Avalon possam ser autorizados a dar?»

ESCRITO de 2 de Dezembro de 1921

«Tememos muito, irmãos, que haja pouco que possamos escrever para vós. Estas coisas são difíceis e estranhas para os que ainda estão ocultos nas brumas escuras da Terra. Mas atendei

agora, e eu, ROMUALDUS, falando pela Companhia, esforçar-me-ei pela mão do nosso irmão SIMÃO para vos dizer, pois quereis saber a verdade.»

«Aprendeí, então, irmãos, que assim como Ele, o nosso grande Companheiro e Senhor, veio à terra e nasceu em Belém num estábulo no santo Natal, deixando a glória do Céu pela escuridão da Terra, assim há alguns que, estando em bem-estar e descanso com Deus e os Seus Santos, se recordam dos que ficaram na Terra, e muitas vezes daqueles que, estando na Terra, não conseguiram ajudar. Estes têm grande desejo de guiar os homens para a Luz. E a alguns agrada ao Nosso Senhor enviá-los de volta à Terra por algum tempo.»

«A alma vem novamente à Terra como criança e bebé — como homem ou mulher, e vive uma verdadeira vida humana no mundo. Apenas, há sempre uma cadeia, fina e leve como o ar, que prende a alma-espírito ao nosso mundo aqui, e por ela o espírito passa muitas vezes de volta, e uma parte de si permanece depois de algum tempo. Não lestes no Santo Evangelho que o Nosso Senhor disse — escrevê-lo-ei em inglês — “LO! I PRAY YATT THOSE WHOM THOU TO ME HAST GIFAN MAY WITH MEE BEE WHERE I AM?”»

«Vede que parte do Nosso Senhor estava sempre no Céu? Assim acontece com os Seus santos. Uma parte permanece sempre com Ele, mas ligada à alma e corpo humano na Terra.»

«Vede: quando a alma parte do corpo de alguém que só se preocupou com coisas da Terra, uma cadeia prende a alma ao corpo e mantém-na próxima da Terra. Então é escuro e triste para essa alma, e só com verdadeira contrição, arrependimento do pecado e grande amor pelo nosso Senhor querido é que a cadeia terrena se quebra e desaparece, e a alma pode suportar a Luz e a Glória Eterna.»

Mas, irmãos, vede agora como é diferente essa cadeia que liga os santos na terra de volta a nós! Essa Cadeia dura para sempre; e por ela descem luz e paz à alma na terra. E na Santa Missa ela brilha mais clara e forte, e mais alto se eleva o espírito, ficando próximo de Deus.

Há outros, menos santos, mas sempre a lutar pelo bem-estar e pela retidão, que são enviados à terra para corrigir erros que cometeram sem querer: não por malícia, mas por ignorância, preguiça, indolência ou negligência. E estes trabalham de novo por Deus na terra—parte do Seu grande Plano. Tu sabes, tu, Senhor Abade, como Glaston te atrai: e ainda assim uma cadeia sempre te puxa para mais alto, mesmo sem tu saberes. E tu, SIMÃO, nosso irmão—tu, que conheces as tuas falhas, a tua ignorância de outrora nas tuas relações com os que viviam no claustro e no jardim, no scriptorium, no coro. Muitas vezes sabes, no dia da provação, que fazes penitência. E nós, da Companhia, essa nuvem de testemunhas, vigiamos sempre para ver a tua cadeia tornar-se mais forte até que voltes para nós.

Nem todas as almas voltam de novo à terra a partir de nós. Muitas aprendem aqui, e em regiões que vemos ao longe. Assim faz parte de um plano tão grande que não podemos ver tudo: nem temos fala ou linguagem para o explicar. Esperai pacientemente, irmãos, e tudo sabereis. Agora sabeis já mais do que muitos. Vede que pela retidão e caridade digna mostrais que essa cadeia se mantém.

Mas tu és verdadeiramente SIMÃO, e já viveste antes como outro. E por muitos caminhos já passaste: e vemos ao longe outros. Mas a tua cadeia mantém-se firme. E tu, outrora nosso Abade, estás certamente aqui connosco, e a tua obra foi grande, pois amaste Glaston e amaste a humanidade, e regressaste à terra de bom grado, como um cavaleiro que vai para a guerra. No entanto, passaram anos até a tua Busca te encontrar e muitos foram os desafios que

enfrentaste.

De tudo isto, porém, tem a certeza: nada é desperdiçado—não temas, nem questiones profundamente estas coisas de Deus, que são difíceis até para nós sondar—quanto mais para ti?

Ama tudo o que é belo e bom; todas as coisas belas que Deus fez: e serve os teus irmãos. Nós, teus irmãos, saudamos-te e desejamos-te Paz.

A COMPANHIA DE AVALON

Eu tinha completado o meu manuscrito até este ponto e tinha enviado uma cópia a um amigo, cujo parecer queria consultar sobre a sua publicação. Isto foi a 17 de Outubro. No dia 18, tive de ir a Queen Square para uma palestra e, no final, o Sr. David Gow colocou-me nas mãos um artigo de Sir Oliver Lodge no número corrente da *Hibbert Journal*, onde aparece uma passagem tão marcante no paralelismo com a linha de argumentação que segui anteriormente neste capítulo, e tão lúcida como exposição das ideias centrais nele contidas, que não posso deixar de a citar:

'Soul, that in some high world hast made
Pre-natal unbewailing choice.
"When from that world, ere death and birth
He sought the long-descending way."

Tal foi o início da homenagem de Myers a um grande poeta... e não parece improvável que contenha ou sugira um elemento de verdade. Pois, embora muitas vezes seja por compulsão que iniciamos uma carreira terrena, por vezes esta pode ser iniciada com previsão, por desejo de alcançar um bem, de ajudar criaturas em dificuldade, ou de contribuir para o progresso da humanidade...

No que respeita à reencarnação, provavelmente é um erro supor que o mesmo indivíduo que conhecemos em forma corporal venha a reaparecer numa data futura. Podem existir exceções, mas como regra geral isso parece improvável. O que pode acontecer, porém, é que outra parte do Eu Maior se torne encarnada: e, se assim for, provavelmente sentirá uma forte afinidade, embora muitas vezes de forma vaga e confusa, com outra parte que anteriormente foi incorporada. E, ainda, se essa segunda parte encarnada incluir algum fragmento do que constituiu o indivíduo anterior, então pode não só existir um sentido de afinidade, mas também algum tipo de reminiscência, alguma memória de lugares e ambientes que outrora lhe eram familiares. Esta ideia parece ajudar-nos a contemplar a doutrina platónica da Reminiscência como uma possível realidade em certos casos — que as verdades da Geometria, por exemplo, eram realmente conhecidas por cada indivíduo, mas esquecidas; que o nascimento era apenas um sono e um esquecimento; que o cérebro desenvolvido tende a inibir a reprodução de memórias antigas e a isolar-nos dos nossos ambientes anteriores e do nosso Eu Maior. De facto, talvez tal doutrina seja necessária para explicar as aptidões, poderes e instintos tanto de animais como de crianças, especialmente quando estas demonstram sinais de precocidade excepcional.

Quão grande pode ser um Eu Subliminar, não sabemos; mas é possível imaginar que, em certos casos, é muito vasto, contendo a potencialidade não só para a encarnação de uma sucessão de indivíduos comuns, mas de grandes homens. Seria um erro supor que Dante e Tennyson fossem reencarnações de Virgílio, mas podemos perfeitamente imaginar que os três fossem encarnações de um mesmo grande Eu Subliminar, capaz de se manifestar em

diferentes formas com certo ar de família, embora sem qualquer necessidade de consanguinidade corporal ou herança no sentido comum.

Nalguns casos pode acontecer que a parte encarnada seja tão grande que a personalidade manifesta o fenómeno do Génio transcendente e seja universalmente reconhecida como um grande homem, embora haja casos em que poderes excepcionais se manifestam em alguém que não é um grande homem no sentido comum, mas que tem canais de inspiração ocasionalmente abertos a uma parte não encarnada do seu Eu Maior. Nestes casos, a parte normal encarnada pode ser de dimensão comum ou, nas coisas normais da vida, até ser tola ou banal. O acesso ocasional a fontes superiores de informação ou inspiração não pode ser negado a personalidades de grau medíocre. A parte normal desses indivíduos é pequena, sendo a parte subliminar relativamente grande e, por vezes, acessível.

Difícil seria desejar uma exposição mais clara e capaz da relação entre o Indivíduo e o seu Eu Maior do que a que Sir Oliver Lodge aqui nos oferece, e o autor sente que a sua geração muito lhe deve pela franqueza ao abordar um tema sobre o qual a opinião ainda é atrasada e sobre o qual muitos preconceitos se levantam. O valor peculiar de tais afirmações está no fundamento que oferecem à fé na sobrevivência e aperfeiçoamento do Indivíduo como um aspecto de um Ser maior, no seio do qual teria o seu lugar designado como unidade necessária, mesmo que humilde, numa vida maior de grandeza imortal. A tal visão até o mais humilde dos mortais pode subscrever e reivindicar o seu lugar nela, sem qualquer ideia de engrandecimento da personalidade terrena ou do eu presente encarnado, e sem qualquer desculpa para assim pensar.

Segundo esta teoria, a personalidade presente de S. transportaria uma quantidade apreciável dos valores de experiência e das memórias conscientes de Simão, o sub-prior, uma vez que ela sente frequentemente quadros mentais atribuíveis a essa vida, sem qualquer base identificável na sua vida actual. Pelo mesmo critério, o autor não pode reivindicar ser herdeiro de qualquer recordação pessoal da vida do abade do século XII, pois nunca teve a menor consciência disso. Para ele, a personalidade presente estaria ligada à do abade mais pela sua ligação intuitiva a Glastonbury e aos ideais espirituais que ela representa, e que podem — ainda que de forma totalmente inconsciente — ser um reflexo da vida anterior referida nos textos.

Tanto Simão como Robert são pessoas reais do registo histórico, mas S. normalmente nada sabia deles. Muitos dos pormenores fornecidos foram verificados; outros ainda não estão provados.

CAPÍTULO XII

O MURO QUE SE DESCOBRIU A SI MESMO

Aproximamo-nos agora de uma notável confirmação do texto, com a descoberta de vestígios de um edifício cuja existência, ao contrário das capelas de Edgar e Loretto, não estava registada na história. Isto torna o facto ainda mais notável, pois nada havia nem na minha mente nem na de S. que servisse de base para as sugestões feitas no texto, salvo uma conjectura ocasional de um antiquário em 1880.

As alusões à obra de HERLEWIN tinham-se vindo a acumular, e um interesse especial por parte dos irmãos relativamente às obras deste abade parecia evidenciar-se. Finalmente, a 26 de Agosto, Galfridus fala, e faz a afirmação memorável de que Herlewin terá encerrado a Ealde Chirche e as suas paredes de madeira com um revestimento de pedra, desenhando um plano

para ilustrar a história, que lhe é contada segundo se lembra Gualtier, um pensionista (corrodier) do mosteiro.

ROTEIRO DE 26 DE AGOSTO DE 1921

“AGORA FALA GALFRIDUS. Há velhos thegns* entre os nossos corrodiers que se lembram. Lembro-me deles ainda agora. Um GUALTIER, um normando (que) viu o abade THURSTAN bater no nosso sub-prior até ele cair por terra como um nobre. GUALTIER sabia algo da Ecclesia Vetusta antes de HERLUIN—alguma parede de pedra por fora das paredes de São Paulino, e dentro, um chão de símbolos e chasse (relicário), íngreme e pontiagudo, junto ao altar no sul, para as relíquias de São David—assim, diz GUALTIER: Gualtier não pode desenhar isto.”

[*thegns: nobres, do inglês antigo.]

(Segue-se o desenho, no qual se nota que uma linha pontilhada corre por fora das paredes de madeira em três lados — norte, oeste e leste.)

No sul, corta a parede antiga. Há um desvio óbvio ao paralelismo, aparentemente de cerca de 3 graus noroeste-sudeste em relação ao eixo antigo. Mais adiante voltarei a este ponto.

“O abade HERLUIN fez uma nova parede de pedra: posso assinalar isto. Depois o abade HENRICUS construiu na Ecclesia Major, começou algo na Torre a sudoeste. Depois veio o abade ROBERTUS, terminou a torre do sino e o telhado na grande torre—uma torre baixa e larga sobre o pórtico do coro. ROBERTUS fez muito, mas morreu e foi sepultado no coro da igreja maior, pois muito amava o Opus Dei—o canto dos Salmos. ‘Obra de Deus’, como ele lhe chamava.”

Ao inspecionar este pequeno plano, senti-me certo de que a diferença na direcção das linhas não era accidental, mas intencional. Recordei dois factos. Primeiro, a actual Capela de Santa Maria diz-se construída exactamente sobre as linhas da Ealde Chirche. Segundo, ela não está alinhada em linha recta com a Galilé ou a Ecclesia Major, mas situa-se num eixo que se desvia cerca de 3 graus a sudoeste-nordeste. Este facto era certamente desconhecido da S. O desvio não é visível a quem observe as ruínas: só aparece no plano. Ora, não pude deixar de pensar que, se o abade normando Herlewin construiu tais paredes como se diz, podia dar mais valor à simetria do que à tradição britânica, e restituir as linhas ao paralelismo com o edifício principal e que, se assim fosse, o resultado seria precisamente o que este pequeno plano do texto mostra. Como teria de trabalhar na continuidade da estrutura a leste, isso levaria a sua obra mais para norte à medida que avançasse para oeste, e assim construiria a nova parede livre da antiga desse lado, mas cortando a estrutura de madeira no sul, especialmente perto da extremidade ocidental.

Outro ponto interessante no texto está na descrição do relicário de São David como estando junto ao altar na igreja circular e tendo um topo íngreme e pontiagudo. A este respeito, é digno de nota que Malmsbury alude ao relicário de INDRACT, um dos primeiros santos de Glastonbury, como estando à esquerda deste altar e tendo um topo piramidal.

Quanto à suposta muralha da época de Herlewin, a única coisa que pude encontrar em documentos que remotamente sugerisse tal foi uma teoria lançada pelo Sr. James Parker, F.S.A., numa comunicação à Somerset Society em 1880. Ele pensava que as antigas paredes de madeira de Paulino poderiam ter sido fechadas posteriormente com pedra, seguindo o precedente da Catedral de York, onde isso aconteceu. Conheço um exemplo desse tipo em

Cradley, perto de Malvern, onde uma antiga torre de madeira foi assim revestida. Mas só soube disto algum tempo depois do aparecimento do texto. Assim, os leitores compreenderão que não tinha muitos elementos que me permitissem sugerir ao Conselho que eu devesse explorar à procura dessa parede. Por isso, pus de parte o texto para esperar uma futura oportunidade. Não tive de esperar muito.

Imagino que um certo dirigente da Igreja ficaria bastante horrorizado se lhe sugerissem seriamente que estava a ser movido por agências invisíveis, quando, precisamente nessa altura, tomava a decisão de rebaixar e nivelar a superfície desse pedaço de terreno, para que o plinto da Capela de Santa Maria ficasse melhor visível! Seja como for, chegou a essa decisão sem referência a mim, e quando visitei a Abadia na manhã de 1 de Setembro—apenas cinco dias depois de receber o texto—foi para descobrir que ele tinha retirado os meus operários do trabalho no transepto e os colocara a trabalhar ali.

A HISTÓRIA DA DESCOBERTA

Cheguei um pouco tarde à Abadia nessa manhã e encontrei o meu amigo, Rev. T. S. Lea, que já ali estava há algum tempo. Ele estava absorvido no que os homens estavam a fazer e, ao encontrar-me, chamou-me logo a atenção para um pedaço de parede que acabavam de descobrir. Ficava um pouco à frente da parede norte da Capela, muito perto da base do torreão nordeste.

Pensei de início que era apenas um bocado de alvenaria protectora colocada pelos administradores desde 1908 para “sustentar” o torreão. Chamei o jardineiro, que provavelmente saberia do assunto, mas ao observar o pedaço de parede, garantiu-me que não fazia parte dos trabalhos dos administradores. Por isso mandei escavar à volta com alguma profundidade, e então revelou-se um maciço pedaço de fundação antiga, com sapatas regulares e horizontais. Depressa me ocorreu que essa fundação estava muito próxima da posição mostrada no texto para a parede de Herlewin. Instruí então os trabalhadores a seguir a linha mais para oeste. Assim fizeram, e outro segmento mais longo de fundação apareceu, ligeiramente mais a norte do primeiro (mais para norte) e de outro tipo, muito largo e parecendo destinado a suportar uma parede de altura significativa. Embora bastante degradada, a linha exterior podia ser claramente traçada e então surgiu a questão importante: encontraria eu um desvio de alguns graus a noroeste em relação à parede da Capela?

Se sim, seria um ponto tão invulgar, tão impossível de imaginar, mesmo subconscientemente, que poderia considerar isto fora de qualquer limite possível de conjectura ou coincidência. As memórias monásticas teriam, de facto, vindicado a sua exactidão e poder.

Assim, nos dias seguintes, continuei a escavar para oeste e, para minha grande satisfação, descobri que a margem norte da parede seguia continuamente num ângulo praticamente igual ao mostrado no texto. Fiz um levantamento cuidadoso desta parede e desenhei o plano conforme a encontrei. Este plano deveria ter sido incluído nos *Proceedings* da Somerset Archaeological Society com o meu Relatório, como mais uma contribuição à série que têm publicado anualmente desde 1908.

Mas, infelizmente, essa série não pode agora ser completada. A arqueologia ortodoxa e a investigação psíquica, como o óleo e a água, não se misturam, e o estudante do futuro terá de procurar noutro lado os capítulos finais de informação sobre as escavações em Glastonbury.

A parede antiga foi traçada até às escadas actuais da cripta, e há poucas hipóteses de encontrar mais. Foi também quebrada num ponto intermédio para permitir a passagem das águas pluviais para a cripta, que nos tempos vitorianos era receptáculo da drenagem local do terreno.

Os restos da parede podem muito bem ser da época de Herlewin. São, infelizmente, escassos, e muitas das pedras estão soltas. Coloquei uma camada de pedras mais pesadas sobre elas, como medida de protecção, mas lamento dizer que, alguns dias depois, foram removidas por ordem de alguém e levadas para outra parte do terreno. O que mais me preocupou foi que tal foi feito por um operário ignorante, que retirou várias pedras originais soltas no processo. Como as autoridades não permitiram qualquer reparação ou marcação, cobri depois a superfície com terra, e assim permanece à data desta escrita. Um dia, tenho certeza, o público exigirá a preservação adequada de tão precioso vestígio. Os Administradores da Abadia não são um corpo arqueológico e, por isso, não compreendem totalmente o valor envolvido. Muitas das escavações de anos passados não estão marcadas, e outras estão agora tão cobertas de relva e ervas altas que praticamente desapareceram. É pena que os planos recuperados não sejam tornados inteligíveis para os visitantes por meio de um sistema de marcação como tem sido feito com sucesso noutros casos.

Concluo este capítulo apresentando aos leitores a atestação do Dr. Lea, obtida no próprio momento da descoberta, que considero devida a todos quantos acompanham esta história notável.

ATESTADO PELO REV. T. SIMCOX LEA, D.D.

«Na manhã deste dia, 1 de Setembro de 1921, estava eu em Glastonbury, tendo combinado encontrar-me com o Sr. Bligh Bond na Abadia por volta das 10h30. Cheguei cerca de meia hora antes dele e observei as operações de escavação no lado norte da Capela de São José, quando reparei num ressalto de pedra lavrada acabado de ser descoberto pelos escavadores, que concordaram ser algo novo. Pouco depois chegou o Sr. Bond, e o seu primeiro comentário foi: “Isso deve ser algo que os Administradores puseram aí”, ou palavras nesse sentido. Ele associava claramente aquilo a algum trabalho de protecção feito para garantir a segurança de uma janela da cripta. Mas depressa se tornou claro que o que tínhamos encontrado era um bloco sólido de alvenaria, que não podia estar ligado à actual Capela de São José; e à noite, fui a Elton Cottage, onde o Sr. Bond me mostrou o texto de 26 de Agosto, que indicava as fundações de uma igreja por fora, e paralela, à parede norte da Capela de São José. Na verdade, o pedaço de parede descoberto parecia estar precisamente na posição indicada no texto, e fui-me convencendo de que a afirmação do texto de que era uma parede construída por um abade normando para proteger a 'Vetusta Ecclesia' pode muito bem ser verdadeira.

Em resumo, o meu testemunho é que vi o texto com o seu diagrama no próprio dia da descoberta da alvenaria, e a descoberta parece coincidir com o diagrama.

(Assinado) T. S. LEA,
Vigário de St. Austell.»
1 de Setembro de 1921

A parede de Herlewin encontrou-se a si mesma: não esperou que eu originasse a busca. No bordo interior da parede, e entre ela e a Capela da Senhora, existe apenas um espaço estreito, mas nele ainda há vestígios das lascas de carvão do incêndio—visíveis, e mais poderão ainda subsistir a uma profundidade maior do que a que alcancei. Nada, claro, resta, nem pode restar,

da própria Ecclesia Vetusta, pois não só a nova Capela foi construída sobre o seu local, mas também a cripta do século XVI foi escavada em toda a sua extensão, e o solo sagrado foi removido.

Portanto, se os nossos antigos amigos nos dizem que a podemos tornar a ver, teremos de, pela fé, agarrar-nos à “substância das coisas invisíveis”, ao “Original imperecível da imagem temporal que subsiste nas esferas etéricas quando o seu correspondente terreno e símbolo foi dissolvido”. Essas esferas interpenetram a nossa própria, insensíveis à nossa visão mais grosseira, nem se tornarão perceptíveis à raça em geral até ao Dia da Manifestação da Substância Imaterial—o dia em que o nosso modo humano de pensar será elevado a um nível vibratório mais alto, e as nossas percepções se sintonizarão com os ritmos de uma ordem superior, tornando-nos conscientes de uma nova e mais elevada série de contactos mentais e psíquicos, ao passo que, simultaneamente, os habitantes dessa esfera superior sentirão um novo e vívido contacto connosco. Este é o tema recorrente das mensagens recebidas nos textos de John Alleyne e do Irmão Symon.

APÊNDICE A

SOBRE AS MEDIDAS SIMBÓLICAS DO CÍRCULO DOS DOZE

Para encontrar a base dos nossos Números Sagrados, é preciso recuar até antes da Era Cristã. A tradição desce-nos em parte pelos filósofos gregos, em parte pelo sacerdócio hebraico, e as suas origens podem ser procuradas no passado longínquo da sabedoria egípcia e caldaica. A essência dessa sabedoria, na sua forma mais pura, isto é, o símbolo geométrico, foi incorporada nos ensinamentos do cristianismo apostólico e era ensinada aos iniciados nos mistérios da nossa religião. Quando compreendidas correctamente, as relações desses números astronómicos sagrados são muito perfeitas, e proporcionam material de estudo perpétuo e deleitoso.

Aqui, podemos seguir apenas uma das linhas possíveis, mas a sua estrutura será clara, para que o estudante possa preencher por si mesmo o corpo completo das relações existentes entre eles e descobrir os significados inerentes às suas associações mais subtis.

Primeiro, então, tomemos o símbolo da Divindade Suprema, o Círculo, conhecido e reconhecido como tal pelos filósofos e referido por Platão, que nos dá o Círculo Κύκλος como a Forma do “Deus acima de Todos, ὁ ἐπὶ πασι θεός”.

O estudante de números místicos notará que Κύκλος soma 740, pela contagem das suas letras como indicado, e ὁ ἐπὶ πασι θεός tem a mesma soma. Isto, naturalmente, não é coincidência, mas prova de intenção na formação das palavras.

“Criação”, Κρίους, quando contada, tem o mesmo valor numérico, e “criação” é o Ciclo da Manifestação de Deus. Tomamos, portanto, 740 como número básico no cálculo do Círculo como símbolo do governo Divino.

Este Círculo, visto astronomicamente, está relacionado com os Ciclos do Tempo que regem a vida dos homens e das nações. O menor era o segundo do tempo, medido pelo batimento do coração, ou pulso vital. O minuto, a hora e o dia são múltiplos doze desta unidade. Há, numa hora, 3.600 segundos. Da mesma forma, na geometria do Círculo, há 360 graus e 3.600 décimos de grau.

No ano convencional ou sacerdotal há Doze meses, cada um com Trinta dias, perfazendo um total de 360 dias. Este ano convencional é a medida humana do Incomensurável, a harmonia

dos anos Lunar e Solar de 355 e 365 dias—mais uma vez convenções do Incomensurável, já que ambos os períodos são fraccionários.

ISRAEL, com as suas Doze Tribos, simboliza o domínio destinado de Deus sobre toda a terra através da Semente escolhida de Abraão, e o Círculo Solar é, astronomicamente, o tipo do grande Acampamento das Doze Tribos em torno do Tabernáculo do Sol, no qual resplandece a luz de Deus. Doze vezes se projecta o poder do Uno: da Fonte Central de Luz os raios saem para iluminar o Cosmos, e o Cosmos devolve um reflexo doze vezes da Luz. Assim, em símbolo, descrevemos um Círculo central representando o Sol, e à sua volta outro Círculo, com doze vezes o diâmetro do primeiro. Tomemos então o 740 Κύκλος como Círculo primário de Deus, sendo o Sol o seu tipo—e à volta dele o Círculo exterior, medindo 12×740 , ou seja, 8.880. E mais uma vez, seguindo os indícios dos nossos livros sagrados, lembramos que de cada Tribo dos Eleitos no Livro do Apocalipse são selados Doze Mil, encontrando então um Círculo ainda maior, dividido em Doze vezes Doze, perfazendo 144.000. Para este Círculo maior, multiplicamos mais uma vez por Doze, chegando finalmente ao número dos Eleitos, o Círculo perfeito, $740 \times 12 \times 12 = 106.560$. O 8.880 contém a tríade mística das perfeições, os Três Cubos do Templo, e é o número do Mestre, Jesus, Ἰησοῦς = 888, sobre o qual número Ireneu diz conter um mistério aritmético, “conhecido pelos chamados”. Mas é ao número maior, 10.656 ou 106.560, que devemos agora prestar atenção, se quisermos compreender o pleno significado deste simbolismo. Os zeros não são materiais: só os dígitos significativos importam, pois o resto nada representa neste modo antigo de interpretação.

Assim, temos os Três Círculos, o mais interior representando o Sol como tipo de Deus; o círculo do meio representando Israel, através de cuja divisão doze vezes Deus media e está destinado a controlar o seu universo; o exterior como tipo do Cosmos perfeito da Humanidade regenerada e do domínio soberano de Deus sobre todas as coisas no Universo. Assim, no círculo exterior, procuramos o verdadeiro tipo dos Signos celestes e os números completos das Doze Agências Divinas do governo.

ENUMERAÇÃO DOS SIGNOS

Como primeiro passo, tomemos os nomes dos Doze Signos do Zodíaco em grego e vejamos qual é o seu total pelo mesmo método de “Gematria”, escrevendo o número por letra em cada caso.

Há várias formas de chegar ao mesmo resultado, pois existem diversas variantes dos termos gregos utilizados para designar os Doze Signos. Destas bastará apresentar duas:

Substituindo-se a Águia (Αετός) pelo Escorpião e usando outra palavra para a Balança, e de outras formas demasiado numerosas para citar, encontramos o mesmo total, ou outro muito próximo. Assim:

O Carneiro
O Touro
Os Gémeos
O Caranguejo
O Leão
A Virgem
Κριός
Ταύρος
400

400 Κριός 1.071 Ταύρος 1.071 Δίδυμος 728 Δίδυμα 459
Καρκίνος 471 Καρκίνος 471

A Balança

O Escorpião ou a Águia

O Arqueiro

A Cabra

O Aguadeiro

Os Peixes

Λέων

885 Λέων

885

Παρθένος

Σταθμός Αετός

515 Κούρη 598 820 Πλάστιγγες 832

576

Τοξευτήρ 1.243

Σκορπίος 750 Τοξευτήρ 1.243

Αιγόκερως 1.209

Αιγόκερως 1.209

Υδροφόρος 1.514

Υδροχόος 1.514

Ιχθύες 1.224

Ιχθύες 1.224

10.656

10.656

ENUMERAÇÃO DOS EXÉRCITOS DE ISRAEL.

O Livro dos Números é ainda um mistério não resolvido, embora se saiba conter muitos segredos numéricos e astronômicos. Se examinarmos este livro, vemos que ele era antigamente dividido em trinta e seis capítulos, formando um ciclo típico da geometria do Círculo. A alternativa de divisão em Dez Parashot ou secções maiores parece significar a Divisão Decimal do mesmo círculo, e as duas combinadas indicam, naturalmente, os 360 graus do Grande Círculo.

Mas reparamos também que no primeiro capítulo nos são dados Trinta e Seis Nomes, os das Tribos, dos Capitães das Tribos e dos Pais dos Capitães. Porque são estes nomes indicados? Certamente não será por mero detalhe histórico. Escrevamos os trinta e seis nomes em hebraico e somemos o valor das letras. O total será 10.656.

Mas, para tornar isto mais significativo e fiável como índice da intenção subjacente a toda a Escritura Sagrada, devemos recorrer também ao grego. E a nossa indicação mais clara não estará no texto imperfeito e mutilado da Septuaginta, mas no melhor texto do Livro do Apocalipse, onde, no capítulo sétimo, encontramos a lista das Doze Tribos, cada qual fornecendo a sua quota de 12.000 para a contagem dos Eleitos. Ora, se encontrarmos aqui uma correspondência óbvia, caberá aos nossos teólogos decidir se tal paralelo é fruto apenas da engenhosidade dos escribas, ou se foi colocado no texto por orientação divina, pela inspiração do Espírito Santo. Recordemos a descrição que Jacob faz do carácter de cada um dos seus filhos, para não esquecermos que existe uma verdadeira equação entre cada Tribo e

o correspondente Signo do Zodíaco. A maioria destes é distinguível pelo leitor atento. Todos podem ser identificados pelo estudante avançado. Darei agora enumerações paralelas dos nomes dos Doze Apóstolos, tal como aparecem em várias passagens do Novo Testamento em grego.

Tal como os Nomes Zodiacais, estes apresentam-se sob várias formas, e, pela permutação destas, o número 10.656 é obtido de diversas maneiras. Dou aqui alguns exemplos representativos. É importante notar...

ENUMERAÇÃO DOS XII. NOMES DADOS NO LIVRO DO APOCALIPSE, CAPÍTULO VII.

(1) Da tribo de Judá são selados doze mil:

ΙΟΥΔΑ (10 + 70 + 400 + 4 + 1)

485×12

5.820

(2) De Rúben, doze mil:

ΡΟΥΒΗΝ (100 + 70 + 400 + 2 + 8 + 50)

630×12

7.560

(3) De Gad, doze mil:

ΓΑΔ (3 + 1 + 4)

8×12

96

(4) De Aser, doze mil:

ΑΣΗΡ (1 + 200 + 8 + 100)

309×12

3.708

(5) De Neftali, doze mil:

ΝΕΦΘΑΛΕΙΜ (50 + 5 + 500 + 9 + 1 + 30 + 5 + 10 + 40)

650×12

7.800

(6) De Manassés, doze mil:

ΜΑΝΑΣΣΗΣ (40 + 1 + 50 + 1 + 200 + 200 + 8 + 200)

700×12

8.400

(7) De Simeão, doze mil:

ΣΥΜΕΩΝ (200 + 400 + 40 + 5 + 800 + 50)

1.495×12

17.940

(8) De Levi, doze mil:

ΛΕΥΙ (30 + 5 + 400 + 10)

445×12

5.340

(9) De Issacar, doze mil:

ΙΣΣΑΧΑΡ (10 + 200 + 200 + 1 + 600 + 1 + 100)

1.112×12

13.344

(10) De Zabulon, doze mil:

ΖΑΒΟΥΛΩΝ (7+1 +2 +70 +400 +30 +800 +50)

$1,360 \times 12$

16,320

(11) De José, doze mil:

ΙΩΣΗΦ (10 + 800 + 300 + 8 + 500)

$1.518 \times 12 = 18.216$

(12) De Benjamim, doze mil:

ΒΕΝΙΑΜΙΝ (2 + 5 + 50 + 10 + 1 + 40 + 10 + 50)

$168 \times 12 = 2.016$

Total geral:

$8.880 \times 12 = 106.560$

ENUMERAÇÃO DOS TRINTA E SEIS NOMES DADOS NO PRIMEIRO CAPÍTULO DO LIVRO DOS NÚMEROS (VERSÍCULOS 5-16)

1. Rúben
2. Simeão
3. Judá
 - Hebr. RAVBN 466 SHMOVN 259 IEVDE 30
 - Elizur
 - Hebr. ALITzVR 531
 - Shelumiel
 - ShLMIAL 337
 - Nahshon
 - NChShVN 411
4. Issacar
 - ISSKR 830
 - Nethaneel
 - NTHNAL 414
 - Filho de Sedeur
 - ShDIAVR 521
 - Zurishaddai
 - TzVRIShDDI 624
 - Aminadabe
 - OMMINDB 216
 - Zuar
 - TzVOR 366

5. Zebulão
ZBVLN 95
Eliabe
ALIAB 44
Helom
ChLN 88
6. Efraim
APHRIM 331
Elisama
ALISHMO 451
Ammihud
OMMIHVD 175
7. Manassés
MNSE 395
Gamaliel
GMLIAL 114
Pedazur
PDETzVR 385
8. Benjamim
BNIMIN 162
Abidã
ABIDN 67
Gideon
GDONI 137
9. Dã
DN 54
Aiezer
ACHIOZR 296
Ammisadai
OMMISHDDI 478
10. Aser
ASHR 501
Pagiel
PGOIAL 194
Ocran
OKRN 3.700
11. Gade
GD 7
Eliasafe
ALISPh 181
Deuel
DOVAL 3.329
12. Naftali
NPhThLI 570

Aira
ACHIRO 289
Enã
OINN 3.621

Ou, se Gideoni for escrito como Gideon, GDOVNI, acrescenta-se 6.

RESUMO DOS CÁLCULOS

XII Tribos de Israel

$3.700 = 37 \times 100$

XII Capitães das Tribos

$3.329 + 1 = 3.330 = 37 \times 90$

XII Pais dos Capitães

$3.627 = 37 \times 98$

37×288 ou 74×144

Mostrando que o cálculo no Antigo Testamento é o mesmo que no Livro do Apocalipse, e que ambos representam Israel como o Grande Círculo dos 144.000 eleitos.

10.656

10.656

É preciso deixar claro que estes cálculos são apresentados apenas para interesse do leitor, não reivindicando qualquer autenticidade especial como as duas contagens bíblicas directas já apresentadas. Contudo, parecem mostrar que estas variantes dos Nomes Apostólicos podem ter sido organizadas para produzir totais em torno de 10.656, sendo este valor médio ou aparente entre os vários possíveis.

Exemplo I:

Pedro: ΠΕΤΡΟΣ 755

André: ΑΝΔΡΕΑΣ 361

Tiago: ΙΑΚΩΒΟΣ 1.103

João: ΙΩΑΝΝΗΣ 1.119

Filipe: ΦΙΛΙΠΠΟΣ 980

Natanael: ΝΑΘΑΝΑΗΛ 150

Levi: ΛΕΥΙ 445

Tomé: ΘΩΜΑΣ 1.050

Tiago, filho de Alfeu: ΙΑΚΩΒΟΣ ΑΛΦΑΙΟΥ 2.115

Lebeu: ΛΕΒΒΑΙΟΣ 320

Simão o Cananeu: ΣΙΜΩΝ ὁ ΚΑΝΑΝΑΙΟΣ 1.573

Judas: ΙΟΥΔΑΣ 685

Total: 10.656

Exemplo II:

Pedro: ΠΕΤΡΟΣ 755

André: ΑΝΔΡΕΑΣ 361

Tiago, filho de Zebedeu: ΙΑΚΩΒΟΣ ΖΕΒΕΔΑΙΟΥ 1.607

Filipe: ΦΙΛΙΠΠΟΣ 980

Natanael: ΝΑΘΑΝΑΗΛ 150

Levi: ΛΕΥΙ 445
Dídimo: ΔΙΔΥΜΟΣ 728
Tiago: ΙΑΚΩΒΟΣ 1.103
Judas: ΙΟΥΔΑΣ 685
Simão o Cananeu: ΣΙΜΩΝ ὁ ΚΑΝΑΝΑΙΟΣ 1.573
Iscariotes: ΙΣΚΑΡΙΩΘ 1.150
João
Total: 10.656

APÊNDICE B

Num texto posterior (LXVII, 5 de Novembro de 1922) é dada uma tabela mais completa das reconstruções e adições sucessivas. Aqui a apresento. As obras de EWALD e TATWYN são completamente desconhecidas.

"ECCLESIA VETUSTA e as Celas Redondas, primeira
e Igreja de Madeira, de PATRAIC
e Igreja de Pedra, de INA
e Igreja de Pedra, de DUNSTANO
e novamente reconstruída por EWALDUS ABBAS
(Nota: Ewaldus provavelmente = Aethelwald, 5.º Abade depois de Dunstano na crónica de
Malmsbury)
e novamente por TATWYN, Prior, em partes
(TATWYN é um nome desconhecido na história. —F.B.B.)
e depois por TURSTIN, que muito saqueou
e uma vez mais, Inglesa, de HERLWIN
depois o Incêndio, e a obra de FitzStephen
(Crónica continuada após 1184 d.C.)
Algo de EDUARDO de CAERNARVON, Rei.
Um Abade de TAUNTON: e um prior primeiro, depois Abade no reinado do Rei EDUARDO DE
WINDSOR
e MONINGTON ABBAS, ainda muitos
e BEERE o Abade
e Ele, o Nosso MÁRTIR.
Assim foi."

IMPRESSO NA GRÃ-BRETANHA POR
BILLING AND SONS, LTD., GUILDFORD AND ESHER

